

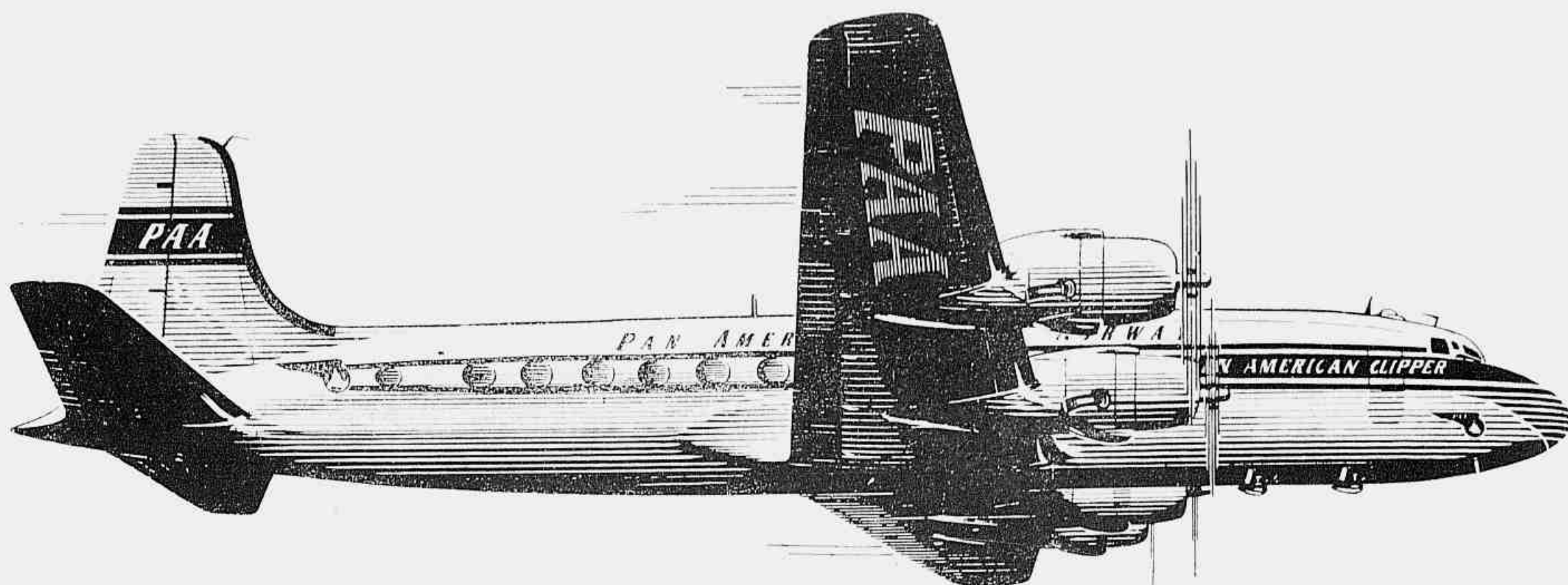
REVISTA DA SEMANA

N.º 29

17-7-48

Cr\$ 3,00 em todo o Brasil





Viaje pela PAA

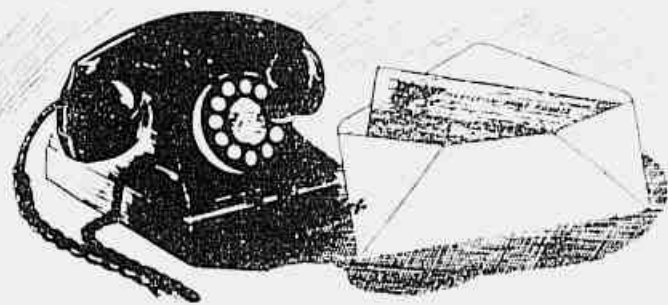
melhor maneira não há!



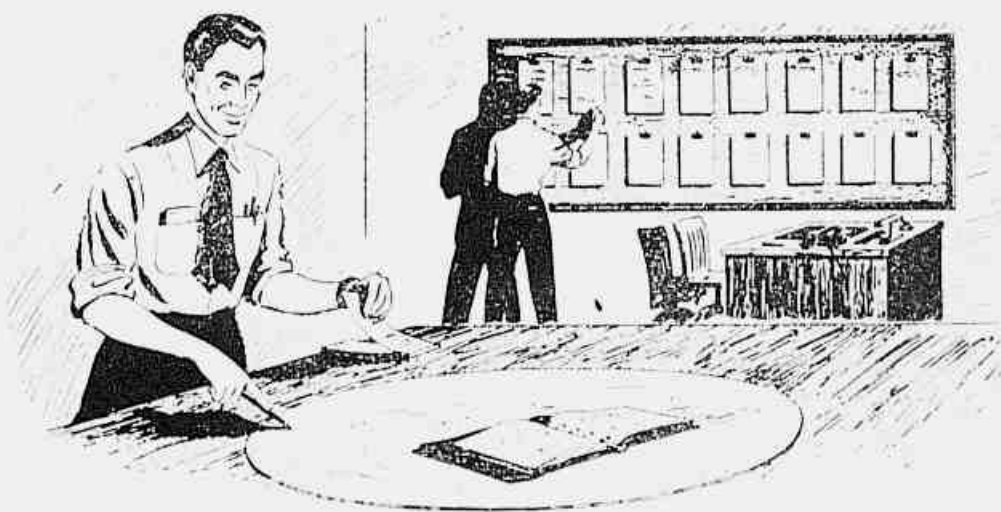
A Pan American insiste em dar a máxima atenção aos mínimos detalhes de sua viagem.



É um prazer para o viajante internacional verificar a simplicidade de uma viagem por Clipper – desde a reserva da passagem até a chegada.



As agências de passagens da PAA, convenientemente localizadas em toda parte, põem ao seu alcance os mais longínquos recantos da terra.



Através de todo o mundo, a vasta rede meteorológica da PAA mantém uma vigília constante – perscrutando, prevendo, cartografando – numa assistência vital que somente um perfeito conhecimento pode proporcionar – assegurando assim a V. S. os padrões mais elevados de segurança e conforto.

PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS

A Rede dos Clippers Voadores



PASSAGEIROS — CLIPPER CARGO — CORRESPONDÊNCIA

O luto não assenta bem nas crianças

MUITOS falarão de Monteiro Lobato o amigo. Muitos de Monteiro Lobato o contista. Naturalmente, aqueles que lhe conhecem a fundo a obra literária saberão fazer um estudo cuidadoso, examinando ângulo por ângulo de sua copiosa produção. Nem faltará quem o examine como o homem político, o homem de atitude deliberada. Com toda segurança, virá o anedotário, que Monteiro Lobato era fecundo em anedotas. E' até possível que a gente, por todos os lados se volte, encontre a figura de Monteiro Lobato projetada de certa maneira. Ele era assim, polimorfo.

Mas eu quero falar aqui daquilo que sei muito bem, e o que eu sei é do carinho que as crianças tinham por ele. Qual "Chapeuzinho Vermelho", qual "Branca de Neve", qual nada! Há muito tempo que o Marquês de Sabugosa entrou em conchavos com Narizinho e outras pessoas e pôs toda essa gente antiga no chinelo. Houve capitulação dos leitores infantis, e o Sítio de Dona Benta é hoje o Castelo Encantado do território nacional. E' o castelo tradicional das histórias de crianças. Só que tem que não é castelo, mas um sítio, com laranjeiras, jaboticabeiras, caldo de cana, bolinhos de arroz, tapioca e lagartos muito preguiçosos que dormem ao sol. Com um sítio dessa natureza, onde as crianças deliberam e a gente grande escuta, quem é que pode? Entretanto, eu posso garantir que muitos outros castelos foram inventados, muitos sítios lançados diante dos rostos infantis, sem que houvesse essa adesão literal.

As crianças capitularam diante de Monteiro Lobato por uma razão muito justa. Descobriram de início que Monteiro Lobato gostava de crianças. Amor se paga com amor. As crianças sabem disso. E retribuíram o afeto de Monteiro Lobato com um afeto igual.

Deu-se até um fenômeno curioso. A figura de Monteiro Lobato consegue roubar um pouco do prestígio de seus próprios personagens, junto das crianças. Tal fenômeno nunca se deu com Perrault, nem com Collodi, nem com nenhum outro escritor que se deu às crianças. Pinóquio é Pinóquio e o seu autor não toma parte nessas camaradagens. Mas olhem para Monteiro Lobato e vejam como ele está presente quando uma criança lê um de seus livros. E como sabe que aquelas aventuras todas lhe são contadas pelo seu amigo Lobato. Não pensem que se consegue iludir as crianças. Elas têm um sentido aguçado. São mães, ladinas. Sabem quando um escritor arregaça as mangas, senta-se à máquina de escrever e "fabrica" uma história. E sabem também quando um escritor se senta à máquina e se põe a contar uma história com muita amizade, com um carregamento de ternura particular, dedicada aos seus leitores.

Por isso mesmo, no dia em que todos os jornais falaram na morte de Lobato, eu esperava uma manchete. Não veio. "Morreu o maior amigo das crianças brasileiras", era o que devia ter sido dito. Pois não me consta que ninguém tenha sido tão amigo, mas tão amigo querido, como Lobato o foi. Entretanto, não só não vi tal manchete, como quase todos os necrológios eliminaram seus livros infantis, como se fossem uma coisa indigna de aparecer. Por que? Que cantem outros os seus contos, os seus panfletos, e até aquele seu horrível romance "O choque". Eu quero cantar o Lobato das crianças, porque ele lhes pertence, para sempre. E elas é que compreendem direito o que significa a morte de Lobato. Os grandes, para quem ele tanto escreveu, enxugarão uma lágrima hoje e pensarão em outras coisas amanhã. Mas as crianças lhes serão fiéis. Eu não queria agora estar na pele de nenhum pai, de nenhuma mãe, tia, madrinha ou amiga de um leitor assíduo de Lobato. Deus me livre de ter que contar que o homem que descobriu o processo de fazer a gramática ficar engraçada morreu. Que o homem que resolveu a captura do Minotauro engordando-o com bolinhos sentado numa cadeira, não existe mais. Deus me livre de enfrentar o rosto magoado, os olhos aflitos, a tristeza de uma criança. Eu viraria aquela avó de Katherine Mansfield, que vendo o neto sofrer muito, doente, descobria nos olhos dele uma acusação silenciosa. Todo o seu problema consistia em explicar que não tinha culpa, que por causa dela ele não sofreria nunca. Pois será bem difícil enfrentar o luto dessas crianças, que de norte a sul estarão perguntando por que Lobato morreu. E que jamais poderão achar que um homem assim se acabasse, como qualquer pessoa. Devia entrar pelos cem anos, fazer cento e um, cento e vinte, cento e cinquenta. Pois era muito amado e devia viver muito.

Quando essas crianças crescerem, entretanto, hão de verificar que talvez os grandes tivessem alguma culpa. Que seu coração tivesse enfraquecido, de tanto lutar com os grandes. Porque Lobato morreu do coração. E não poderia ter morrido de outra coisa.

LUCIA BENEDETTI

Para "REVISTA DA SEMANA"

SUMÁRIO

COLABORAÇÃO

- O luto não assenta bem nas crianças
(Lúcia Benedetti) 3

BIOGRAFIA

- A vida de Maupassant (Henry Thomas
e Dana Lee Thomas) 26

CARICATURA

- Bom humor 28/29

REPORTAGENS

- Monteiro Lobato, encarnação de D. Quixote e do saci (Herman Lima) 6/9
A televisão em marcha (Jack Delanty) 10/15
O primeiro teatro mecanizado do Brasil (Herbert Martin) 24/25
Carmen Miranda conquista o público em Londres (George Konig) 30/33

CONTOS

- Uma despedida (Ferenc Molnar) 19
Evangeline (Joaquim Paço D'Arcos) 20/21
Primeira mentira (Lola Kneip de Melo) 22
O tesouro dos Inconfidentes (Luis Canabrava) 27

SEÇÕES PERMANENTES

- A Semana em Revista 4
O Mundo Marcha 5
Cine Revista 16
O Filme da Semana 17
Broadcast 34
Vida Literária 35
Livros Novos (João Luso) 36
Pelos Estradas do Céu 49
Cancioneiro Internacional 52
Música 53

SUPLEMENTO DA MULHER

- Nos bastidores femininos (Kitty) 37
O espírito feminino através dos tempos 44
A personalidade da semana (Sarah Marques) 45
Mães e filhos (Zóia de Laet) 46
Muro das lamentações 47
"Week-end" na cozinha (Marie Cook) 48

FOLHETIM

- Ninguém escapa (Faith Baldwin-J. Schabelitz) 57/58

ILUSTRADORES

- Armando Moura
Orlando Matos
Ana Zagorska
Luis Canabrava

NOSSA CAPA

Ilustra hoje a nossa capa uma conhecida dos fãs. E' a miudinha e inconfundível Verônica Lake, da Paramount, que usou o talento e um penteado tapa-olho para vencer em Hollywood. Seus últimos filmes, um dos quais está sendo exibido no momento, são: "Saigon", ao lado de Alan Ladd, seu par preferido, e "As duas santinhas", com Joan Caulfield, Barry Fitzgerald e George Reeves. Este último "astro" faz o seu reaparecimento neste filme, depois de um longo afastamento dos estúdios.



a Semaninha EM REVISTA

PROBLEMAS DO TRÁFEGO URBANO



O senhor Edgar Estrêla, no seu afã para descongestionar o tráfego da cidade, fica tocando flauta. Fapa um buraco para abrir outro, isto é, resolve uma dificuldade, criando imediatamente uma nova. Está sendo assim com a mão única, das cinco às sete para a zona sul. Quando essa inovação foi aplicada à avenida Beira Mar, continuando pela praia de Botafogo, até o Mourisco, os resultados foram relativamente compensadores. O escoamento dos autos e ônibus para Copacabana foi rápido e a volta, se bem que um pouco demorada, era ainda vantajosa para os autos coletivos. A Inspetoria de Tráfego publicou por esse tempo dados estatísticos que fizeram silenciar os que ainda teimavam em reclamar. Dizia esse departamento que naquele horário o tráfego da cidade para a zona sul era quatro vezes maior que o de retorno. Com essa modificação, os bondes que trafegavam pela rua do Catete foram os grandes prejudicados, arrastando-se ainda mais por aquela artéria. Em todo o caso, como ficou dito, a mão única na avenida Beira Mar era relativamente vantajosa.

Entretanto, o senhor Estrêla entusiasmou-se e resolveu adotar a mão única quase que em toda a cidade. A avenida Rio Branco, via principal de ligação entre o norte e o sul da cidade, passou a acompanhar o projeto e das cinco da tarde às sete da noite os carros só poderão trafegar da Praça Mauá em direção ao Monroe. Para os automóveis, esta medida é um presente do céu! Da Praça Mauá até o Mourisco o asfalto virou pista de corridas. O senhor Estrêla criou uma "Gávea" diária, dentro do célebre horário! Os carros na avenida Rio Branco não obedecem mais o campo neutro formado pelo centro da artéria. O pobre do cidadão que procura se abrigar no centro da avenida, como habitualmente se faz durante o dia, está tão perto da morte como se estivesse entre os trilhos da Central na hora da passagem do "trem azul". Mas este não é o maior inconveniente da medida. Os maiores prejudicados com este benefício que o senhor Estrêla concedeu aos automobilistas (inclusive a ele próprio, que também o é), foram os passageiros dos bondes da zona sul. Vinte mil passageiros que se dirigem para as suas residências entre as quinze e dezessete horas, para Botafogo, Copacabana, Leme, Ipanema, etc. — ficaram totalmente impossibilitados de se locomoverem. Isto porque setenta bondes permanecem encurralados a essa hora na rua do Catete e, principalmente, na avenida Augusto Severo, sem poderem ao menos atingir o Tabuleiro da Baiana. Não é justo que

se prejudique diariamente vinte mil modestos passageiros dos elétricos para benefício exclusivo dos que se utilizam de lotações, carros particulares e ônibus. Até aparecer esta medida da mão única, o bonde levava trinta minutos para ir do Tabuleiro da Baiana ao Largo do Machado. Tempo já excessivo. Agora, gasta nada menos de hora e meia. Vai-se a Petrópolis em um tempo igual ao que nosso vizinho leva para ir da cidade à Praça José de Alencar. Como se vê, isto não é solução para o problema do tráfego da cidade. Benefício para alguns e aflição para milhares não é um processo democrático de administrar e resolver os problemas públicos. Alguns motoristas aventaram a idéia de também os bondes seguirem em mão única naquele horário para a zona sul. Subiriam pela praia do Flamengo e desciriam por Senador Vergueiro e rua do Catete. Mesmo assim haveria novo encurralamento na avenida Augusto Severo. O que a Inspetoria de Tráfego poderia experimentar era acabar de vez com a vinda dos bondes até o coração da cidade, no Tabuleiro. Todos eles deveriam regressar da Praça Paris, contornando o largo da Lapa e voltando pela rua da Lapa, ou por outras linhas que se construíssem no ponto terminal da Praça Paris. Talvez que ao sair este tópico, a Inspetoria já tenha abandonado a idéia da mão única na avenida Rio Branco. Se já fez, os nossos parabéns. Se ainda persiste nesse absurdo, os nossos protestos.

UM GRANDE EXEMPLO DA U. D. N.



A União Democrática Nacional acaba de oferecer ao povo brasileiro, e, especialmente, à nossa elite política, um exemplo magnífico, que bem merece ser registrado, como uma prova da evolução dos nossos costumes e do conceito em que hoje em dia é tida a atuação partidária. Aquêlê partido político, que surgiu empunhando a bandeira da restauração democrática e da regeneração do regime, exigindo a prática das verdadeiras normas do civismo e da boa ética política, combatendo os "profiteurs" da ditadura e os que abusavam do poder, traindo o povo e agindo contrariamente aos interesses populares, acaba de tomar uma resolução em absoluta coerência com esses princípios, mas que, apesar disso, constitui um caso absolutamente inédito em nosso país. Qual é esse acontecimento assombroso, pela primeira vez registrado pelos anais da nossa vida partidária? É nada mais nada menos que a exclusão, de suas fileiras, de um deputado que se revelou incapaz, omissor, displicente, não fazendo o menor esforço para bem desempenhar

o seu mandato. Esse deputado udenista era o senhor Romeu de Andrade Lourenção, representante (?) do Estado de São Paulo. Embora constantemente convidado a zelar pelo bom desempenho do mandato e pelos interesses do Partido, o sr. Romeu de Andrade Lourenção continuou displicentemente ausente da Câmara dos Deputados, sem tomar parte nas sessões, sem realizar qualquer espécie de trabalho nas comissões, sem fazer absolutamente nada, em suma, a não ser embolsar regularmente a parte fixa do seu subsídio. Excluindo esse deputado de suas fileiras, precisamente em um momento em que predomina o desejo, em certos partidos, de crescer à custa de defeições operadas no seio de outras organizações partidárias, a União Democrática Nacional mais cresce no conceito geral. Ela está oferecendo o sr. Romeu de Andrade Lourenção a qualquer um desses partidos, como se ofereça um "poisson pourri"... Se esse deputado não é um insensível total, se lhe sobram alguns melindres, se é ainda capaz de alguns assomos de dignidade pessoal, não lhe resta outro caminho a tomar que não seja o de apresentar, o mais cedo possível, sua renúncia à mesa da Câmara dos Deputados, devolvendo ao eleitorado, em geral, e à U. D. N., em particular, o mandato que não soube ou não quis cumprir...

UM GRANDE EXEMPLO QUE A INGLATERRA OFERECE



A Inglaterra, pioneira de tantas e tão belas iniciativas, país que tem sido um dos guias da civilização contemporânea e que, ainda há pouco, fez os mais extremos sacrifícios em prol da liberdade humana, acaba de tomar, por inspiração do seu governo, uma das medidas mais transcendentes e mais revolucionárias de que há exemplo, nos últimos tempos, — a nacionalização da saúde pública, ou seja, da profissão médica e do comércio de medicamentos. Com essa medida, visa a Inglaterra colocar, ao alcance de todos, a assistência médica e farmacêutica, de modo que ninguém pereça, de agora

em diante, à mingua de cuidados médicos e de medicamentos. Enquanto nós, no Brasil, nos perdemos no labirinto dos institutos e das caixas, em regime de grande confusão burocrática, por meio de descontos compulsórios que deviam ser recolhidos em sua totalidade ao Tesouro Nacional, em vez de serem canalizados para autarquias absorventes e dispendiosas, carregadas de milhares e milhares de funcionários, a Inglaterra resolve singelamente o seu problema, sem complicações e exigências de papelório. No Brasil, de resto, verifica-se este contrassenso, de que em poucos países, — e só em nações atrasadas, — se encontra o triste exemplo: a cobrança de selos do consumo sobre medicamentos considerados indispensáveis à cura das mil e umas moléstias que afligem esse pobre ser debilitado e enfermiço que é o homem brasileiro! Enquanto aqui procedemos assim, cobrando um imposto de consumo sobre a atebina que cura os nossos anquilosados, ou sobre as vitaminas que ajudam a le-

vantar as forças dos desnutridos, a Inglaterra aprova uma lei benemerita, segundo a qual a função dos médicos, dentistas e farmacêuticos se exerce em favor do Estado, responsável pela boa saúde da coletividade. Todas as contas de médicos, dentistas e farmácia; passam a ser pagas pelo poder público, mediante as tabelas razoáveis, havendo, por um lado, o controle exato das rendas desses profissionais, e por outro ficando assegurado ao operário a mesma espécie de tratamento a que possam ter direito os lordes e milionários. O Serviço Nacional de Saúde Pública da Inglaterra passa a ser, assim, um órgão de absoluta e perfeita socialização, completando uma nova etapa do gigantesco programa que o Partido Trabalhista prometeu realizar ao subir ao poder, sob a liderança de homens como Attlee, Bevin e outros. É mais um grande exemplo que a Inglaterra oferece ao mundo e que deve interessar particularmente a nós brasileiros...

ANO XLVII
N.º 29 — 17-7-48

REVISTA DA SEMANA

Diretor-Secretário:

R. MAGALHAES JUNIOR

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 140,00; Seis meses — Cr\$ 70,00

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 85,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 270,00; Seis meses — Cr\$ 140,00

O número avulso custa 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 3,50

Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels. — Gerência: 22-2550; Secretaria: 22-4447; Publicidade: 22-9570;

Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Corres. na Bahia: J. Machado Cunha, Av. 7 de Setembro, 149, Cid. do Salvador, Bahia. EM SÃO PAULO — Vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Cap. Salomão, 67 — Tel. 4-1569 — Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, à rua Brigadeiro Tobias, 613 — 2.º andar, sala 217. Telefone 6-6718.

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34 dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituintes, 1746, Montevideu. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299. Tel. 32. Avenida 9109, Buenos Aires.

Propriedade da CIA, EDITORA AMERICANA — Diretor-Presidente: GRATULIANO BRITO

Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PÁGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.



PARA nós brasileiros, a mais grave notícia da quinzena foi a morte de Monteiro Lobato. Dolorosa para todos, intelectuais ou não, porque como primeira qualidade ele possuía a de ser um lutador. Todos os seus livros de crítica sonhavam com um Brasil melhor, com um brasileiro mais forte, com governos honestos e dedicados. Monteiro Lobato passou a viver agora no espírito dos que ficaram. Viverá para sempre. A geração de hoje transmitirá à vindoura chama do seu idealismo. A infância passa à juventude adorando o mestre dos contos infantis. E difícil acostumar-nos com a idéia do seu desaparecimento. Ele está tão vivo em sua obra como ontem e ante-ontem. E continuará assim amanhã e depois. Apenas essa glória o Brasil pode lhe dar... Notícias de Santiago do Chile adiantam que os padres católicos desejam sindicalizar-se. Pelo teor do telegrama julgamos que este emprego no Chile já não está oferecendo as usuais garantias e os religiosos querem precaver-se... Uma nota de retificação: Na crônica "Rodrigues Alves e a Ingratidão dos cariocas", de R. Magalhães Júnior, inserta no número passado desta Revista, deve-se ler: — "moreu e Guaratinguetá, sua terra natal, lhe guardou os despojos", e não como saiu publicado... Foi inaugurada a Exposição Internacional de Indústria e Comércio em Quitandinha, apresentando mais de trezentos expositores... O general Agra Lacerda deverá entregar dentro de cinco dias ao ministro da Guerra o resultado do inquérito policial-militar sobre a catástrofe nos arsenais de Deodoro... Sessenta mil funcionários do Ministério da Fazenda entraram em greve, exigindo nova classificação nas escalas de salários. Em virtude dessa greve, passageiros de vários aviões internacionais que desceram em aeródromos franceses não foram inspecionados pela Alfândega. Os contrabandistas e clandestinos rejubilaram-se e torcem para que a greve perdure... Nas comemorações do 132.º aniversário da independência da Argentina, realizadas a nove de julho, o governo de Perón organizou monumental parada da força aérea. Pela primeira vez se apresentaram ao público aviões a jato e quadrimotores de bombardeio, recentemente adquiridos pela Argentina... Fez anos, no dia nove passado a Revolução Constitucionalista de São Paulo, ocorrida em 1932, quando a ditadura de Vargas já se iniciava. O gesto nobre dos paulistas foi durante muito tempo encoberto pelo Estado Novo que taxava aquela rebelião de movimento separatista... Uma providência que deve partir do Palácio do Catete para que a Inspetoria de Tráfego possa fazê-la cumprir: a ordem de apreensão de todos os carros oficiais quando os mesmos não estejam cumprindo a finalidade a que foram destinados. Em todos os jogos noturnos de futebol, como à saída dos cinemas e teatros, vêem-se os carros de chapa branca servindo de recreio às famílias dos graúdos... Notícia de Buenos Aires confirma a transplantação para a Argentina de uma fábrica de tecidos de seda, proveniente do Brasil. Este absurdo — os nossos capitalistas invertendo seus capitais no exterior, em detrimento da produção brasileira já foi ventilado nesta seção. Vieram desmentidos nos jornais. Agora, a própria Argentina confirma a notícia... Entre as dez pessoas que maiores proventos receberam nos Estados Unidos em 1946, figura o jornalista Walter Winchell, ombreado com Henry Ford II e Charles Wilson, este, presidente da General Motors. Aqui no Brasil os jornalistas podem figurar entre as pessoas que tiveram os menores salários em 1946. Em 1947 e 1948 continua acontecendo a mesma coisa... Um jornalista norte-americano criticou a voz de Frank Sinatra e recebeu imediatamente 12.300 cartas ameaçando-o de morte... Já que estamos em Hollywood, vamos contar que o multi-milionário Howard Hughes, dono entre outras coisas da patente da caneta birome, está adquirindo o grande estúdio de lá, aproveitando-se da crise momentânea que afflige o cinema... Para os fãs, o suicídio de Carole Landis foi um grande choque. Rex Harrison, marido de Lily, Palmer, que se tornara ultimamente íntimo da "estrela" foi quem achou o cadáver. O último filme de Carole, exibido no Rio foi "Quatro mulheres num jeep"... Correu o boato de que o líder comunista Luís Carlos Prestes, desaparecido desde o fechamento do PCB, estaria numa fazenda próxima a Tremembé, às portas da morte, vítima de uma tuberculose galopante... O cientista japonês Akira Saito prometeu fazer harakiri caso a Universidade de Tóquio não lhe dê meios que permitam provar que Einstein está errado a respeito de sua famosa teoria da relatividade... Foram realizadas as primeiras observações com o gigantesco telescópio de Hale, no Monte Palomar, cujo espelho mede cinco metros de diâmetro. Para se avaliar a potência dessa lente, basta dizer que o seu alcance atinge a uma distância equivalente a mil milhões de anos-luz. (Cada ano-luz é a distância que a luz percorre em um ano com a sua velocidade habitual de 300.000 quilômetros por segundo)... Um matutino divulgou certos resultados do censo de 1946. Assim é, que apenas 1,26% da população do Brasil recebe mais de dois mil cruzeiros por mês. Segundo a mesma notícia, a média da população está vivendo pior do que em 1877... A C. C. P. votou a tabelar as bebidas, tinturarias e cinemas. Espere-mos que desta vez consiga manter o que tabela... A UDN de São Paulo excluiu de suas fileiras o deputado federal Romeu Lourenço por motivo de sua ausência injustificável do plenário e das comissões. Nunca aparecia na Câmara para trabalhar, limitava-se a receber o subsídio. Com isto, aquele partido deu um belo exemplo de dignidade parlamentar... O general Eisenhower tem recebido as maiores manifestações de apreço de americanos filiados ao Partido Democrata, com o fito de fazê-lo aceitar sua candidatura à Convenção do Partido, como candidato à Presidência da República. O grande general tem se mantido coerente com suas primeiras declarações, achando que o seu lugar é na Universidade de Columbia, como educador... Este mesmo Partido está ameaçado de cisão devido à questão de igualdade para os negros. Os sulistas demócratas não apoiam a plataforma que procura estabelecer os mesmos direitos para brancos e negros... O deputado José Maria Alkimim declarou a um jornal de Belo Horizonte que na sua opinião os candidatos mais prováveis à sucessão presidencial seria: general Canrobert Pereira da Costa, governador Milton Campos e senador Nereu Ramos. Um semanário do Rio, através de uma "enquete" popular, aponta o nome do brigadeiro Eduardo Gomes como o mais votado. O público tem a obrigação de ir fazendo desde já a sua seleção, para no momento oportuno dar o seu voto conscientemente... O deputado integralista Godofredo Teles, o único existente na Câmara Federal, mas não eleito pelo Partido de Representação Popular (novo rótulo do integralismo), mas pelo PSD, realmente tem coragem! Subiu à tribuna da Câmara e pediu um voto de congratulações para o "Congresso de Estudantes" que o seu partido realiza na cidade de Campinas. Apesar da veemente condenação dessa desfaçatez fascista pelo senhor Prado Kelly e outros, votaram a favor das congratulações ao congresso integralista os deputados Godofredo Teles, Aristides Largura, padre Walfredo Gurgel, Ataliba Nogueira, Manoel Vitor, Leopoldo Perez, Manuel Duarte, José Maciel, Antonio Feliciano, Nicolau Vergueiro, Plínio Cavalcanti, Pereira da Silva, padre Medeiros Neto e general Flores da Cunha. Depois da votação, alguns deles se envergonharam e disseram só ter votado porque não sabiam que o tal congresso era político... Bem... Por hoje, é só. Até sábado vindouro!

Os Sofrimentos das Mulheres

Os médicos sabem as graves consequências que podem ter certos sofrimentos das mulheres, causados pelas congestões e inflamações dos importantes órgãos útero-ovarianos.



Esses sofrimentos as vezes são tão penosos que muitas mulheres receiam perder o domínio de seus nervos!

A vida assim é um martírio!

Para tratar as congestões e as inflamações útero-ovarianas, use **Regulador Gesteira** sem demora.

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelos sofrimentos do útero, peso no ventre, dores, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelo mau funcionamento do útero, fraqueza geral e desânimo, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, peso, calor e dores de cabeça, enjões, dores nas cadeiras, falta de disposição para fazer qualquer trabalho, cansaços e outras sérias alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

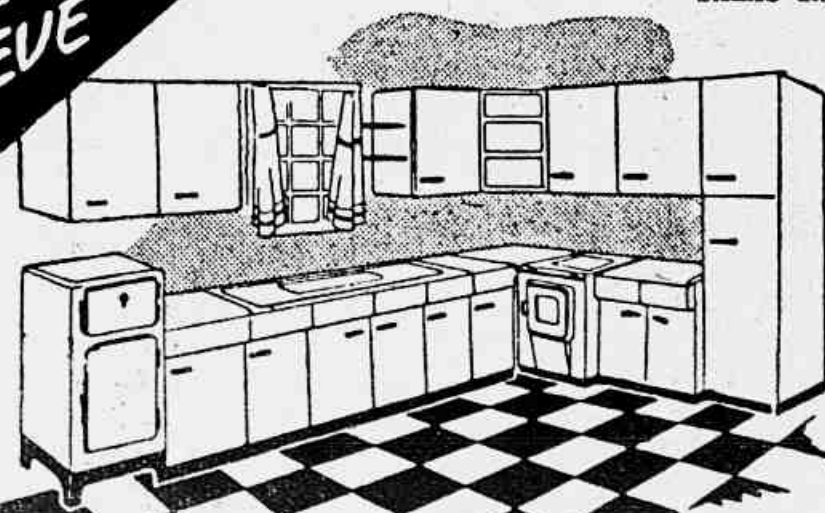
Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Gesteira**

O NOSSO CONCURSO DE CONTOS

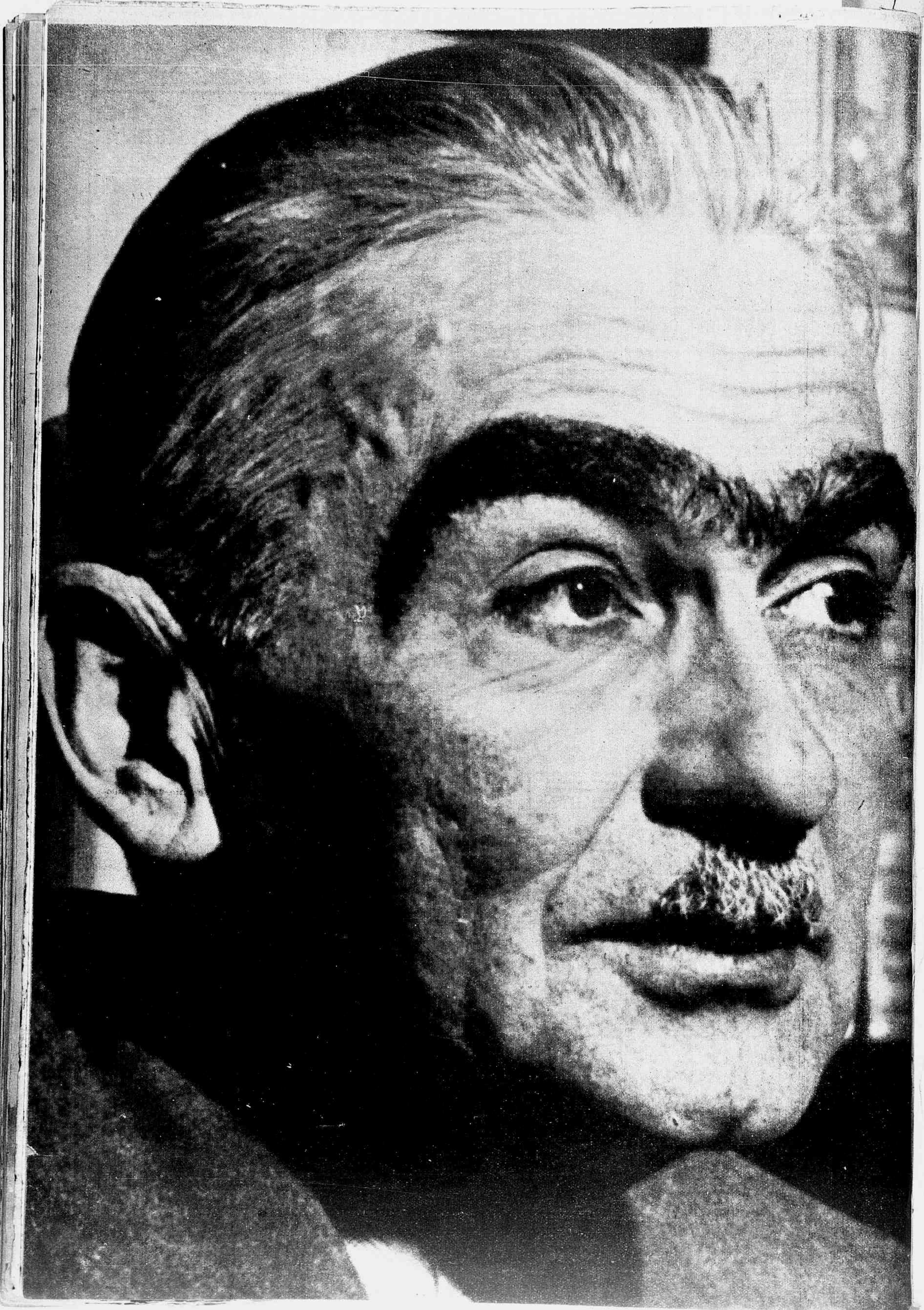
"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DOS SEUS LEITORES
São estas as bases do nosso concurso permanente de contos:

- 1 — Só serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.
- 2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.
- 3 — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana da publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.
- 4 — Os contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo office, em espaço dois, e no máximo oito folhas.
- 5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. E' desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: — "Concurso Permanente de Contos de REVISTA DA SEMANA".
- 6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e a banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

INDÚSTRIAS * * * * * Rua Rosa e Silva, 74 — Fones 5-1311 e 5-1322 — São Paulo
NEVE
VENDAS E EXPOSIÇÃO
ÚNICO REPRESENTANTE
A. BLUM SOBRINHO — 42-2455
RUA DO CARMO, 6 — 10.º AND.
— SALAS 1.009/1010



VISITE A NOSSA EXPOSIÇÃO PERMANENTE OU
PEÇA A VISITA DE UM NOSSO VENDEDOR
ESPECIALIZADO. Atendemos a qualquer consulta relativa ao nosso ramo.





Na página à esquerda — O grande escritor, em fotografia especial para a REVISTA DA SEMANA, quando da sua famosa entrevista, que determinou a retirada de sua candidatura à Academia de Letras. Em cima — Monteiro Lobato, examinando uma velha garrucha do tempo dos bandeirantes, tendo ao lado sua esposa, Dona Pureza da Natividade e suas filhas, Maria Lobato Campos, casada com o pintor Jurandir Campos e Ruth, solteira. Em baixo — Capa da primeira edição de "Urupês", desenho de José Wast Rodrigues. Essa edição foi ilustrada por Monteiro Lobato.

MONTEIRO LOBATO, ENCARNAÇÃO DE DOM QUIXOTE E DO SACY

UM CULTO DE TRINTA ANOS ★ DESCOBRIDOR DE MUNDOS E SUB-MUNDOS ★ TÔDA A SUA OBRA UMA DENÚNCIA ★ O HOMEM DO LIVRO BRASILEIRO E DO PETRÓLEO NACIONAL ★ CAMILO E FIALHO EM CAPILÉ ★ A SIMBIOSE DA MORTE

Por HERMAN LIMA
(Especial para REVISTA DA SEMANA)

A morte de Monteiro Lobato me toca de tão perto como a de um íntimo. Contudo, não o vi senão duas vezes, nossa correspondência não andou além de meia dúzia de cartas, tive com ele um só encontro, há coisa de três anos. Mas, é que esse pouco foi apenas a inexpressiva marca exterior duma funda e persistente admiração a que se unia uma afeição também assim teimosa e cordial de vários lustros.

Ainda agora, revejo, na sua correspondência da "Barca de Gleyre", uma nota de agosto de 1918 — eis que há trinta anos! — a propósito dos primeiros louvores de "Urupês": "O José Maria Bello e "O País" falaram dos "Urupes". Vão os recortes e uma carta do Herman Lima, que não conheço pessoalmente".

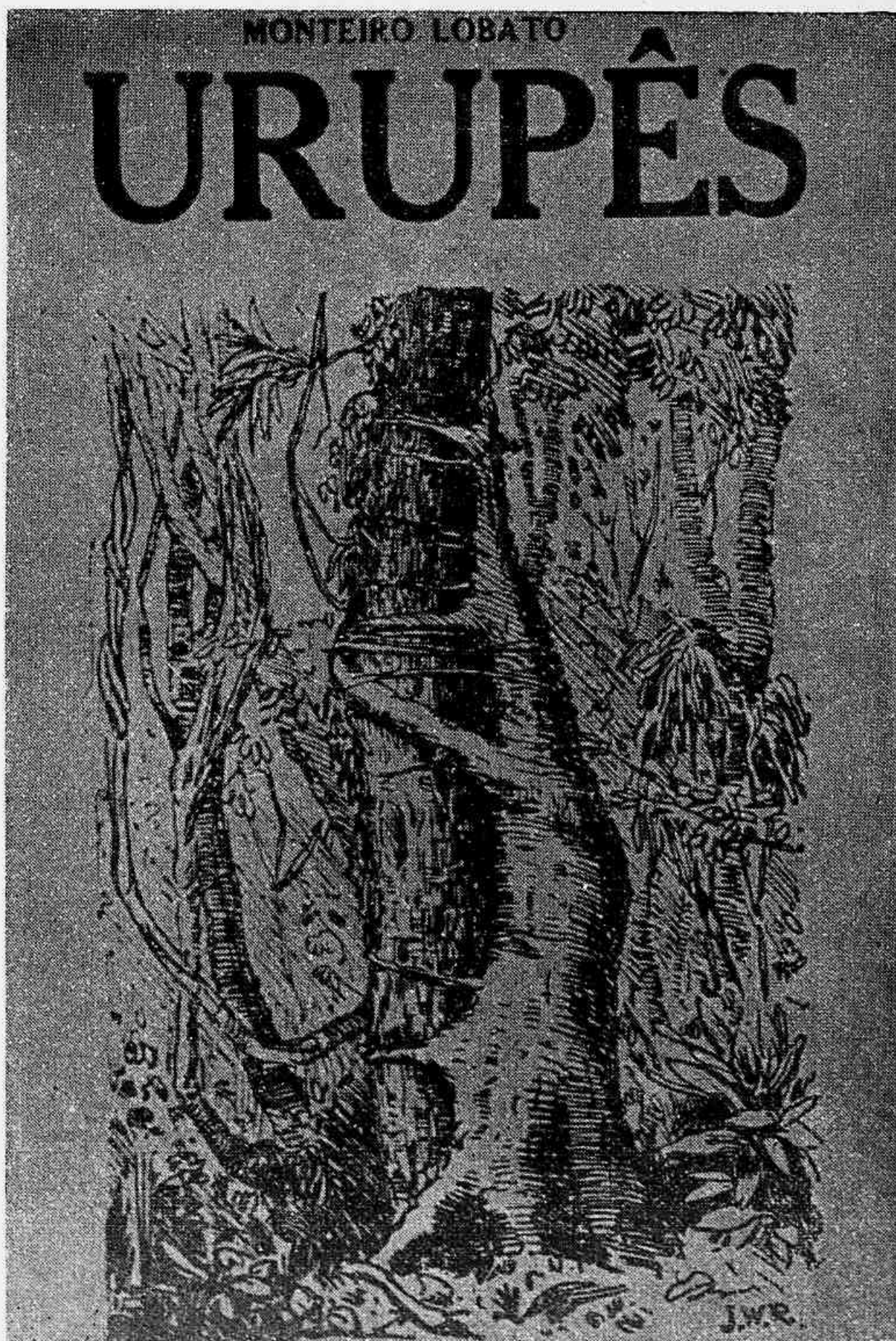
E' certo que se de alguma coisa me admiro, de tal data, é da confiada ousadia do incipiente rabiscador de coisas, a extravasar assim ao grande homem o arrebatado alvoroço pela sua obra.

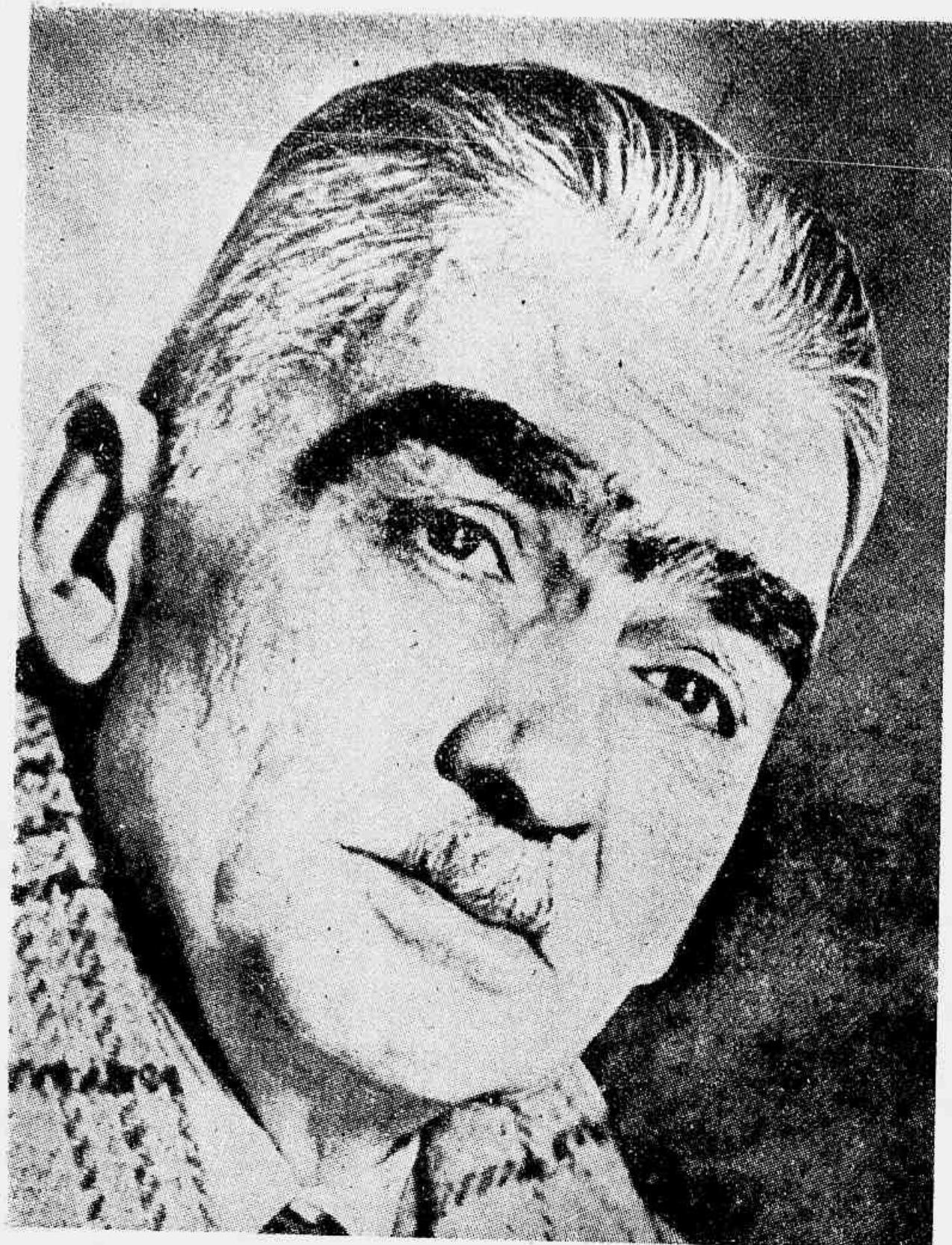
Eu ensaiava então os primeiros passos na imprensa de Fortaleza, pela mão do meu velho e querido Alcides Mendes, ao lado de quem penetrei o mundo encantado de Flaubert, Fialho d'Almeida e Eça

de Queiroz, que eram a suprema trindade daquele alto espírito.

— "Os faroleiros", "Chô-pam!", "O Bocatorta", "O estigma", que o nome desconhecido de Monteiro Lobato sublinhava, nas páginas da novel "Revista do Brasil", caíram sobre a minha sensibilidade dutil, como um deslumbramento de terra indevassada. Naqueles períodos sonoros e crespos de arcaísmos e modismos de sensual plasticidade, naquelas imagens dum viço novo, a que mal se vislumbrava o sinete dos clássicos longamente manuseados, em especial o seu predilectíssimo Camillo, naqueles racontos duma barbara e multifária inspiração, donde o "homo brasiliensis", o caboclo da minha terra, emergia, ora em lampejantes ardores de Quixote rustico, ora em torvos esgares de besta-fera, ou ainda em líricos transportes de mansa e dádiosa ternura, puseram fogo aos meus primeiros impulsos de aprendizado das letras, não vejo porque hei de buscar nos meus pródromos de obscuro contador de "causos" selva mais fecunda do que essa.

Firmando bem a sonda das minhas mais antigas reminiscências literárias,





Fotografia de Monteiro Lobato, tirada na Argentina.

certifico-me mesmo de que foi ele, com mestre Fialho, mestre Maupassant e o felicitador-mor da prosa portuguesa d' "Os contos", em particular daquele milagre

de narrativa universal que é "O defunto", e mais as histórias praieiras de Gustavo Barroso, dum encanto de coisa nativa que ainda hoje permanece inaltera-

vel para mim, foram esses os bandeirantes da minha tímida arrancada, aqueles que me trouxeram, estrada em fora, no pó de estrelas que os seus rastros tinham aberto para sempre na minha emoção.

No caso de Monteiro Lobato, ao estímulo da sua prosa tanta vez de tão imprevista beleza, viria juntar-se, com o tempo, o reconhecimento do rapazinho provinciano que do seu modesto burgo se aventurou um dia a remeter ao que surgia com os foros de mestre uma das suas primeiras produções, e foi assim que o meu segundo ou terceiro conto de cenário cearense, veio a lume nas prestigiosíssimas páginas da sua revista. Seguindo-se logo a acolhida que ele deu a meu livro "Tigipiô", que esteve para lançar, em 1924, sendo, porém, impedido de fazê-lo, por se ter já enredado na torrenciosa avalanche da aventura editorial de que saíria sem vinte, anos depois.

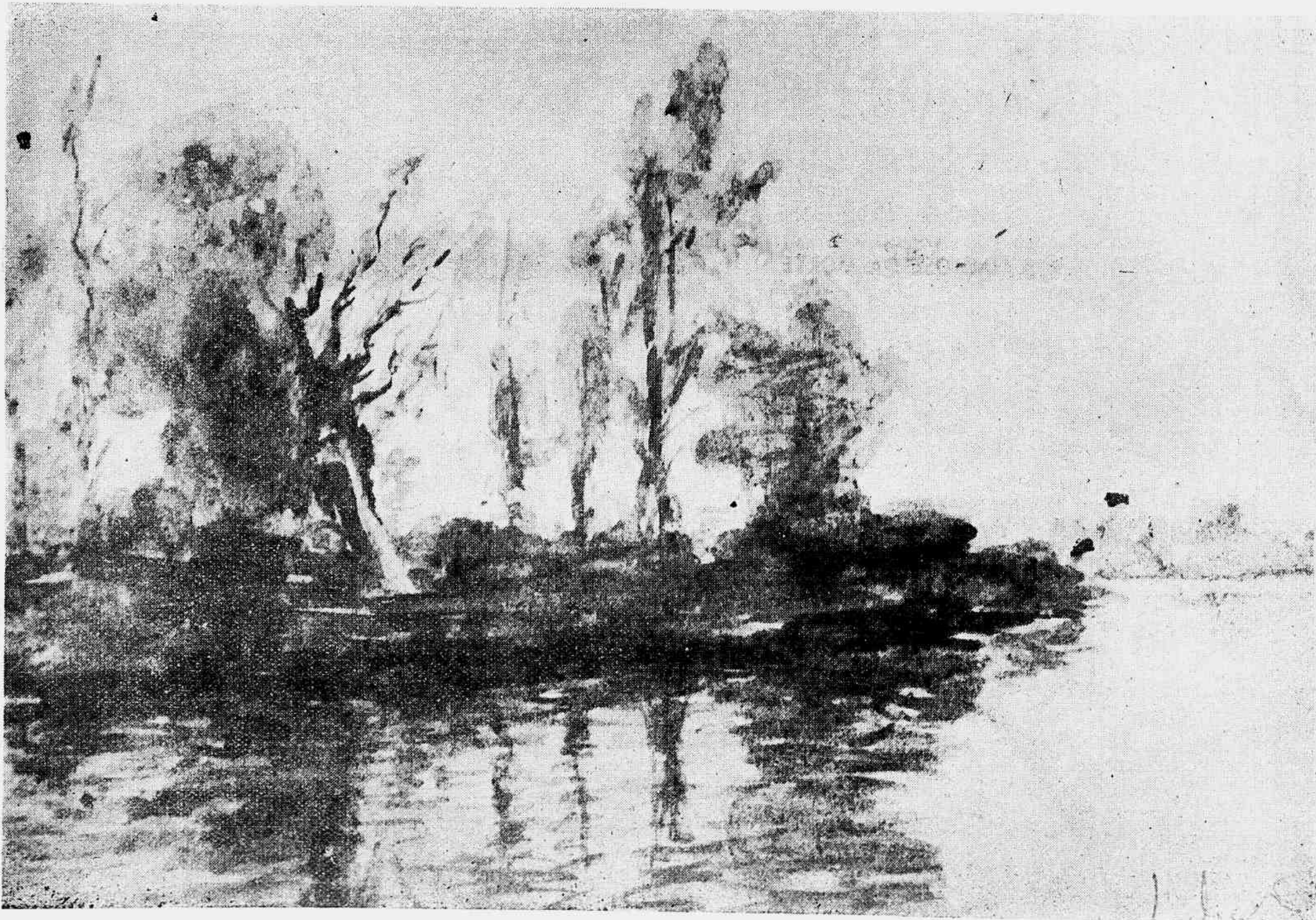
Se tanto falei de mim, nestas linhas, é que preciso marcar bem os secretos laços de espírito e coração que desde o seu aparecimento me ligaram ao grande morto de ontem, feitos de comovida gratidão e alto apreço e que, vinte e cinco anos depois, por ocasião do jubileu de "Urupês" me levariam, na página de abertura desta mesma "Revista", a queimar diante dele a minha pobre pitada de incenso que lhe mereceria, com exagero evidente, é claro, estas palavras-afegas: "Que linda crônica você escreveu na REVISTA DA SEMANA! Quantas saudades me deu — e que tremendo e perigoso leitor você é! Não deixa escapar coisa nenhuma, pega tudo — tudo lê e tudo compreende. Vale a pena escrever-se um livro de contos, ficar-se velho, aposentar-se e ter um jubileu, só para merecer a maravilhosamente linda crônica com que você me "comemorou". Como gostei daquilo! Mais que tudo quanto apareceu — e tem aparecido por aqui muito. Há ali um interesse, um carinho, uma coisa tão especial!..."

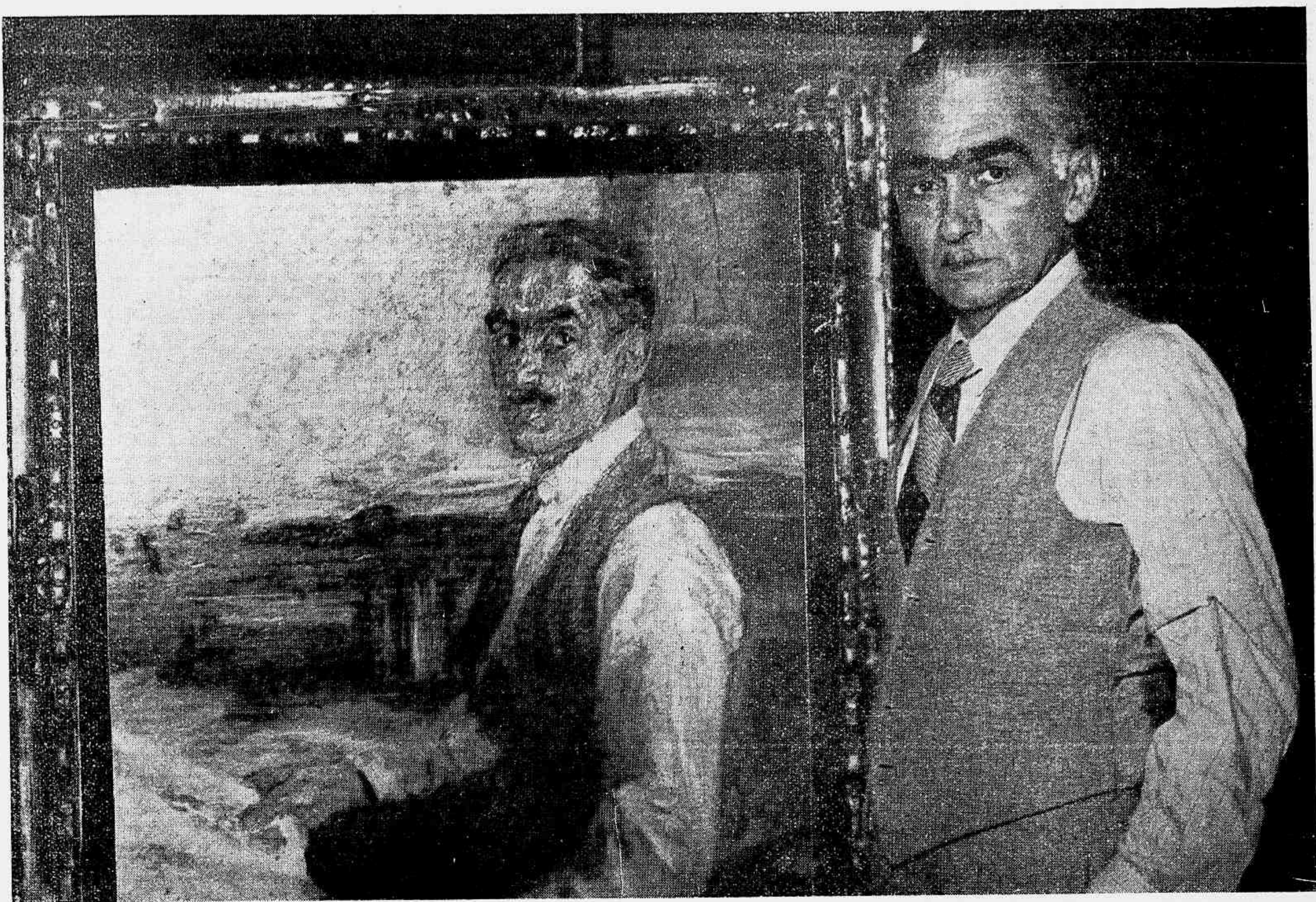
Esse, o homem que, ao fim de todas as vicissitudes e desilusões que lhe haviam de trazer a vida literária em geral e a safadeza dos homens em particular, era ainda capaz de assim se enternecer por uma simples manifestação

de compreensivo apreço, quando, na aparência, todos o julgavam hispido no trato como um caítetu, de que aquelas famosas sobrancelhas de escova poderiam bem valer como símbolo palpável. Entretanto, bem se sabe também que nada o comovia mais do que as cartas dos pequeninos leitores de seus livros, o bulhoso contentamento que lhe vinha, de todos os recantos do Brasil, extravasando em ingenuas e tocantes tiradas admirativas, em troca das aventuras do marquez de Rabicó e das lições da Emilia. Ainda agora não faz seis meses, os jornais deram notícias da maravilhosa surpresa que o abalou até as lágrimas, diante da admirável representação, por uma centena de crianças baianas, duma opereta tirada da história do Narizinho Arrebitado. Tendo ido à Bahia, especialmente para assistir a essa festa, o sarcasta d' "As ideias de Jeca Tatu" e "Na ante-vestibular", o indomável polemista d' "O escândalo do petróleo", teve ainda a suprema felicidade de se sentir, em vida, transportado ao mundo de ilusão e de encantamento que a sua imaginação abria na alma de todo aquele enxame de criaturinhas doces que por um momento davam corpo ao delicioso microcosmo do seu fabulário, esse novo mundo que a sua sensibilidade de escritor para os pequeninos havia descoberto, a ampliar, na história da literatura infantil, o encantado território dos que se chamaram em vida mortais como ele será doravante, depois da morte, os irmãos Grimm, Hans Christian Andersen, Selma Lagerlöf, Condessa de Ségur, Daniel de Foe, Jonathan Swift. Não sei mesmo de homenagem que mais pudesse exprimir ao homem gasto pelas torpezas do mundo o que a sua passagem por este vale de lágrimas ficará representando em emoção e beleza, para as gerações de brasileiros que através dos anos porvindouros hão de palpar ainda ao prestígio da sua arte de emérito contador de histórias.

E' certo igualmente que para os homens feitos de nossa terra foi também Monteiro Lobato um devassador de mundos. Foi a sua criação máxima, embora para vergonha nossa, o Jeca Tatu, — que o verbo de Ruy Barbosa reincarnaria um

Reprodução de uma aquarela de Monteiro Lobato, que foi muito mais do que simples amador da pintura.





Monteiro Lobato, ao lado de seu retrato a óleo, trabalho do famoso pintor argentino Cesario Bernardo de Quirós.

dia, como padrão da desidia dos governos — um grito de alforria da nova escravidão em que o Brasil apodrecia no fundo das malocas e dos barracos do sertão: "Solta Pedro I o grito do Ipiranga. E o caboclo, em cocoras. Vem, com o 13 de maio, a libertação dos escravos, e o caboclo, de cocoras. Derriba, o 15 de novembro um trono, erguendo uma República; e o caboclo, acorocado. No cenário da revolta, entre Floriano, Custódio e Gumerindo, se joga a sorte do país, esmagado quatro anos por "Inicitatus"; e o caboclo, ainda com os joelhos à boca. A cada um desses baques, a cada um desses estrondos, soergue o torso, espia, coça a cabeça, "imagina", mas volta à mo-dorra e não dá pelo resto".

O encantador das criancinhas se divide assim, paradoxalmente, em possesso da ação e da verdade e em criador de encantamentos. Toda a sua vida se desdobra assim e se multiplica nesse terrífico dualismo. Dum lado o sonho da ficção, do outro o torvelinho da realidade que há de enfrentar impavidamente até o fim. Desde o seu golpe de morte ao saudosismo indianista que anestesiava na bacharelle nacional o sentido da realidade brasileira, "a obra de Monteiro Lobato, em todos os setores, vai ser uma obra de denúncia implacável e sistemática. diz Artur Neves, no admirável prefácio da edição onibus de "Urupês": — denuncia da falsação política, denuncia do estado de lazeira das populações do interior ("Problema vital"), denuncia da "ignorância e da patifaria do governo" ("Mr. Slang e o Brasil"), denuncia da sabotagem das riquezas feita pelo oficialismo a serviço do imperialismo ("O Escândalo do petróleo"), denuncia dos snobismos e da macaqueice do que hoje chamamos grandifinismo ("Idéias de Jeca Tatu"), denuncia de todas as "estilizações" das fraquezas nacionais e de todas as racionalizações dos nossos defeitos ("Na Antevéspera", "América", prefácios e inúmeros artigos em jornais e revistas)".

No fundo, o idealista sempre, o homem que queria o Brasil brasileiro, sem rangos de tradicionalismos de importação nem de pretensos aristocracismos de oti-tiva, clamando em gritos e descomposturas pela libertação de nosso petróleo e

pelo aproveitamento, sem fantasias protetorias, da nossa siderurgia, pioneiro com todas os riscos, da indústria editorial moderna publicitaria e de distribuição racional pela imensa rede dos municípios de nome perdido na nossa geografia litoranea, macrocefalica, instigador de metodos novos de pesquisa e de cultura, de recurso à urtiga e ao ferrão à maior parte das vezes, porque nele tudo era assim, largado e grande, intempestivo e visceral. Acima de tudo penetrado dum profundo sentido brasileiro, em tudo, na vida, foi como um divisor de águas. Criador da campanha do livro e da batalha do petróleo, demolidor dos movimentos decadentistas no Brasil, o simbolismo dum lado, o parnasianismo do outro, modernista integral, muito embora mal compreendido pela maioria dos responsáveis pelo movimento de 22, em função principalmente do seu erro de julgamento da pintora Annita Mafalti, como lembra ainda no dia seguinte da sua morte Oswald de Andrade, não se pode, de improviso, fazer em regra o balanço intelectual e moral que lhe fica devendo o Brasil, pelo credito de confiança que a despeito de sua aparatosa proclamação de nossos defeitos, sabia ardeiramente abrir nas almas bem intencionadas e sem as peneiras dum falso patriotismo a nublalhes o entendimento. Homem sem restrições, só sabendo dar-se por inteiro a uma idéia ou a um empreendimento, não o tolheram perigos nem ruínas. Depois da falência da editora em que pusera todos os seus bens e todas as suas esperanças, uma viagem aos Estados Unidos marcaria o ponto de partida de outros rumos ainda mais amplos, o do petróleo e o da siderurgia brasileira, novo impeto pioneiro que dessa vez, além da pobreza, o levaria à cadeia, mas sempre de pé e indomável, teimosamente agarrado as suas idéias e aos seus planos, no seu amor tumultuoso pelo Brasil que em vão lhe dava na cabeça a cada investida. Suas zangas com a pátria tinham o mesmo significado dos annos de namorados, ninguém acreditando nele quando gritou aos quatro ventos que ia embora p'ra Argentina, para o resto da vida, a comer pão de trigo e bons bifes, quando aqui se roia miolo de pau e couro espichado.

O exílio voluntario não durou mais de um ano e roído de saudades da sua pauleiceia logo retornava, um tanto encabulado talvez de o verem tão depressa de braços dado de novo com o seu chamego, mas no intimo satisfeito e se rindo da briga velha. Naquele pequeno taubatéense,

trigueiro e acaiprado, que acabara adquirindo no jeito muita coisa do velho Jeca reivindicador aquilo de espiar a gente do fundo duns olhinhos maliciosos aquete derreamento de corpo a se recostar por cima dos balcões de livros, como o estou a ver do nosso encontro na Livra-

Nosso colaborador Nelson Wainer, em recente entrevista com Lobato, para esta Revista.



ria Brasiense, aquele solene ar de esatuação que o fazia confessar-me o seu nojo por tudo o que fosse literatura, como o do doceiro pelas suas goludices. Seus erros devem ser-lhe, pois perdoados, como os da pecadora do Evangelho, porque muito amou, até porque, no seu muito amor, sempre havia muito do rompante de Cristo, pondo na rua os vendilhões do seu templo.

Quanto ao escritor, esse é muito grande, para que se pretenda firmar numa simples nota a medida da sua estatura. Já tive ocasião de ressaltar uma vez o que era específico nele, essa maneira de dizer as coisas, com uma simplicidade sabia, que era a mistura mais saborosa de fala clássica e caipirismo, essa sua língua de asperas consonâncias e antiteses sutis de jôgo mais vivo, a que não é alheia, sem dúvida, uma farta cultura das letras de Portugal. Assim certos modismos dalem-mar, uns diminutivos em "ito", um estacato que tem muito de prosa camiliana e fialhesca, mas não lhe entravam, antes como que lhe aguçam o sinete pessoal dos mais originais do nosso tempo. E' curioso mesmo, como se pode às vezes pôr em confronto os dois elementos dorsais do seu estilo, o popular e o clássico, como nestas duas passagens d' "O Bocatorça", fundamentais para uma exegese da sua arte literária ao retratar, pela palavra do fiscal do sítio e à sua própria moda, o sinistro personagem: "O doutor quer saber como é o negro? Venha cá. Vossa Senhoria garre num juda de tabatinga e judie dele; cavouque o buraco dos olhos e afunde dentro duas brasa alumando; meta a faca nos beigos e saque fora os dois; ranque os dentes e só deixe uns tocos; entorte a boca de vize na cara; faça uma coisa desconforme. Deus que me perdôe. Depois, como diz o outro, vá judiando, vá entortando as pernas e esparramando os

pés. Quando cansar, descanse. Corra o mundo, campeando feiura e aplique o que achar no estupor. Quando acabar, garre no juda e ponha rente do Bocatorça. Sabe o que acontece? O juda fica lindo".

Agora o mesmo perfil, na versão lobatiana: "Bocatorça excedia a toda pintura. A hediondez personificava-se nele, avultando sobretudo na monstruosa deformação da boca. Não tinha beigos e as gengivas largas, violáceas, com raros cotos de dentes bestiais fincados às tontas, mostravam-se cruas, como enorme chaga viva. E, torta, posta de vize na cara, num esgar diabólico, resumia o que a teratogênese pode compor de horripilante. Embora se estampasse na boca quanto fosse preciso para dar àquela criatura a culminância da ascozidade, a natureza malvada fôra além, dando-lhe pernas cambaias, e uns pés deformados que nem remotamente lembravam a forma do pé humano. E olhos vivíssimos, que pulavam das órbitas empapuçadas, velados de sangue na esclerótica amarela. E pele grumosa, escamada de escaras cinzentas... Tudo nele rompia o equilíbrio normal do corpo humano e disparava em desconchavos absurdos, como se a teratologia caprichasse em criar a sua obra prima".

Servindo-se da mesma força expressional para a caricatura, era fácil a Monteiro Lobato reduzir ao infimo do risível toda manifestação patética de falso estilo fosse literário ou arquitetônico, toda contração do essencial, como no caso da sua crítica à catedral gótica de S. Paulo, numa página que é um primor de forma e de ironia. Em tudo a originalidade do estilo se vincando da marca dos seus conceitos de tão impressivo alcance. E' assim que numa das cartas da "Barca de Gleyre", contribuição da mais alta valia para o estudo da sua obra e da sua

personalidade, ele se refere justamente à questão do estilo literário: "O que me incutepas no estilo é certo. Reconheço-o deliberadamente que sorvo as brutezas de Camilo. Esse galego só a carne crua numa terra em que, a avaliar pelo "amarrelão" do estilo comum, os escritores só se alimentam de marmelada branca. Em todas as literaturas eu procuro sempre o carnívoro — os Kiplings, os Menckens, os Gorkis — e ponho os alfenins de banda: Pierre Loti, Catulle Mendès e mais mimos de Venus. O estilo nacional, morno e sorna, revê capilé com goma, xarope de melancia, mingau de araruta. Camilo é o estilo estadulho. Dá porradas geniais! Kipling é o estilo White Label. Inebria depressa. Gorki é vodka. Deruba. E nós? Alencar é capilé com Agua Florida, bebido em "copo de leite". Macedo é capilé com canela, bebido em caneca de folha. Bernardo Guimarães é capilé com arruda, bebido em cuia. Coelho Neto é capilé com Grecia, bebido em anfora de cabaca. Machado de Assis é capilé refinado, filtrado, puríssimo, bebido pela taça de Socrates. Afranio é capilé com acido fenico. Ruy é... Mentira! Ruy não é capilé. Euclydes também não é capilé — mas se o fosse, seria capilé com geodesia. Grandes, ou pequenos, bons ou maus, em todos nós o capilé "perce"; como "percem" em todos nós, socialmente, as taras vindas naquela nau de Tomé de Souza que nos abasteceu a estirpe com 400 degredados e 40 jesuitas".

Por baixo da coruscação da humorada fácil, a gravidade da idéia fundamental reponta com evidência, o que constitui, em última instância, o fulcro não somente da arte literária como da própria personalidade humana de Monteiro Lobato, o homem de ação e de pensamento, sempre a par, o enlevado e o rebelde, ombro a ombro, aquela soma de sisudo e

de Suet. Foi isso que o levou aquela tremenda molecada com a Academia de Letras, a que fingiu piscar o olho, de longe, num namoro de cabôcio muito do seu feitio, para depois tirar o corpo fora, coerente com o seu anti-academismo de sempre e acima de tudo com o seu intratável pudor de pensar em sentar-se lado a lado com o ocupante de certa cadeira azul como a que lhe caberia, aquele mesmo, a quem ficara devendo seis meses de carcere por um desabafo patriótico.

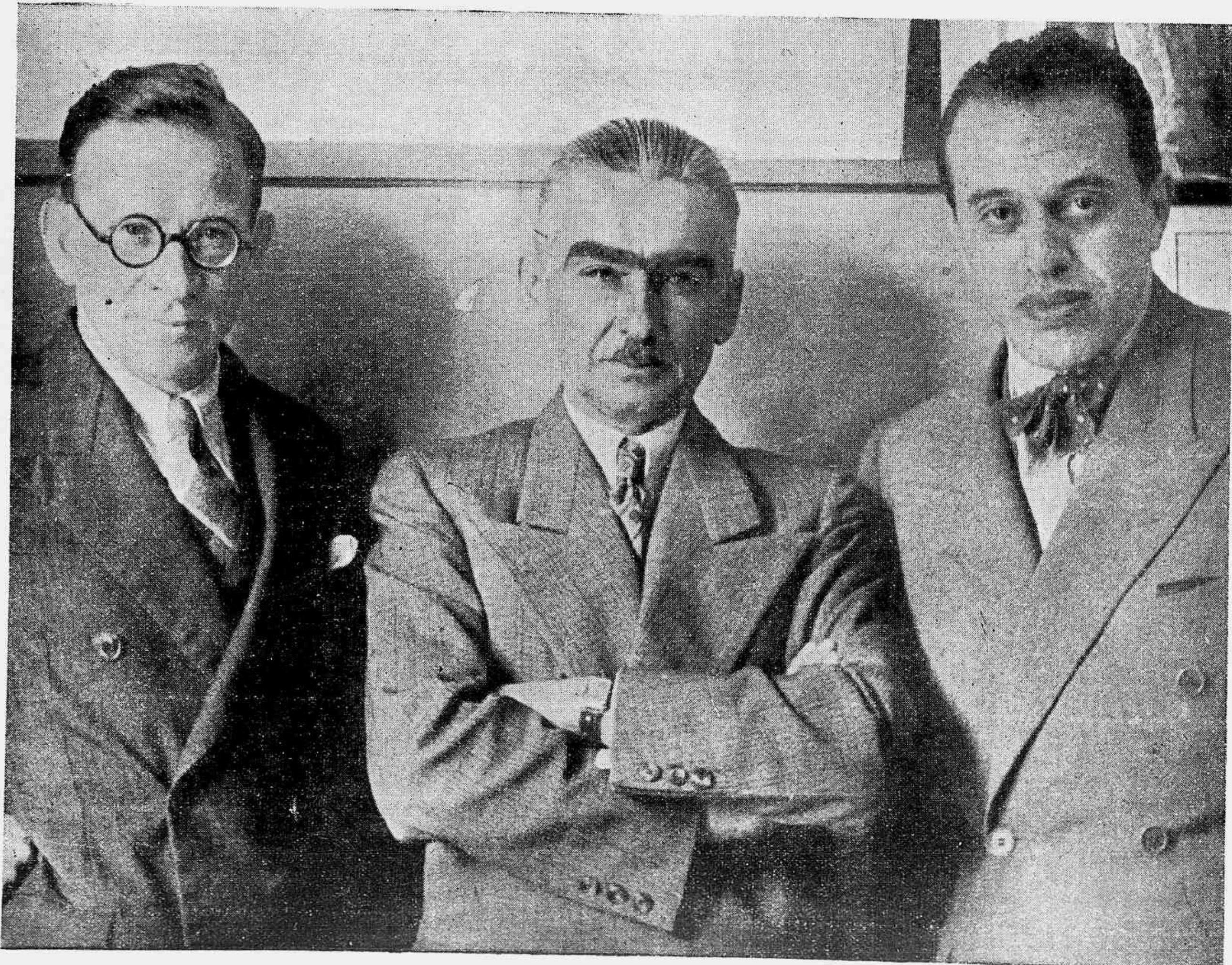
Não que o caracterizasse qualquer índice de tergiversação, pois o cunho na verdade supremo da sua vida foi a permanente fidelidade à sua consciência, não obstante certas perturbadoras facetas de sua personalidade, à primeira vista de absurda incongruência, no que, no entanto, se renegava apenas o velho conceito exclusivista de Somerset Maugham, quando afirma nunca ter visto "a people all of a piece". Múltiplo e vario ele foi, muita vez, para no fim tornar a ser o que era, incorporado de novo a sua casca grossa, como os caramujos que põem fora todo o corpo e logo somem na valva protetora, como esses cactos de beira de estrada, crispados de espinhos em todas as arestas, mas de doce água refrescante no fundo do cerne.

Ainda ontem, no seu elogio na Câmara dos Deputados, o ilustre escritor Affonso Arinos de Melo Franco lhe evocava a lembrança da última visão que dele teve: no interior duma livraria em S. Paulo, rodeado de criancinhas dizendo para o jovem confrade: "Sou como uma velha árvore: à tarde vêm cantar à sua sombra os passarinhos".

A morte de Monteiro Lobato aconteceu na mesma hora quase do desaparecimento em Paris de George Bernanos, ligo no instante supremo duas consciências sob

(Cont. na pág. 56)

Monteiro Lobato, ao lado dos acadêmicos Menotti del Picchia e Cassiano Ricardo, no momento em que foi lançada sua candidatura à Academia Brasileira de Letras. Candidato derrotado uma vez, Monteiro Lobato deixou que doze acadêmicos lançassem o seu nome, mas se recusou a escrever uma carta de aceitação à Academia. Surgiu, daí, ruidoso incidente, de que resultou a ruptura de relações entre o autor de "Urupês" e seus dois amigos do Petit Trianon.



Um Século de Confiança e de Preferência

1848

NOTRE DAME está comemorando um século de existência ativa e profícua sempre obediente ao lema:

"Tudo fazer para satisfazer".

CONGRATULANDO-SE com a sua distinta clientela, agradece-lhe a preferência e confiança com que vem sendo distinguida e à que sempre correspondeu e corresponderá, oferecendo-lhe artigos finos, elegantes e modernos, pelos preços mais módicos da cidade.

VISITEM a deslumbrante exposição de sedas e tecidos da última moda na

NOTRE DAME

DE

P

A

R

I

S

O U V I D O R 1 8 2



Cena de "Uma rua chamada Pecado", tendo como protagonista a atriz francesa Henriette Morineau

HENRIETTE MORINEAU

REVELA UM GRANDE AUTOR

TENNESSEE WILLIAMS APRESENTADO PELA PRIMEIRA VEZ EM UM TEATRO DO RIO

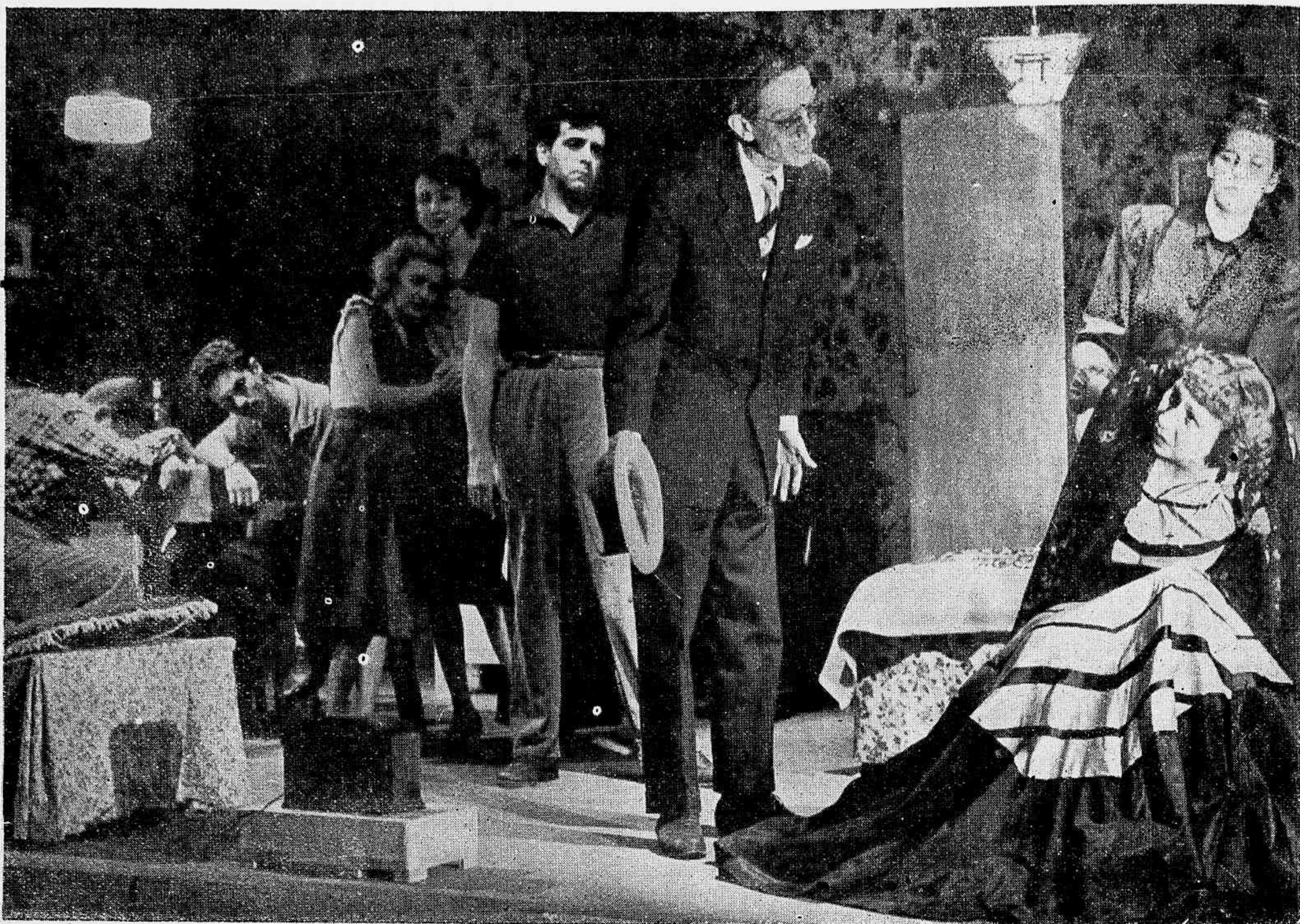
É curioso notar que os três grandes sucessos teatrais do momento, no Rio, no gênero dramático, são, precisamente, três peças norte-americanas: "Chuva", no Regina, com Dulcina de Moraes vivendo magistralmente o papel de Saddy Thompson; "Estrada do Tabaco" (Tobacco Road), dirigida com segurança e acerto pelo talento de Ruggero Jacobbi no Fenix, com Maria Della Costa, Sady Cabral, Itália Fausta e outros; e, finalmente, "Uma rua chamada Pecado" (A Streetcar Named Desire), no Ginástico, com Henriette Morineau e Graça Melo nos protagonistas. A primeira daquelas peças, — sendo embora adaptada de um conto do escritor inglês Somerset Maugham, — revelou-nos dois belos talentos do teatro norte-americano, John Colton e Clemence Randolph. A segunda, pela primeira vez fez ressoar no nosso meio artístico o renome que Erskine Caldwell e Jack Kirkland, já celebrizados perante várias platéias. A terceira revelou-nos um novo autor, de menos de quarenta anos de idade, — e que, escrevendo desde os quinze anos, — conseguiu até agora pelo menos dois êxitos de especial repercussão: o de "The Glass Menagerie", dada no ano passado, com Laurette Taylor no papel central, e agora o de "A Streetcar Named Desire", com Jessica Tandy. Poucas semanas após o lançamento dessa peça na Broadway no Teatro Barrymore, sob a

direção de Elia Kazan, e com a colaboração dos artistas Kim Hunter (a mocinha do filme inglês "Neste mundo e no outro"), Marlon Brando e Karl Malden, a senhora Henriette Risner Morineau anunciava que iria dar a mais recente obra de Tennessee Williams no Teatro Ginástico, em seguida a "Medéia". Dos três sucessos norte-americanos do momento já focalizamos "Chuva", quando de sua primeira apresentação no Municipal, refletindo igualmente o sucesso de Dulcina nessa peça na Argentina, e já nos ocupamos amplamente de "Estrada do Tabaco" como do sensacional episódio que, à margem dessa peça, se desenrolou no Fenix, convertido em verdadeira barricada da "resistência subterrânea" do nosso teatro. Resta-nos focalizar "Uma rua chamada Pecado", título dado a "A Streetcar Named Desire", — sem nada de comum com o original, mas de qualquer modo bastante sugestivo. Apreciamos o espetáculo do Ginástico, a crítica, de um modo geral, tecer amplos louvores aos intérpretes, notadamente aos que desempenham os papéis principais. Peça moderna, audaciosa, crua, escrita com um grande vigor dramático, "Uma rua chamada Pecado" recomenda Tennessee Williams como um dos grandes valores do teatro contemporâneo nos Estados Unidos, ao lado de William Saroyan, de Thornton Wilder e de Elmer Rice.



EM CIMA: Henriette Morineau, a grande atriz francesa, a quem tanto deve o nosso teatro, ao lado de Graça Melo, em uma cena de "Uma rua chamada Pecado". Em baixo: outra cena da peça de Tennessee Williams, que, ao lado de "Chuva" e de "Estrada do Tabaco", assinala no Rio mais um sucesso do teatro norte-americano.



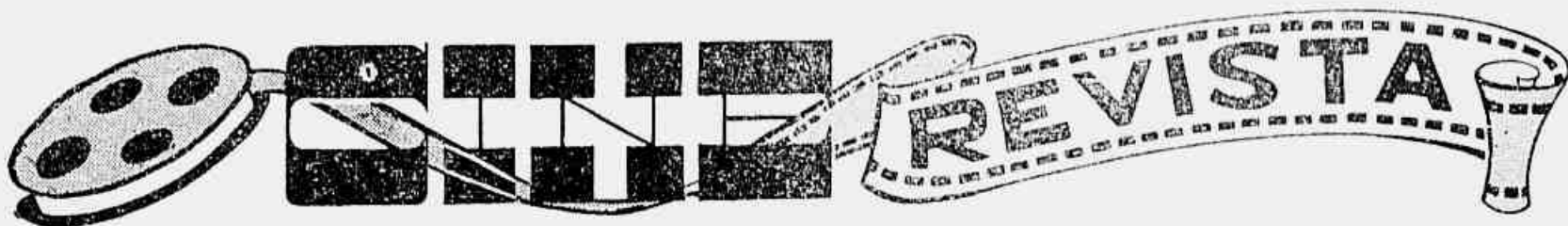


Nesta página: duas cenas de conjunto da peça que revelou ao nosso público o talento dramático de Tennessee William. Entre os intérpretes da peça norte-americana ora em cena no Ginástico figuram Flora May, David Conde, Margarida Rey, Zeni Pereira, Ambrósio Fregolente, Jacy Campos e outros.





Cena de "Uma rua chamada Pecado", na qual aparecem as atrizes Maria Castro, Henriette Risner Morineau e o ator David Conde



Carole Landis, a linda suicida, cujo corpo foi encontrado, no banheiro de sua casa, por Rex Harrison, mais ou menos à hora do almoço...

O SUICÍDIO DE CAROLE LANDIS

Carole Landis suicidou-se. Era uma garota bonita, loura, de cerca de trinta anos. Fez uma dúzia de filmes, ora com maior, ora com menor sucesso, mas sem jamais ter logrado ser uma "estrela" de primeira grandeza. Escreveu, ou escreveram por ela, um livro que se intitulou "Four jills in a jeep". Vendeu muitos exemplares e negociou o livro com a Twentieth Century Fox, que dele fez um filme, no qual ela figurou como uma das intérpretes e Carmen Miranda fez breve aparição. Casada quatro vezes, não foi feliz com qualquer dos maridos. Apreciava a boa bebida e as alegres camaradagens. Quando passou pelo Brasil, a caminho da África, dizem que tomou em Natal um pileque tão grande, em boa companhia, que apareceu no aeroporto vestindo apenas um capote de peles. Esquecera-se de pôr qualquer outra coisa por baixo. De desgosto em desgosto, acabou se matando. Seu cadáver foi encontrado no banheiro pelo ator inglês Rex Harrison, que já fez o papel de fantasma em um filme recente.

A criada de Carole Landis disse que, na véspera, ele cejava com a suicida e que, nos últimos dias, a visitara muito. Que teria ele ido fazer no banheiro, especialmente depois dessas visitas? Não sabemos. Mas temos a certeza de que isso já lhe foi perguntado pela atriz Lilli Palmer, que, na vida real, é a senhora Rex Harrison...



Cena do filme italiano "Um dia na vida" (Un giorno nella vita), direção de Alessandro Blasetti, interpretação de Amedeo Nazzari e Marietta Monti. É um filme que foi premiado várias vezes na Itália e fora da Itália. Parece que vamos vê-lo muito breve.

ROBERTO ROSSELLINI, O DIRETOR DE "PAISÀ"

Roberto Rossellini, um diretor italiano, que até bem pouco tempo era inteiramente desconhecido, é hoje uma das celebridades do mundo cinematográfico. Os jornais e as revistas norte-americanas, dedicadas à cinematografia, dedicam-lhe espaço considerável, artigos e comentários, na mesma medida que outrora faziam com Charles Chaplin ou com Orson Welles. Roberto Rossellini, homem organizado, não apenas dirige suas películas com mão de mestre. Também faz, durante as filmagens, volumosos diários, nos quais fixa observações artísticas, detalhes de ordem técnica, idéias gerais sobre o cinema e, além do mais, incidentes pitorescos ocorridos durante as filmagens. Os jornais italianos e mesmo de países estrangeiros frequentemente publicam excertos desses diários, que revelam em Roberto Rossellini um espírito vivo e agudo, dotado de talento literário e de fina intuição jornalística. Foi o seu trabalho como diretor do filme "Paisà" que o projetou no primeiro plano da cinematografia, entre os maiores diretores contemporâneos. Seu filme foi recebido de maneira entusiástica em vários países, inclusive os Estados Unidos. "Paisà", é interessante notar, tem como principal intérprete um ator negro norte-

americano, até aqui inteiramente ignorado do público dos círculos artísticos. Chama-se Dois Johnson e ficou sendo imediatamente, um nome popular na Itália e em outros países. Além de "Paisà", Roberto Rossellini dirigiu vários outros filmes, entre os quais "Um dia na vida" (Un giorno nella vita), com Amedeo Nazzari e Marietta Monti. Como outros diretores europeus do momento, Roberto Rossellini está trazendo ao cinema uma contribuição de realismo e um ponto de vista novo, que faz com que a arte cinematográfica repouse mais nos valores humanos da história e da interpretação, do que nas coisas acessórias, — como, por exemplo, a gala do colorido, o número de personagens, o excesso de metragem da película, o luxo da indumentária, a quantidade de números musicais, o renome das "estrelas" e "astros" congregados "pela primeira vez" em tal ou qual espetáculo. Roberto Rossellini, como Lulu e Zampa, vira pelo avesso o velho conceito de "sucesso", as velhas fórmulas de assalto à bilheteria de diretores decadentes como Cecil B. de Mille e outros, — e invertia-a com um sucesso de fazer inveja aos produtores norte-americanos. — MICKEY

UM ARGUMENTO PARA CLIFTON WEBB

Clifton Webb, um dos poucos artistas que se salvaram desse monumental naufrágio que foi "O fio da navalha", tem feito poucos filmes, especialmente porque não é muito fácil falhar um papel como o de "Laura", que assente tão bem em seu jeito sarcástico e refinado. Agora, porém, a RKO-Radio teve uma idéia feliz, — a de adquirir, para ser filmada com Clifton Webb, a famosa peça de Ferenc Molnar, intitulada "Farsa do castelo", da qual, com a menor dúvida, resultará um filme delicioso e absolutamente impróprio para menores...

ESPOÇAS A MENOS

A Twentieth Century Fox começou um filme que se intitulava "A letter to five wives" (Uma carta para cinco esposas), mas, em seguida, devido a dificuldades de distribuição, um dos papéis femininos foi cortado, passando a película a intitular-se "A letter to four wives" (Uma carta para quatro esposas). Mas, na semana seguinte, o estúdio considerou o tema demasiadamente "audacioso" e reduziu mais uma esposa... Desse jeito, para evitar poligamia, o herói é capaz de acabar sendo reduzido ao celibato e o filme passando a se chamar "A letter of an old bachelor" (Uma carta de um velho solteiro)...



Sonny Tufts é um dos mais notórios venenos de bilheteria. Velhoso, enjado, sem nenhum talento aparente ou oculto, é um desses personagens que misteriosamente conquistaram evidência durante a última guerra, por serem inúteis para o serviço militar. Ultimamente tem aparecido menos. Condição, ainda tem chacoalhado nas fileiras da Universal. Até quando ele abusará da nossa paciência?

ORSON WELLES VOLTOU DA EUROPA

Orson Welles chegou aos Estados Unidos, de volta da Europa, para terminar a regravação do diálogo de "Macbeth", a tragédia de Shakespeare, da qual fez um filme para a Republic, e afim de refilmar algumas cenas de "Caílostro", filme de Edward Small, que teve as cenas principais tomadas em Roma, mas do qual os "close-ups" e alguns detalhes foram feitos em Hollywood. Em meio de todo esse trabalho, Orson Welles anunciou que vai voltar a Roma, para produzir na capital italiana seu próximo filme, baseado na comédia "Henrique IV", de Luigi Pirandello, prêmio Nobel de Literatura e grande figura do teatro mundial.

O filme será financiado por Sir Alexander Korda e o argumento será alterado, de sorte que o seu protagonista seja um exilado americano, vivendo na Itália. Orson Welles aparecerá em três versões do filme: em inglês, francês e italiano.

UMA PEÇA BEM VENDIDA

Ruth e Augustus Goetz, autores da peça teatral "The Heiress", que está sendo representada por Basil Rathbone e Patricia Collinge na Broadway, venderam os direitos cinematográficos dessa obra à Paramount por 250.000 dólares. Além disso, eles próprios obtiveram um contrato da Paramount, para preparar o "script" e o diálogo final, com a colaboração de William Wyler, que dirigirá o filme.

MAIS UMA PANCADA NO CRÂNIO DA RUSSIA...

Roy Del Ruth havia planejado uma continuação ao seu filme, "It happened on Fifth Avenue" e precisando usar elementos de uma po-

tência estrangeira, envolvidos em certas suíças, fez figurar no argumento alguns funcionários da Embaixada Japonesa em Washington, antes do início das hostilidades que se seguiram ao ataque a Pearl Harbor. Mas, em vista da situação internacional, Roy Del Ruth acaba de anunciar que o argumento foi modificado e que o pessoal que faz as sujeiras pertencera, agora, à Embaixada Russa...

VOCÊ SABIA QUE:

... que Paulette Goddard é a protagonista de "Hazard", com Mac Donald Carey, que antes da guerra era um dos galãs mais cotados de Hollywood e que, agora, está de novo em grande evidência?

... que em Hollywood são frequentes as filmagens de seqüências de películas de grande sucesso, mas que, pela primeira vez, esse procedimento é invertido, filmando-se os antecedentes de uma película, "Perfidia" (The Little Foxes), cujos intérpretes aparecem mais novos em "Another part of the forest"?

... que Viveca Lindfors, que só conhecemos de velhos filmes europeus, já teve duas de suas películas americanas lançadas em Nova York, "Night unto night" e "To the victor", o primeiro com Ronald Reagan e o segundo com Dennis King?

... que James Dunn, que há longo tempo não vemos no cinema, assumiu o papel que era feito por James Stewart na peça "Harvey", de Mary Chase, na Broadway?



Miguel de Machinandarena é o homem dos Estudios San Miguel, de Buenos Aires. Anunciou que vai construir uma cadeia de pelo menos cinco grandes cinemas no Rio e outros tantos em São Paulo. Pretende fazer filmes argentino-brasileiros e impô-los no nosso mercado. Vai também distribuir as boas películas italianas e argentinas no Brasil, segundo afirmou. Há longo tempo, porém, não se ouve mais falar acerca dos seus monumentais projetos.

A questão é que ela sabia o que ia acontecer. Sabia porque acontecera exatamente um ano antes. A véspera do Ano Novo com as suas cornetas e badaladas festivas. O apartamento que ocupavam no último andar do edifício, ela e Barney, tão desusadamente escuro e silencioso. E, de repente... dois pequenos, mortais estampidos.

Ela sabia que ia assassinar o marido. Ela já o assassinara. Mas — era incrível! — o tempo retrocedera para ela.

Sheila correu ao Village Dan, levando o revólver na bolsa. E William Williams, que lá estava com os seus companheiros, ofereceu-se para conduzi-la à casa de Friday. John Friday devia saber o que fazer, após ela ter acabado de assassinar Barney.

Subindo as escadas do apartamento sem elevador de John, em Greenwich Village, Sheila ainda relutava em crer que Barney estava morto na sua sala de estar, a apenas alguns quarteirões de distância dali. Ela o amara tanto!

Se ao menos ela pudesse viver de novo o ano que passara! Certamente ela não representaria a peça de Paula Costello, "Diga adeus", em Londres, após o espantoso sucesso que obtivera em Nova York! Se ela houvesse ficado nos Estados Unidos, e deixado que John lhe arranjassem uma nova peça, Barney jamais teria conhecido Paula.

— Numa peça, William, — observou ela, soluçando, — a gente às vezes descobre que um terceiro ato está errado. Por isso ele é modificado completamente. E depois é representado a contento. E' isso o que eu gostaria de fazer com este ano que acabo de viver: eu gostaria de modificá-lo completamente, para representá-lo de novo. Mas é muito tarde! William...

Foi então que, não tendo ouvido resposta alguma, ela percebeu estar só na escada. Só, à porta do apartamento de John Friday. E ao cair-lhe o capote notou que não estava com o vestido que imaginava, mas com o elegante vestido preto que comprara para a festa que ela e Barney estavam realizando, em comemoração da entrada do Ano Novo — mas o de 1946, e não o de 1947!

Aterrorizada, permaneceu ali algum tempo imóvel. Estranha música soava-lhe aos ouvidos.

E antes mesmo de haver dominado os próprios temores compreendeu que o seu desejo havia sido satisfeito. O tempo recuara. O ano que se iniciava era o que ela acabara de viver; o ano que se revelara tão cheio de desgostos, e que terminara havia pouco com dois tiros mortais.

Modificar o ato que não agradou... Embora fosse um milagre, isso acontecera. Agora é representá-lo de novo...

Assim que entrou no apartamento, Sheila apoiou-se à porta do vestíbulo e respirou profunda e convulsivamente. Teria enlouquecido com o choque? Não! Ela estava ainda com o vestido preto da festa!

— Barney! — Tremeu-lhe a voz, quando ela o chamou. — Barney!

— Sheila! — respondeu ele, alegremente, mostrando-se ao mesmo tempo à soleira da porta. Os braços dele eram reais, e abraçavam-na. Ela aconchegou-se bem a ele.

— Barney! Eu quero saber se você está realmente aqui... se está mesmo vivo! — Não, ele não parecia ter a menor idéia de que ela o assassinara, havia uma hora... ou um ano depois! — Barney, se eu estou sonhando, não me desperte! — Devia ser real. — Tinha de ser.

— Tomei uma resolução de Ano Novo — murmurou Sheila, ainda abraçada a ele. — Não iremos a Londres, Barney. Ficaremos em Nova York. Você terminará a sua nova peça. Há de escrever este ano uma nova "A Hospedaria da Metade do Caminho".

Talvez ela não devesse ter mencionado essa grande peça que tornara Barney Page famoso numa temporada, e que fôra o primeiro degrau da carreira triunfante de Sheila Malone — porque então ela ainda não era Sheila Page. Passou, por um momento, pelo rosto de Barney uma sombra de contrariedade. Ele fitou-a com um olhar estranho, que exprimia ressentimento.

As pessoas que eles haviam convidado para o café de Ano Novo começaram a chegar pouco depois das três, enchendo a casa de restos de serpentina e "confetti". Um ano antes, quem estivera ali? Qual fôra a lista dos convidados? Viriam todos outra vez? Ela estaria mesmo no primeiro dia do ano que passara?

William, é claro, veio. E veio também John Friday, o seu empresário. E Bess Nichols. Um por um, reuniu-se todo o elenco. Sim, estavam todos ali!

Na primeira oportunidade, ela afastou-se com William para um canto. Fôra William que ela encontrara no bar onde o pessoal do teatro costumava reunir-se. Fôra William que a levava à casa de John. Sheila encarou-o com firmeza. — William, eu quero fazer-lhe uma pergunta importantíssima. Você se recorda de ter estado comigo há duas horas? Mas, quero dizer, daqui lá um ano?

O FILME DA SEMANA

"REPEAT PERFORMANCE"

(AINDA SEM TÍTULO EM PORTUGUÊS)

mulher chamada sra. Shaw. E' ela quem o mandará internar.

William sorriu despreocupadamente. — Isso é fácil. Eu não conheço nenhuma sra. Shaw.

— Mas você conhecerá. E ela lhe fará mal, William.

Observou os olhos dele, quando ele se afastou. Evidentemente, ele a julgara louca. Mas ouviu então um vozerio no vestibulo. Hillgardner, o escritor teatral, estava apresentando a sua companhia a Barney. Apesar da algazarra, ela ouviu-lhe distintamente as palavras. — Barney Page apresentou-lhe Eleanor Shaw. Fomos colegas de escola. E a sra. Shaw está muito interessada na minha nova revista.

— Quem quer que empate dinheiro naquela revista estará fazendo um bom negócio — disse Barney, com jovialidade, percebendo a deixa.

Sheila não a teria percebido. Porque as suas mãos tremiam. A sra. Shaw acabara de entrar!

Estava predestinado que William e Eleanor Shaw se retirariam juntos, a sra. Shaw falando em financiar a edição — uma edição de luxo — dos quase ignorados poemas de William. Mas o que Sheila não previra, nem sequer em sonho poderia tal coisa ter-lhe passado pela cabeça, é que antes do nascer do sol Paula Costello bateria à sua porta. Porque Paula era de Londres. Evitando Londres, ela e Barney teriam evitado Paula — e toda a tragédia do seu despertar.

A primeira vez que avistou a linda recém-chegada, ela vinha saindo do vestiário, em companhia de Bess, ostentando um vestido de cerimônia e custosos agasalhos. Barney e William flanqueavam-lhe, estando John em frente a ela — e todos eles já manifestamente intrigados com a explicação de Paula, que dizia ter-se enganado no andar.

— Eu não pretendia estragar-lhe a festa, sr. Page. Esperam-me aí em baixo, no apartamento dos Winklers. — A sua fala de acento britânico era rápida e adstringente. — "A Hospedaria da Metade do Caminho" foi um sucesso em Londres, sr. Page. Gostei imensamente da peça.

Imediatamente ela reconheceu Paula; passou-lhe pelo corpo um calafrio de horror. Sheila notou também que Barney começara a beber — apesar das promessas insistentes de renunciar à garrafa e voltar a escrever, via-se que já estava quase bêbado. Sheila correu para eles.

— Paula, — disse William, risonho, — apresento-lhe Sheila Page, a nossa anfitriã.

— Sheila Page? — Paula não podia ter sido mais cativante. — Toda Londres aguarda a sua visita. E o encantador Barney é o seu marido?

Sheila encarava a intrusa sem ao menos simular que a recebia com prazer. — Como foi que você veio? Que está fazendo em Nova York? Você está em Londres!

— Eu estava justamente explicando ao seu marido — respondeu Paula, sorridente. — Eu estava no aeroporto despedindo-me de Bertie, quando alguém descobriu que uma passagem fôra cancelada. Tiramos a sorte para ver quem viria, e eu ganhei. Foi uma extravagância. Até mesmo este vestido não é meu, é da irmã de Bertie. Ela tem o meu corpo.

Barney admirava-lhe a plástica. — Eu preciso conhecer a irmã de Bertie!

— Ela é muito bem casada — respondeu Paula, com um olhar brejeiro.

— E Barney também — replicou Sheila, de cara fechada. — Os Winklers não estarão preocupados?

A indireta foi tão clara que nem mesmo Paula pode pretextar não a ter compreendido. Quando ela se retirou, a bem dizer ainda completamente senhora de si, Barney voltou-se para Sheila e observou, sem ocultar o seu desgosto: — Ela veio sem querer, Sheila. Mas você foi grosseira.

— Ela veio porque soube que John Friday viria também. Ela escreveu uma nova peça. — Tarde de mais, Sheila lembrou-se de que um ano antes ela não soubera daquilo, acerca de Paula Costello. E, antes que as fisionomias de espanto dos presentes entrassem em erupção de perguntas, ela saiu correndo para a despensa.

Foi lá que, momentos depois, William a encontrou. Ela não pôde conter um grito desolado, ao notar o olhar estranho de William. — Eu não devia ter feito o que fiz. Mas pensei que Paula Costello estivesse em Londres. Ela não pode estar aqui.

— Você sabia qual era o sobrenome dela. Sabia que ela é escritora teatral. Você está com medo.

Ela balançou a cabeça, em desespero. — Eu pensei que ia ser fácil. Que era só



LOUIS HAYWARD



JOAN LESLIE

fazer tudo ao contrário. Pensei que a pudesse evitar, não indo a Londres. Mas agora... que farei? William, eu não acredito que este ano esteja definitivamente traçado, e que nada o possa mudar. Eu preciso fazer com que ele mude!

— Eu gostaria de saber o que você está querendo evitar, Sheila.

Sheila andava de um lado para outro. — E' tanta coisa! Barney precisa deixar de beber. Precisa terminar a nova peça. Eu tenho de arranjar um jeito de o levar para fora de Nova York!

★

Um dia depois eles partiam para a Califórnia. No Bel Air Hotel, a luz do sol filtrava-se através dos grandes sicômoros e derramava-se por toda a vegetação tropical. Barney usava trajes de esporte, camisa aberta, e já estava queimado de sol. Mas não gostava do lugar. Vivia como um exilado, para a correspondência da pátria; e também para as novas peças que John continuava mandando para Sheila.

Sheila lia os originais. Mas não haveria peça que agora a pudesse induzir a voltar para Nova York. Nova York significava Paula. E Paula significava... assassinio... Nem mesmo o telegrama que lhe mandou John Friday, dizendo ter descoberto a peça ideal, a demoveu dos seus propósitos.

O dia de abril em que chegou o telegrama começara como muitos outros — com uma refeição ao meio-dia, que para ela era almoço e que para Barney era o café da manhã; com a correspondência, da qual se destacou o volume de poemas que William lhes mandava. Era dedicado a Eleanor. Ao ler a dedicatória — uma simples linha — Sheila sentiu um arrepio. Um arrepio de medonha previsão.

— Eleanor... a sra. Shaw! — sussurrou. — Está, então, acontecendo de novo!

Barney observava-a. — Sheila, há momentos em que você parece estar vivendo no passado, ou no futuro, ou um pouquinho em cada um. Eu não a compreendo.

— Qualquer um pode viver no presente! — disse ela, em desespero. Destino?

Quando voltou para casa naquele mesmo dia, após ter visitado um estúdio, Sheila encontrou Barney nervosíssimo. Ele estivera lendo os últimos originais remetidos por John, e um deles era uma verdadeira obra-prima.

— E' de fato a peça ideal para você, Sheila — disse. — Você tem um grande papel. Faz o papel de uma atriz. E' um drama e tanto! "Diga adeus", é o título.

Ela agarrou-se à cadeira mais próxima, para não cair. Acontecera, então! — Como é o nome da peça, Barney? Quem é o autor?

— No original não consta o nome dele — respondeu Barney. — E' curioso!

— Friday o omitiu de propósito! Eu não a representarei! Não gostei do título. Adeus é uma palavra infeliz! — Ela sabia que estava falando como uma desvairada, mas era impossível deixar de fazê-lo. — Eu detesto fazer o papel de artista. O público não gosta.

— Espere até ler — aconselhou Barney, com a calma que gera a firme convicção. — Não tem nada de coisas passadas em caixa de teatro. E' sobre a vida privada de uma artista. O primeiro ato passa-se em Paris, onde ela se encontra em férias. O segundo passa-se na Itália.

— Aonde ela com certeza vai com o outro! — Como se ela não soubesse de cor todas as palavras de "Diga adeus"! — Para acabar descobrindo que é ao marido que ela realmente ama.

Barney olhou para ela, admirado. — E' isso mesmo. Mas... como foi que você soube?

— Como foi que eu soube? — A voz dela estava aguçada pela histeria. — Não seja bobo, Barney. Essas coisas são sempre iguais. Mas eu não representarei a peça. Já disse que não!

— Mas é uma tolice, Sheila. Você não confia no meu gosto? Se você não representar essa peça, não sei qual representará.

— Eu gostaria de estar ensaiando uma peça do meu marido, — disse Sheila, soluçando, — se ele quisesse aproveitar o tempo para escrevê-la, em vez de gastá-lo lendo peças dos outros! — O silêncio foi medonho. — Oh, Barney, desculpe-me! Eu estava zangada...

— Quando a gente está zangado — bradou Barney — diz o que realmente pensa. Você fará tudo o que puder para que eu escreva outra "A Hospedaria da Metade do Caminho", não é? Seria capaz até de permanecer mais três meses neste purgatório cheio de sol. Há meses que eu não bebo. Estou farto de tudo isso!

A discussão prosseguia, quando, alta noite, pousou o avião que trazia John Friday. O original de "Diga adeus" e o pequeno volume de versos de William continuavam em cima da mesa dela, havia horas — os símbolos mudos do Destino? E então, enquanto Barney percorria os bares da cidade, para afogar as mágoas, Friday chegou. Parecia muito satisfeito. E entusiasmado com a nova peça.

— Eu não quero trabalhar nela, John — declarou Sheila, enfática. — Sei que é uma boa peça. Barney também gostou. Mas sei também por que você não revelou o nome da autora: Paula Costello. — E ao vê-lo de olhos arregalados: — Fique sabendo que eu não representarei peça alguma escrita por essa mulher. Eu não gosto dela.

— Sheila! — implorou Friday. — Seja razoável. Você não a conhece.

— Eu conheço as mulheres da espécie dela. Ela é perigosa, John.

Ele sorriu frouxamente. — Paula só pode ser perigosa através dos cabos submarinos. Ela voltou para Londres. Vão filmar a primeira peça dela, e isso a deterá em Londres pelo menos por uma boa temporada. — Ele estava usando uma boa tática.

Não era possível permanecer eternamente contra os dois. Mesmo ao render-se, Sheila estava lutando. Lutando contra algo que não devia tornar a acontecer. — Ela não pode voltar para Nova York. Terá de ficar em Londres. Preste bem atenção!

— Tudo se arranjará — prometeu John, evidentemente perplexo...

— Eu exijo que você me dê a sua palavra de honra de que Paula Costello não irá a Nova York enquanto a peça estiver em cartaz. — Um sofrimento atroz exprimia-se no olhar de Sheila.

★

O lançamento de experiência foi feito em New Haven, em princípios de junho. O dinheiro de Eleanor Shaw tornara-o possível, assim como tornara possível também a publicação das poesias de William. Pobre William! Parecia agora um cachorrinho mimado... ele que fora sempre um espírito independente! Envergando os ternos pelintras que lhe cortava o alfaiate de Eleanor, vivia a percorrer com ela os restaurantes elegantes que ela frequentava. E ela agora estava envolvida na nova peça. Era o objeto das críticas irrisórias que os periódicos locais publicavam.

Friday marcou um ensaio para a tarde, após aquela amarga estréia, a fim de fazer uns remendos na peça. Estavam todos no palco: Sheila, Bob Randall, o galã; Bess Nichols, que fazia a criada; Ricardo... todo o elenco. Sheila estava muito pálida. Ela sabia o que estava errado, porque certa vez — no futuro — representara "Diga adeus" para colher aplausos delirantes.

— E' o segundo ato, John — disse a Friday. — Eu sei o que estou dizendo. Eu vi logo, desde o princípio. O ato agradará, se o representarmos ao contrário.

— Já tentamos tudo — resmungou Friday. — Como é que se pode fazer isso?

— E' muito simples. Bob chega à Itália assim que sobe o pano. Bess não traz a carta antes da cena final. Eu digo adeus a Ricardo na primeira cena, e Bob chega antes da carta.

Entusiasmado, Randall gritou: — Ela tem razão! Assim é que deve ser!

Mas Friday tornou a resmungar. — Eu não sou escritor. E a autora está em Londres.

— Barney podia fazer as modificações, mas ele partiu para Nova York, esta manhã. — Sheila notou que tremia. — Vamos modificá-la nós mesmos. E' só trocar as linhas, John. Nós podemos fazer isso. Vamos tentar. — Fez uma pausa. — A propósito, o Guild Theatre interessou-se pela peça de Barney. Agora mesmo ele deve estar na rua Cinquenta e Três discutindo o caso com eles.

O ensaio foi o que ela sabia que seria — um frio triunfo.

O segundo ato modificado agradou em cheio. Os artistas iam sair para o jantar, antes da sessão noturna, quando a porta se abriu e apareceu Barney. Vinha sorrindo meio desajeitadamente, e conduzia pela mão, arrogantemente enluvada, Paula Costello.

Todos os olhares se voltaram para ela. Foi John Friday o primeiro a recuperar a voz.

— Que está fazendo aqui, Paula?

— Eu telegrafei para ela — explicou Barney. — Nós precisávamos de tê-la aqui. Paula escreveu de novo o segundo ato, Friday. Aqui o tem.

Paula caminhou em direção a eles. — O melhor é representá-lo ao contrário. O marido chega à Itália assim que sobe o pano. A criada não traz a carta antes da cena final... — Interrompeu-se. — Que foi? — perguntou.

Até mesmo o seu ar frio foi incapaz de resistir a todos aqueles olhares que a fitavam. Olhou então para Sheila, que se retirou do palco, correndo.

Estava quase fechando a mala, quando Barney empurrou a porta do camarim para, ao vê-lo naqueles preparativos, perguntar-lhe: — Que é que você pensa que está fazendo?

— Estou abandonando a companhia, Barney — respondeu ela. — A peça foi mal recebida. Não é o sucesso que pensávamos. Eu não me atreveria a representá-la em Nova York. E' melhor desistir agora, antes que seja tarde.

— Isso é ridículo! — retrucou Barney. — E' por causa de Paula Costello, e você sabe muito bem que é!

— Por que você fez isso? — disse Sheila — Por que telegrafou para ela?

Barney aproximou-se mais. — Vou fazer-lhe uma promessa absurda, Sheila. Absurda porque me será facilíma cumpri-la. Eu a chamei porque acreditava que a peça precisasse dela. Mas prometo nunca mais tornar a ver Paula. Ela não se interessa mais por mim do que eu por ela. Você afastou-a do pobre Friday, Sheila, quando exigiu dele aquela promessa tola, na Califórnia.

Sheila arregalou os olhos para o marido. — Não é possível... John e Paula...

— Por que não? — Barney deu uma risadinha. — Ele é um homem como os outros. Venha cá. — Seus braços enlaçaram-na. E ainda estavam abraçados quando Friday entrou.

— Desculpe-me, Sheila — começou John, constrangido. — Eu cumpri com a minha palavra. Eu não...

— Está bem, John — atalhou Sheila, apiedada.

— Acabei de ler o segundo ato que Paula escreveu, Sheila. Está igualzinho ao que você idealizou no ensaio, palavra por palavra. Eu não compreendo isso. Parece um mistério. — E voltando-se para Barney: — Você não precisava ter chamado Paula. A sua esposa sozinha salvou a peça.

★

"Diga adeus" estreou em Nova York no começo da nova temporada. E desde quando a cortina se fechou sobre o último ato não mais restou dúvida de que aquele ia ser um dos maiores sucessos dramáticos do ano. Na manhã seguinte os críticos em péso elogiaram o espetáculo.

(Cont. no próximo n.º)



VIRGINIA FIELD



TOM CONWAY

Uma despedida

(Numa alameda remota, perdida no parque, andam vagorosamente um homem e uma mulher).

Ela — E agora acabou-se. Chegou o momento de nos separarmos. Não há mais nada a fazer. Portanto, beije minha mão e vamos nos despedir como amigos.

Ele — Como queira.

Ela — E não devemos conservar senão as mais agradáveis e gentis lembranças mútuas. Nós nos encontramos... nos amamos... nos beijamos por um momento... depois ficamos cansados um do outro. Basta!

Ele — Você tem razão. (Beija a mão dela).

Ela — Agora eu seguirei pela avenida da direita. Você espere um momento, depois siga pela da esquerda. Seria horrível que meu marido nos apanhasse agora, juntamente quando estamos nos separando para sempre.

Ele — Adeus. (Nenhum dos dois se move).

Ela — Por que que você não vai embora?

Ele — Há uma coisa que eu gostaria de perguntar-lhe antes.

Ela — Que é?

Ele — Eu encontrei você pela primeira vez em Hohen Trata. Lembra-se? Você estava com algumas amigas, passando lá o inverno sem seu marido. Portanto não o vi.

Ela — Eu me lembro.

Ele — Imediatamente ficamos interessados um pelo outro, como você se recorda, e depois, em Budapest nossa intimidade continuou. Contudo, nunca vi seu marido.

Ela — E' verdade.

Ele — Um dia você me trouxe a fotografia dum homem muito bonito. Você disse: "Truxe-lhe um retrato de meu marido. Pensei que você deveria gostar de saber como é ele. "Eu observei a fotografia atentamente. O homem era tão bonito quanto Dorian Gray, tão elegante quanto Eduardo VII. O cabelo, ondulado, as sobrancelhas com uma curva muito bonita; tinha um olhar franco e bondoso e a boca era igual à de um deus grego. Não lhe disse nada, mas naquela noite mal pude engulir um bocado de comida.

Ela — Eu imaginei isso.

Ele — E também não pude dormir. Eu estava naquele tempo tão louco de amor por você que não pude evitar certas comparações humilhantes para mim. Examinava meu rosto ansiosamente ao espelho. Sabia que minha aparência nem era agradável nem desagradável... uma cara simplesmente comum... a cara de qualquer rapaz da minha espécie. Essa verificação me perturbava e me enfurecia. Tomei a resolução de me tornar de qualquer modo bonito.

Ela — Eu notei isso.

Ele — Durante todas aquelas noites insones eu costumava perguntar a mim mesmo que seria que você descobria em mim, tendo um marido daqueles. "Talvez o marido dela seja um cabeça de pedra", disse para mim. Isso me confortava até que, em análise posterior, tive que admitir que minha própria inteligência não era nada incomum, e além disso o rosto da fotografia tinha todos os sinais de uma pessoa espirituosa, dum intelectual. Cada vez menos eu conseguia saber por que motivo você realmente gostava de mim. Tive ciúmes, ciúmes do homem da fotografia; e gradualmente comeci a entrar numa febril competição com aquele retrato.

Ela — Eu sabia disso.

Ele — Mandei fazer meus ternos pelo melhor alfaiate. Mandei ondular o cabelo. Com um ciúme feroz de você, cada minuto que se passava, prestei uma aten-

ção escrupulosa a cada detalhe de minha aparência pessoal, até que, de fato, comeci a passar por bonito. Algumas vezes você me dizia que ia a um baile com seu marido. Isso sempre me punha feio, ao me lembrar como você deveria ficar soberba em vestido de baile.

Ela — Eu sabia disso.

Ele — Cada minuto livre que você tinha eu o pedia para mim. Lembra-se? Uma vez você me disse que seu marido tinha ido passar duas semanas em Londres, a negócios. Eu quase não a larguei.

Ela — Era verdade. Ele tinha ido a Londres.

Ele — E quando você me disse que ele havia regressado eu lhe supliquei que me deixasse vê-lo. Você recusou. Eu apenas pedia a oportunidade de vê-lo em carne e osso. Você recusou. Depois aconteceu uma coisa.

Ela — Que foi?

Ele — Agora posso confessar a você. Uma tarde, no meu apartamento, você deixou cair um bilhete. Depois que você saiu eu o apanhei e li. Era um bilhete para sua mãe, dizendo que você e seu marido tinham um camarote para a ópera na noite seguinte e que você iria

buscá-la. Você pretendia mandar esse bilhete a sua mãe, porém o deixou cair da bolsa no meu apartamento.

Ela — Foi mesmo? Eu o deixei cair no seu apartamento?

Ele — Deixou. E na noite seguinte, naturalmente, eu fui à ópera também. E vi vocês três no seu camarote — você, sua mãe — e seu marido.

Ela — Você viu?

Ele — E' tudo o que você tem a dizer a este respeito?

Ela — Que é que você quer que eu diga?

Ele — Vamos, não finja. Na ópera, naquela noite, verifiquei — não direi que você mentira — mas que havia um engano. Seu marido anda entre cinquenta e cinco anos, é incrivelmente feio, encovado, cabeludo — perdôe-me — porém é incrivelmente feio.

Ela — mas... mas...

Ele — Você não pode negar que era seu marido.

Ela — Não.

Ele — Eu tive a confirmação, indagando de alguém que sabia quem ele era.

Ela — Era meu marido, sim.

Ele — Bem, então, por que você apresentou aquela comédia comigo? Quem

era o bonito rapaz cujo retrato você me mostrou?

Ela — Não sei. Eu comprei a fotografia em Londres. Algum inglês aristocrata ou coisa que o valha, segundo penso.

Ele — (intrigado) — Mas, por que?

Ela — Você próprio respondeu a essa pergunta. Foi uma pequena decepção minha que teve um brilhante resultado. Desde que você começou a competir com o retrato, subi cinquenta por cento em valor. Você melhorou incrivelmente. Aquêlê retrato o tornou bonito, elegante e espirituoso. Eu naquele tempo estava muito apaixonada por você. Desse modo foi uma alegria para mim melhorar suas boas qualidades.

Ele — Esperta! Admito isso. No entanto, foi uma esperteza tipicamente feminina. De vistas muito curtas, não sabe?

Ela — Que é que você quer dizer?

Ele — Porque, como você vê, um simples acidente, um bilhete inadvertidamente caído de sua bolsa, destruiu toda a fábrica de mentiras. No dia em que vi seu marido — seu marido verdadeiro — e soube que você me havia mentido,

(Cont. na pág. 56)

Conto de FERENC MOLNAR



Ilustração de ARMANDO MOURA

Tradução de HERMAN LIMA (Especial para REVISTA DA SEMANA)



Evangeline

EU ia com frequência para o quarto do pequenito John fazer-lhe companhia. Todos o estimávamos naquele andar do Jefferson Hospital, mas nem todos conheciam a doença que o condenara. Ele andava pelos dez anos; era filho dum dos médicos do hospital, o Dr. Montgomery. A mãe era uma bela estampa de mulher, com distinção e raça. O pai era um cirurgião de mérito, rapaz ainda novo, simpático. O garoto adoecera havia meses; começara por deixar de brincar com os irmãos, por se refugiar nos cantos, tomado de súbitos langores; entristecera e começara a emagrecer. O pai, atento, nenhum mal conseguiu localizar, até que uma icterícia traiçoeira começou a cobrir a pele branca do pequenito e a amarelecer-lhe a conjuntiva. Como os recursos médicos fôsem vãos para sustar aquêle definhir constante, ou para limpar a epiderme das tintas amareladas, entenderam os cirurgiões, embora céticos quanto ao resultado da sua tentativa, abrir o brinquedo para o ver por dentro, tal como o John fazia sempre aos seus brinquedos. Foi o Dr. Wood o cirurgião escolhido pelo pai do doente para levar a cabo a operação exploradora.

Formados no mesmo ano, amigos na escola, no hospital e na vida, Montgomery e Wood eram talvez os cirurgiões mais notáveis das novas camadas do Jefferson. Eu conhecera Roland Wood em casa de

In that delightful land which is washed
by the Delaware waters
Guarding in sylvan shades the name of
Penn the apostle,
Stands on the banks of its beautiful
stream the city he founded.

There from the froubled sea had Evan-
geline landed, an exile
Finding

LONGFELLOW; "EVANGELINE"

Norma Davenport. E via-o agora atravessar os corredores brancos do andar n.º 12, em visita ao seu doentinho. Nas salas do *appartement* de Norma e naquele quarto do hospital se alicergaria a nossa amizade. Foi ele quem me revelou que o John estava irremediavelmente perdido. Operara-o, nem sabia bem à busca de quê tão invulgares eram para a sua idade, os sintomas que apresentava aquêle garotito de dez anos; mas esperara talvez poder restituir a permeabilidade às vias biliares ou extrair o mal que as obstruísse. Aos seus olhos experientes surgiu, todavia, dentro do corpo enfermiço, um cancro precoce e inexorável, já confundido com os órgãos vitais, senhor já da vida que não queria entregar. O Dr. Wood nem tentou arrancar ao corpo condenado o invasor que dele se assenhoreara. Tornou a fechar o brinquedo, exatamente como o John fizera na ante-véspera ao seu cavalo de papelão. E deixou-o viver, numa estranha euforia de menino animado, as últimas semanas que lhe restavam para saborear os *candies*, para receber presentes, para ser despota com a *nurse* e com os pais, êle a quem a sorte tratara com o mais cruel despotismo...

Todos os que estávamos no segredo da condenação que pesava sobre o John o destacávamos na nossa simpatia e até na nossa ternura. Diariamente, de manhã e à tarde, eu passava pelo seu quarto a fazer-lhe um bocado de companhia. Êle era, um garotinho adorável, com uma ânsia de convívio e de compreensão que parecia já insuflada pela presciência de que pouco tempo lhe restava para abarcar o mundo nos seus bracitos débeis. O seu quarto era sempre um arsenal de brinquedos e um viveiro de flores. A mãe aparecia logo que os afazeres do *home* lhe permitiam ir prestar assistência ao filho; o pai vinha, nos intervalos do trabalho, ou à noite, visitar aquêle outro doente que não era da sua enfermaria nem do seu pavilhão, nem sequer da sua especialidade, mas que era da sua carne e sangue, pelo destino escolhidos para exemplo da inaniidade de todo o seu saber. E o dia inteiro, até ser rendido pela

enfermeira da noite, Dolores tratava o pequenino enfermo com perícia de *nurse* diplomada e carinhos de irmã devotadíssima. Ele queria-lhe com um amor tirânico, feito de caprichos e de zelos. Dizia que ela era a sua noiva e que casaria com ela quando sasse do hospital; jogavam juntos os jogos infantis que a doença permitia; só queria o conchêgo de Dolores para dormir e exigia que fôsse dela, à noite, o último beijo.

A mãe do John tinha alguns ciúmes de Dolores; mas era forçada a dividir a sua vida pela casa, pelo marido, pelos outros filhos, pela própria vida, e esta, nos Estados-Unidos, não está organizada de modo a que a mãe possa dedicar-se a um filho, inteiramente, de forma a conseguir disputá-lo à morte, ou, vencida por esta, entregar-lho amortalhado no seu sacrifício ou no seu constante sofrimento. A vida é extremamente complexa e exigente. A grande maioria das mães não tem criados a servi-la. Para se consagrarem, num momento excepcional de doença ou de desgraça, a um só dos filhos, os outros ficam abandonados, o lar fica desamparado. Assim, ao doente impõe-se o abrigo hospitalar. Por isso o John não voltou para casa onde de tudo careceria — pois as casas são construídas só para os entes com saúde — e ficou no hospital esplêndido, onde nada lhe faltaria, à espera simplesmente de morrer.

Para velar pelos doentes existe essa multidão de raparigas novas, saudáveis, donairosas nas suas batas brancas, que constituem uma das mais simpáticas classes da vida norte-americana: as *nurses*. Estas não são somente as profissionais da enfermagem; são as profissionais da caridade alegre e sadia, em muitos casos da ternura discreta, da devoção inteligente. Substituem a mãe que não pode velar o filho, a irmã que não quer sacrificar a sua liberdade, o pai que não deve abandonar o emprego; substituem o lar, ou antes, formam-no, porque dão ao desempenho da sua missão o calor que no lar não existe.

Dolores fôra destacada para enfermeira do John; e havia já semanas que, desde madrugada até à noite, ela era a sua companheira de todos os instantes, a servidora alegre do seu triste destino, a irmã amorosa a velar a vida que se apagava. Talvez que a sua adorável presença me atraísse também aquêle quarto e não fôsse só caridade o fôto dos meus passos.



CONTO DE JOAQUIM PAÇOS D'ARCOS

ILUSTRAÇÃO DE ORLANDO MATTOS

Não sei, nem isso tem importância para o seguimento desta narrativa.

Ela viera de Espanha havia três ou quatro anos. Uma guerra anterior àquela que atirara Eudóra ou Gretel para o desterro — a guerra, sempre a guerra — arrancara-a à sua natal Bilbao numa manhã de pânico e atirara-a para as praias de França. O pai era um industrial bilbaíno que a guerra civil, ao eclodir, encontrou nas fileiras dos nacionalistas vascos. Na caprichosa balbúrdia da política espanhola estes ficaram, ao extremarem-se os campos, ao lado das hostes avançadas de Madrid, de Valência e de Barcelona. Os burgueses católicos do País Basco viram-se, assim, quase sem terem tempo de raciocinar, envolvidos na trágica aventura que por três anos a fio flagelaria a Espanha até a deixar exangue. O pai de Dolores era conselheiro da municipalidade de Bilbao; foi cabecilha da resistência e figura de destaque na caótica governação que amalgamaria as populações católicas do país com os anarquistas que destruíram Irun. Dolores foi improvisada enfermeira em hospitais de sangue. O noivo ficara do outro lado, nas fileiras dos *requetés* que acordaram os cerros da Navarra ao grito de Viva o Rei! Ficara da banda contrária a bater-se pela Espanha, que era afinal a mesma Espanha da noiva, pelo Cristo, que era afinal o mesmo que ela trazia ao peito. Entre um e outro ergueu-se uma barreira desmedida, que o tempo e a chachina iam tornando cada vez maior: a pira que consumiu as centenas de milhares de mortos com que a Espanha pagou o tributo da sua inquietação. Havia barreiras intransponíveis; essa foi uma delas.

Quando as avançadas de Mola romperam a cintura de ferro de Bilbao, os chefes da resistência, e todos os que haviam ligado os destinos à sorte da causa vencida, procuraram, com a cumplicidade generosa do mar, passar-se para França. Os pais de Dolores e esta obtiveram asilo numa traineira de pesca, que os levou sob temporal desapiedado, às praias de Biarritz. O pesadelo de alguns meses findara; outro se encetava porém, menos agitado, mas mais torturante: o da vida arrastada em miséria — em campos de refugiados e barracões imundos — por quem sempre conhecera o conforto e a abundância; o da vida sem horizontes, além dos do desterro, deixando tudo para trás, a pátria em sangue, a família dispersa, os bens perdidos.

Em 1938 — já não parecia incerto o desfêcho da guerra civil — o pai de Dolores obteve no México a garantia duma colocação; partiu para Vera Cruz com a mulher e a filha, numa terceira classe manhosa dum paquete francês. Dolores não esquecera o noivo, mas não sabia sequer se ele era vivo ou morto. E, mes-

mo que vivo fôsse, de nada lhe valeria não o ter esquecido; no íntimo, ela sabia que o tinha perdido, naquela manhã em que os *requetés* da Navarra saíram para a rua aos gritos de Viva o Rei! Viva a Espanha una! — e os operários de Bilbao aclamaram em delírio, nas ruas da cidade, a República Basca, arrancada ao corpo da Espanha. Aprendera, na dura experiência, que a guerra destrói todos os vínculos e que o seu noivado ainda era o mais débil dos nós que ela destroçara. Do noivo, como da pátria, restava-lhe a saudade. Uma e outro nunca os encontraria.

Quis prosseguir no exílio a vida a que se consagrara nos meses de campanha em que tanta ferida ajudara a lavar e a tantos mortos fechara os olhos. Obteve autorização para entrar nos Estados- Unidos e o auxílio para se matricular na Escola de Enfermagem do Jefferson Hospital. Aprendera o inglês em criança; o domínio da língua facilitou-lhe os estudos. Ao terminar o ano letivo de 40-41 recebeu o seu diploma de *nurse*; tinha uma profissão, a independência e à sua frente as longas enfermarias do hospital.

★

Ela está no quarto do John, sentada à borda da cama, a entretê-lo com um jogo paciente de corridas de cavalinhos de madeira sobre pequena pista de cartão. O seu cavalo favorito perde sempre a corrida para que seja o predileto do John a ganhar. Ele ri, entusiasmado com o êxito, ela sorri, enternecida com o estratagemas. Custa tão pouco fazer alguém feliz; um pouco de piedade, um pouco de ternura e sempre o doce narcótico da ilusão! O John sente-se tão feliz no quarto cheio de flores e de brinquedos! Foi tão boa a idéia dos pais de o deixarem no hospital! Quase esquece os irmãos naquele delírio de brincadeira, naquele afogar de mimos em que o mantêm, naqueles dias tão diferentes, tão novos, tão parecidos com o sonho!

O Dr. Wood — Roland, como Norma o tratava sempre que ele aparecia em Rittenhouse — vem todas as manhãs ver o pequeno e dar à enfermeira as suas instruções; volta sempre por meio do dia; e ao terminar a tarefa da tarde assoma de

(Cont. na pág. 54)





Conto de **LOLA KNEIP DE MELO**
Ilustração de **A. ZAGORSKA**

— Você acaba tirando o aço do espelho, de tanto se olhar — pilheria sua mãe, sem maldade.
Denise sorri, mostrando uns dentinhos um pouco irregulares, o que lhe dá mais encanto.
Pega na bolsa, beija a mãe distraidamente e sai

★

Algumas horas mais tarde o telefone toca.
É Denise. Dá um recado à tia, que atendeu:
— Diga à mamãe que a "matinée" já terminou, mas eu e Célia estamos em casa de Camila, ouvindo uns discos. Irei daqui a pouco.

A mãe estranha. Em primeiro lugar, ignora quase a existência de Camila; já ouviu a filha pronunciar seu nome vagamente, como o de outras colegas, sem lhe demonstrar a mínima preferência. Não podendo explicar bem por que, uma ligeira dúvida assalta-a. Confiava plenamente em Denise, sabe que ela é uma criaturinha reta e leal, incapaz de mentiras. Mas, mesmo assim, seu coração está levemente angustiado.

Lembra-se da mãe de Célia, que é sua amiga, também, e poderia talvez — quem sabe? — explicar a atitude de sua filha. Ela reside no centro da cidade e em terra pequena tudo se sabe, todos moram mais ou menos perto.

As primeiras palavras de sua amiga, falando aflita, uma ruga de preocupação se cava em sua testa. Sabe então que Denise e Célia, após a "matinée", sem o consentimento de ninguém, foram para um clube de dança, com outras colegas.

— Mas você não está enganada? Tem certeza, absoluta certeza?

Ante a resposta afirmativa da outra, o fone cai-lhe das mãos e ela fica parada, absorta, a cabeça vazia de pensamentos, uma tremura sem limites dominando-a.

Não quer acreditar ainda que sua filha, sua pequenina, lhe tenha mentido. Denise lhe parecera sempre tão cheia de lealdade, que custava a crer naquilo agora.

Uma grande tristeza apodera-se de seu coração. O mundo todo parece estar ruindo à sua volta. Coloca o fone no lugar, dirige-se para o quarto e, atirando-se ao leito, a cabeça escondida no travesseiro, ouve o próprio coração, repetindo sem cessar: — Não, não pode ser... Não pode ser...

★

Denise chega um pouco mais tarde, os olhos mais brilhantes que nunca, rosada e feliz.

— Alô, mamãe!

Esta olha-a de frente, sem severidade, que ela não sabe ser severa, pelo muito amor que lhe tem. Mas há uma profunda mágoa em suas palavras, ao interpelá-la:

— Minha filha, onde você esteve?

O diabrete ainda tenta continuar a mentira. Sorri e responde:

— Ora, na "matinée", e depois em casa de Camila você bem sabe. O filme esteve ótimo. Eu e Célia gostamos como você não pode calcular.

— Denise, sinto dizê-lo, mas você está mentindo. Por favor, não continue. Já sei onde você e Célia estiveram. A menina se torna ligeiramente pálida e balbucia:

— Mas mamãe... Quem contou a você?

E, na premência da defesa, nega sem mesmo saber até que ponto vai a descoberta de sua mãe:

— É falso. Asseguro a você que é falso. Telefone a Célia e pergunte.

— Já telefonei. Não a ela, mas à sua mãe, Denise. Foi ela quem me contou tudo. Vocês foram para o clube sem autorização, como quaisquer meninas que não tenham mãe ou que a consideram sua inimiga, de quem é preciso tudo esconder.

Segura a filha pelos ombros, olha-a bem dentro dos olhos, que tentam fugir.

— Denise, eu não estou zangada com você. Pode acreditar que não. Estou é triste. Triste por ver o caminho ruim que você vai tomando, mentindo por uma coisa tão tola... Eu não sou sua inimiga, minha filha. Sempre fui e quero continuar a ser a sua melhor amiga. Por que você não me telefonou dizendo que desejava ir ao clube com as outras colegas? Não era melhor, muito mais correto? Eu não teria negado; apenas mandaria alguém buscá-la, você bem sabe. Aguardaria sua volta sem preocupações e não teria agora essa grande desilusão de saber que minha própria filha não tem confiança em mim, que é, como tantas outras meninas, uma pequena mentirosa. Os ombros de Denise se curvam um pouco e as lágrimas

(Cont. na pág. 56)

PODERIA dizer-vos que ela é muito bonita. Bonita como uma princesinha dos contos de Perrault com seus grandes olhos esverdeados sempre abertos em curiosas indagações; sua pele clara e macia, e seu corpo poderia servir de modelo para as fotografias de modas juvenis de "Mademoiselle", "Charme" ou qualquer outra revista americana especializada. Mas não vos direi nada disso. Dir-vos-ei apenas que é uma menina de quatorze anos. Nada mais que isso. E tenho certeza de que me compreenderéis.

Seu nome? Escondamos o verdadeiro. Chamemo-la Denise, por exemplo. É pequeno, gracioso e adapta-se bem à sua pessoa.

★

Naquele domingo, Denise terminava seu almoço.

— Coma um pouquinho mais, minha filha.

— Não tenho fome, mamãe.

A mãe não insiste. Retira o prato de sua frente, serve-lhe a sobremesa, que a menina engole às carreiras.

— Quantas horas, mamãe?

— Meio-dia.

— Chiii! Vou perder a "matinée"!

Levanta-se correndo, vai ao telefone. Disca um número, batendo o pé, impaciente.

— Alô! É Célia? Aqui está falando Denise. Olhe, não vá sair antes que eu chegue aí. Já vou tomar o bonde. Fique prontinha, para sairmos depressa. Até logo, sim?

Vira-se para a progenitora, que ainda se conserva sentada à mesa do almoço:

— Mamãe, você acha que esse vestido está mesmo bom para eu ir à "matinée"? Já não está muito visto não?

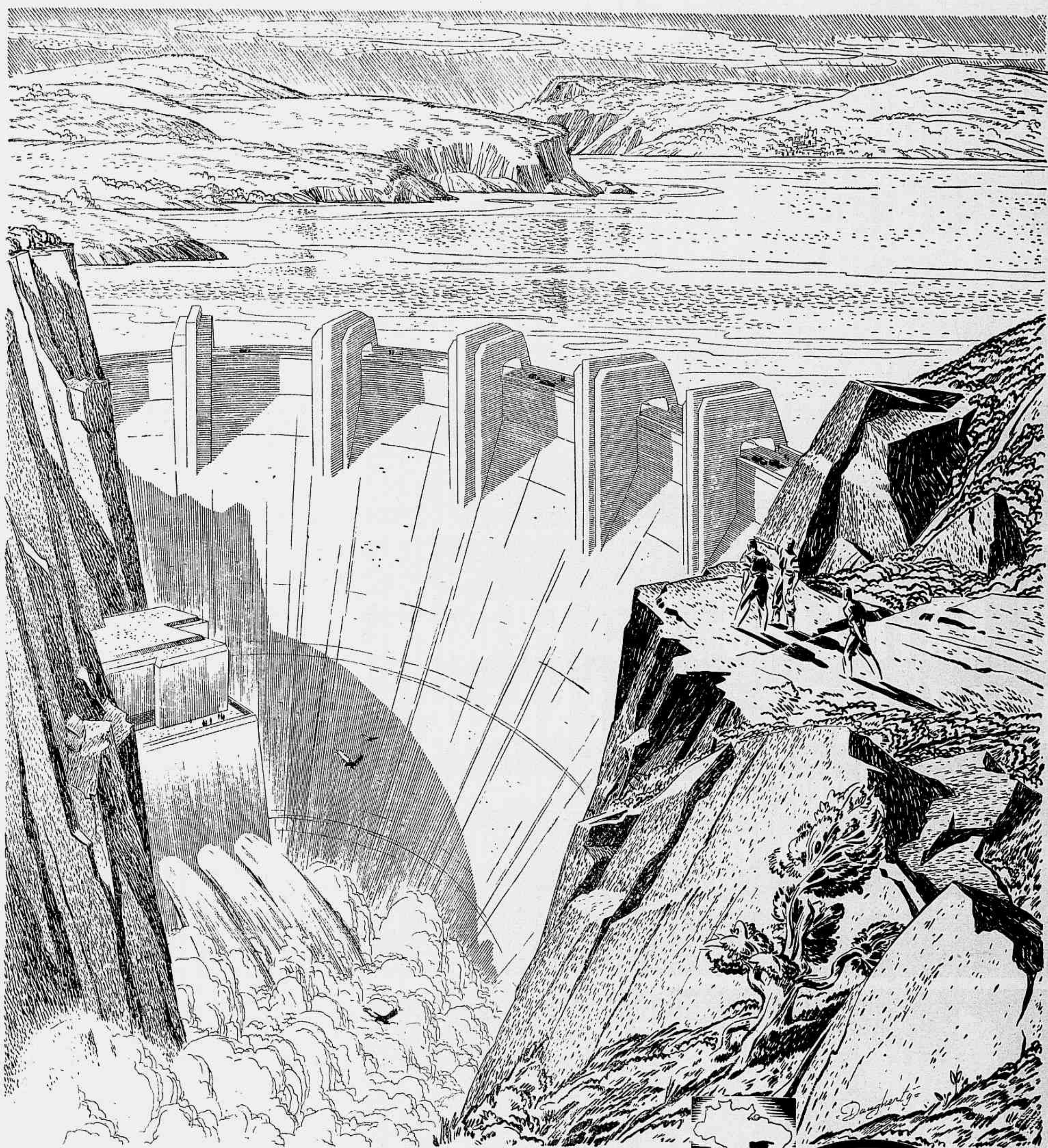
A mãe sorri. Que completa vaidosa lhe está saindo a filha! Mas ela é tão criança, tão boa e tão ingênua, que é preciso perdoar-lhe. Levanta-se e passa os dedos carinhosamente, pelos seus belos cabelos castanhos. Denise retira a cabeça, um pouco enervada.

— Mamãe, você me desmancha o cabelo!

Ah! sim! Logo hoje, que ela se penteou com mais cuidados que nunca. Aparou um pouco os fios na testa, formando um pequeno topete. É a moda. Todas as amiguinhas usam-no assim. A "Gilda". E fica-lhe bem. Dá-lhe um arzinho gaiato e provocante.

Naquele vestido, Denise está muito elegante. Suas formas, que comecem a definir-se, são uma pré-afirmativa de encanto e sedução. É mesmo uma pequena sereia. Ela parece ter dito a exata noção, pois mexe-se e remexe-se ante o espelho, olhando-se de todos os ângulos, das mais variadas posições.

**PRIMEIRA
MENTIRA**



Os homens que fazem oceanos

O lençol areento irá sumir do Nordeste à medida que progredir a tarefa patriótica dos homens que fazem oceanos: as obras contra as secas.

E as gigantescas massas d'água, barradas após trabalhos insanos, poderão, postas em canais, lastrear de verde novamente aquelas terras, fecundas no seu âmago.

Milhares de homens e centenas de veículos têm empregado sua força em deter as águas fugidias, que rolam do Nordeste como de uma ribanceira para o mar. Nessa tarefa, os produtos petrolíferos têm auxiliado os homens e as máquinas. E a Standard Oil orgulha-se de estar servindo nesta, como em outras iniciativas, o bem estar e o progresso do país.



Esso



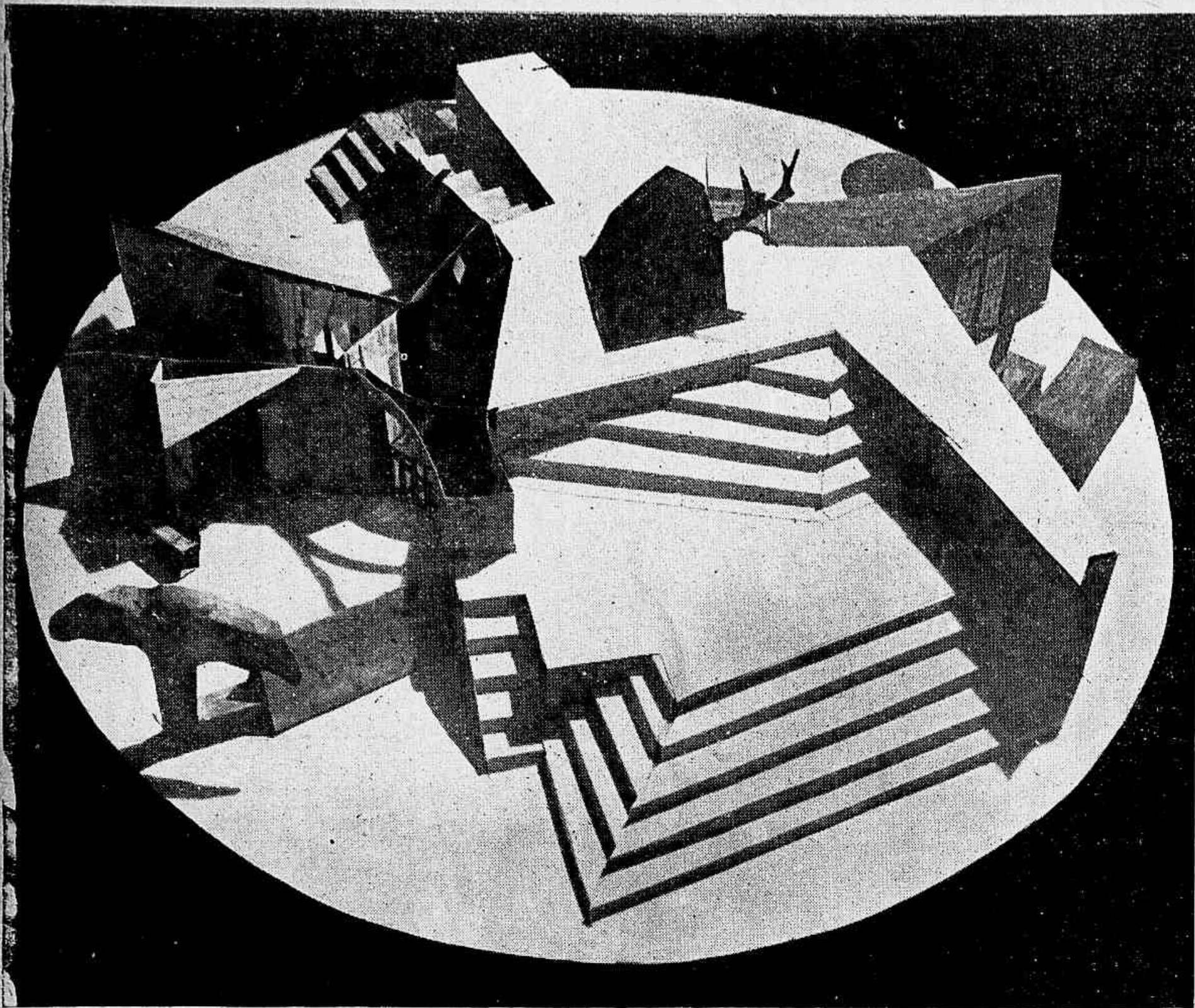
Milhares de carros, caminhões ou ônibus que atravessam as estradas poeirentas, são atendidos em todo o país pelo Serviço Esso de Lubrificação, que os poupa do desgaste, para novas jornadas.

★

Trabalhando com
Esso, Brasil afora.

★ **STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL** ★

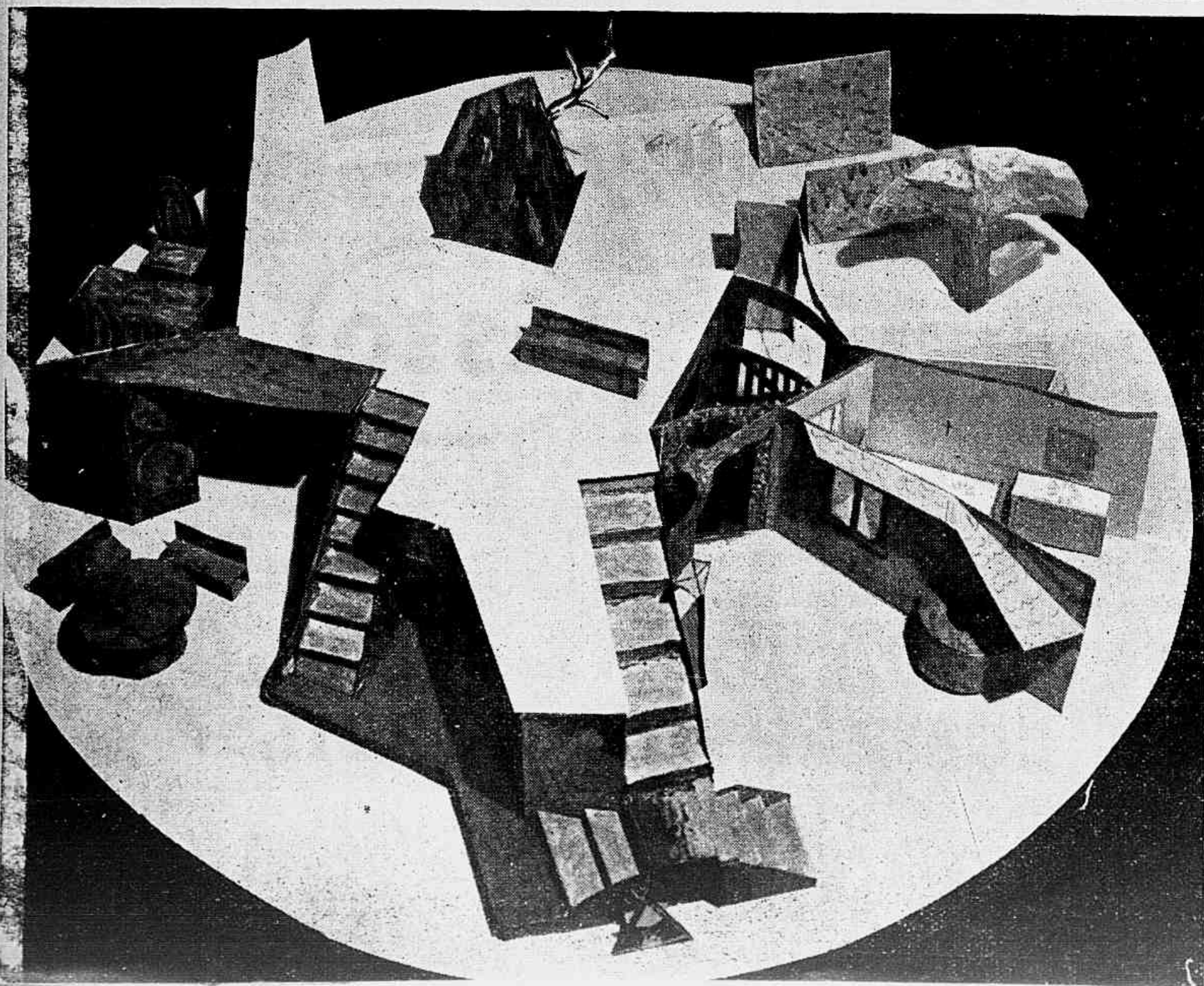
McCann Erickson



O PRIMEIRO TEATRO MECANIZADO DO BRASIL

OS RECURSOS TÉCNICOS QUE SERÃO EMPREGADOS PELA PRIMEIRA VEZ NA ENCENAÇÃO DE "FAUSTO"

Por HEBERT MARTIN (Especial para REVISTA DA SEMANA)



O desenvolvimento técnico do teatro moderno acusa três grandes tendências: a simplificação arquitetural, a criação de efeitos cênicos, unicamente pela distribuição da luz e, finalmente, a mecanização.

Um exemplo da simplificação arquitetural foi o chamado "palco formal" de Jacques Copeau em Paris, que conservou, durante todos os quadros de uma peça, uma decoração fixa, digamos de algumas colunas, dentro da qual se mudaram somente apliques ou cortinas. Foitronas colocadas diante de uma cortina fechada entre as colunas significavam a cena de um interior. Uma árvore no espaço aberto entre as mesmas colunas representava um jardim. O "palco plástico" de Norman Bel Geddes em Nova York consistiu de cubos, cilindros e outras peças sólidas que, em diferentes composições, serviram para divisão do palco em níveis e formas plásticas, geralmente de estilo expressionista. O "palco construtivista" de Meyerhold, em Moscou, também seguiu a simplificação arquitetural, afastando a cena de todo realismo e entregando-a às construções absolutamente abstratas, que lembraram desenhos de engenharia. Na segunda tendência, no aproveitamento da luz baseou-se o "palco no espaço" concebido pelo suíço Adolphe Appia e desenvolvido por Gordon Craig em Londres, no qual, a decoração foi substituída por uma atmosfera criada por efeitos de luz em cima do panorama ou de cortinas. A terceira tendência, a mecanização, determinou, em grande parte, o sucesso das encenações de Max Reinhardt em Berlim, no seu aspecto técnico. Na América do Norte, a mecanização facilitou o aperfeiçoamento técnico das representações teatrais em todo o país.

O primeiro moderno palco mecanizado do Brasil será em breve inaugurado, no recinto do majestoso Hotel Quitandinha em Petrópolis, como uma das grandes atrações da Exposição Internacional de Indústria e Comércio. Existem vários engenhos de mecanização, principalmente o "palco-elevador" (elevator stage), o "palco virante" (swinging stage), o "palco rodante" (wagon stage) e o "palco giratório" (revolving stage).

O "palco-elevador" consiste de dois plateau, cada um no tamanho do espaço aproveitável para a representação, montados um em cima do outro na distância da altura da boca. Enquanto se representa no plateau superior, o plateau inferior repousa no porão onde então o quadro anterior é desmontado e o quadro seguinte é composto; quando este sobe ao nível da boca do palco, o plateau superior acha-se acima da mesma para ser desmontado e composto de novo. O "palco virante" obedece ao mesmo princípio com a diferença que a deslocção dos dois plateaux não é vertical mas horizontal; após o fim do quadro, o plateau vira por 90 graus para o lado direito, em torno do seu canto direito de frente; ao mesmo tempo move-se um segundo plateau, em torno do seu canto esquerdo de frente, da coxia do outro lado em direção à boca do palco. O sistema do "palco rodante" também é parecido; os quadros são montados em carros providos de rodas, aos lados e nos fundos do palco, e empurrados para a boca; enquanto se representa em um carro, outros são montados atrás dos bastidores; a altura dos carros pode ser regulada, de maneira que com o aproveitamento de vários carros, efeitos de diferentes níveis ou escadas facilmente podem ser produzidos. O "palco rodante" é o sistema mais usado na América do Norte. Como se vê, todos estes palcos mecanizados seguem à mesma orientação: procurar montar o quadro seguinte nos bastidores, em baixo ou em

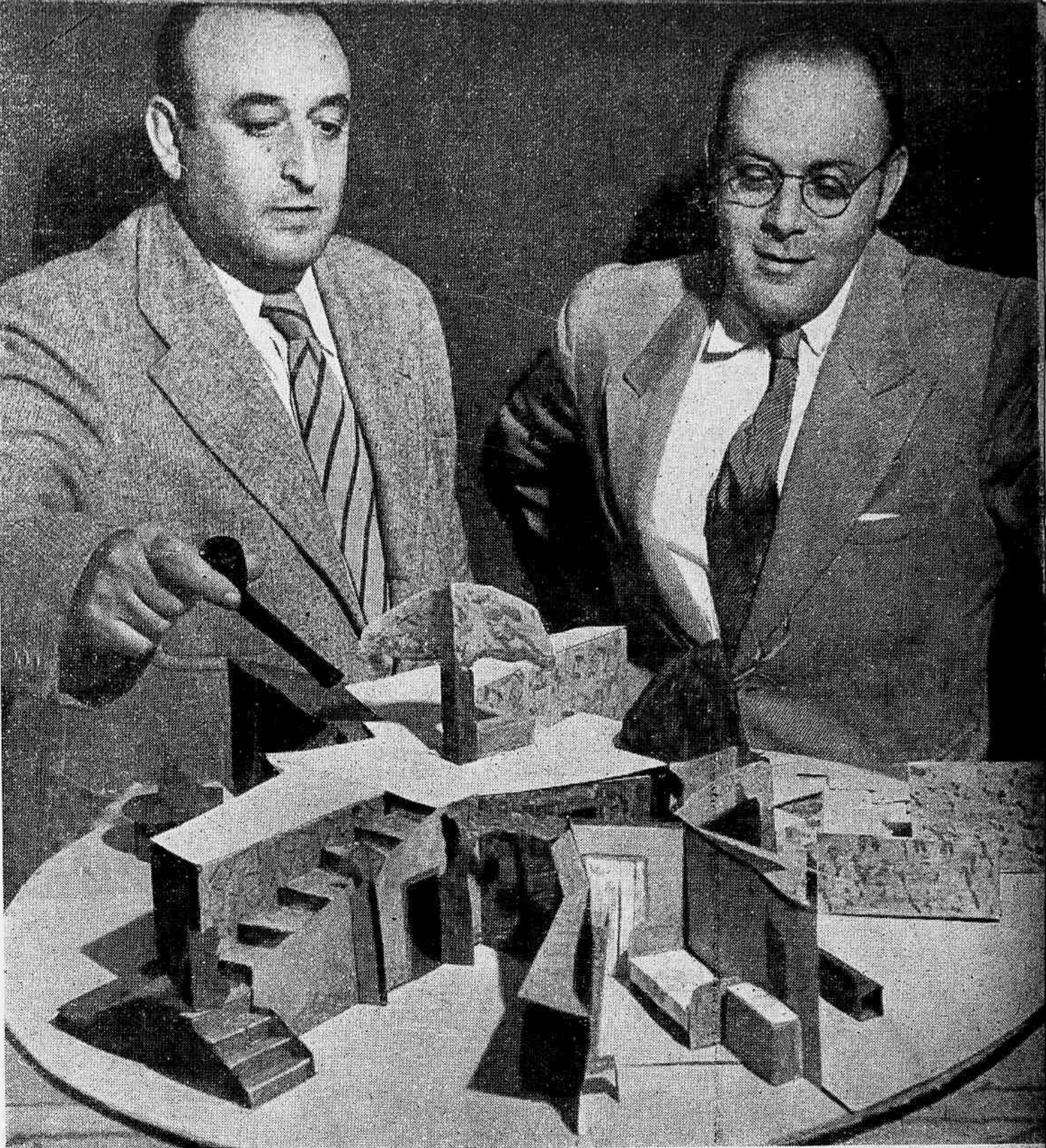
A esquerda, ao alto — Maquete da construção dos cenários no primeiro palco giratório do Brasil, para a tragédia em 22 quadros "Fausto", que Herbert Martin está encenando nos Festivais Dramáticos Quitandinha. Os cenários serão executados pelo famoso cenógrafo Souza Mendes. Em baixo: — A mesma maquete apresentando o disco do palco giratório sob um outro ângulo de vista.

O autor d'êste artigo, dr. Herbert Martin é o criador, no Rio de Janeiro, do gênero dos pequenos teatros de bairro, construindo, inaugurando e dirigindo durante a primeira temporada o Teatrinho Intimo do Leme. A idéia e sua realização foram vitoriosas; uma segunda casa, o Teatrinho Jardel, já funciona com sucesso em Copacabana, e vários outros teatrinhos estão sendo organizados. Após a idealização do menor teatro do Rio, Herbert Martin inaugurará agora, no maior teatro e no primeiro palco giratório da América do Sul, os Festivais Dramáticos Quitandinha, com a encenação e montagens nunca vistas no Brasil, da tragédia "Fausto", de Goethe, e da comédia "Ele", de Alfred Savoir.

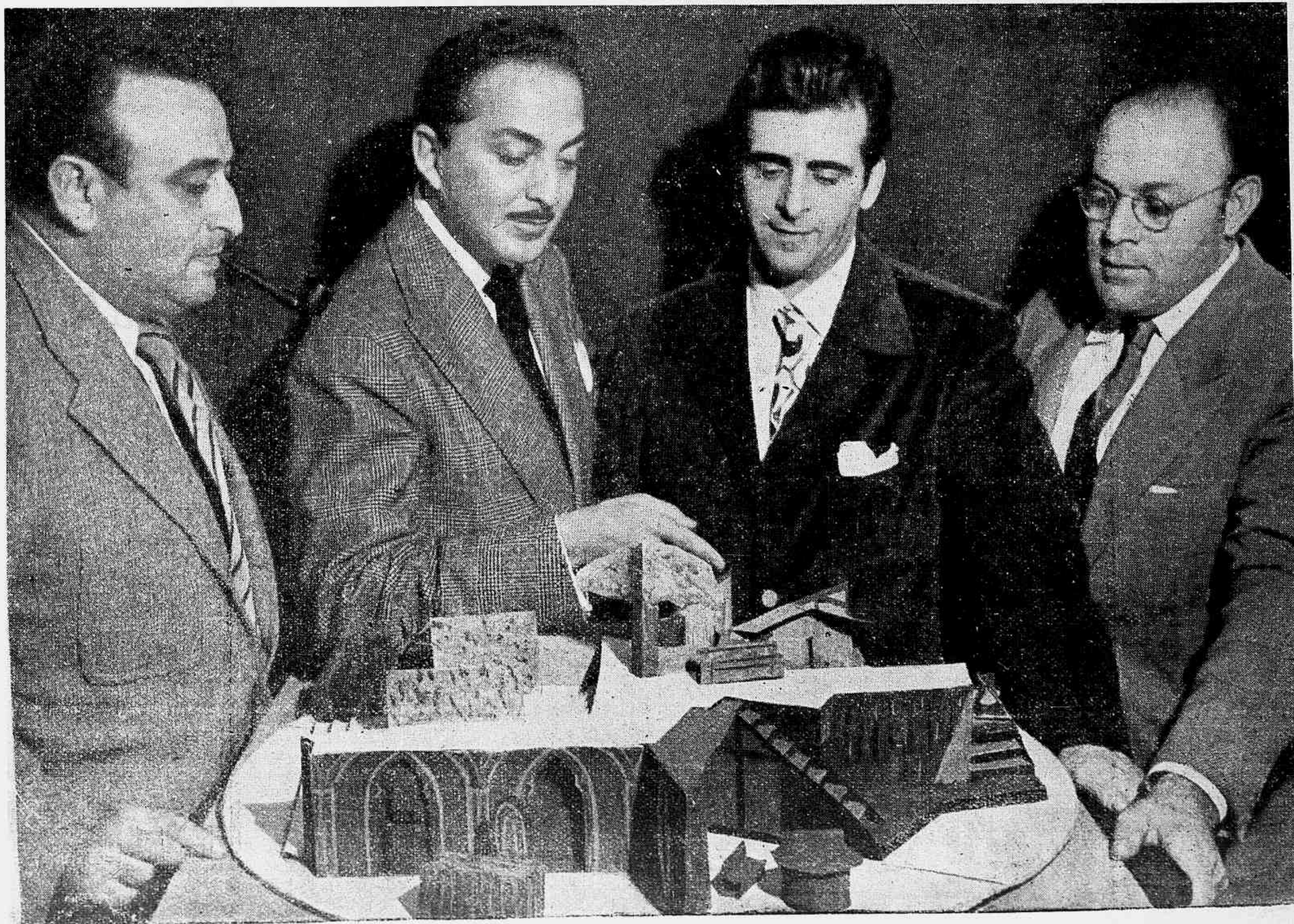
cima do palco, para substituir o quadro anterior com rapidez.

O "palco giratório" cumpre esta mesma finalidade com a máxima perfeição, mas serve muito além disso, para efeitos novos e nunca vistos. O "palco giratório" é um disco que gira automaticamente mostrando sempre só uma quarta parte aos espectadores. Assim, pelo menos quatro quadros podem ser montados de uma vez e mudados em poucos segundos, pela simples volta do disco. Mas, como não é necessário que cada quadro encha todo o espaço de um quarto do disco, podendo quadros de menor tamanho variar com outros mais amplos, o disco pode abrigar muito mais de quatro quadros ao mesmo tempo. Por exemplo, no "Fausto", de Goethe, que inaugurará os Festivais Dramáticos Quitandinha no primeiro "palco giratório" do Brasil, a encenação exige 22 mutações de cena. Dêse modo, todos os quadros serão montados de uma vez, em uma única e gigantesca construção, cujo aspecto muda completamente,

(Cont. na pág. 56)



Ao alto: — Herbert Martin explica a técnica do palco giratório ao diretor-assistente dos Festivais Dramáticos Quitandinha, Angelo Labanca. Em baixo: — O diretor dos Festivais Dramáticos Quitandinha, Herbert Martin, os atores Graça Melo e Luís Tito, e o diretor-assistente Angelo Labanca, ensaiam junto à maquete do disco giratório. Além da tragédia em 22 quadros "Fausto", de Goethe, na tradução de Jenny Klabin Segall, com Graça Melo, Luís Tito, Nicette Bruno, Luisa Barreto Leite e Iara Isabel como protagonistas, os Festivais Dramáticos Quitandinha apresentarão a comédia "Ele" de Savoir, com Rodolfo Mayer, Lourdes Mayer e Mario Salaberry nos principais papéis.



Maupassant nasceu no castelo de Mironmesnil, na Normandia. Pelo lado paterno descendia de uma linha de aristocratas falidos, por parte da sua mãe, descendia de plebeus que haviam chegado às alturas da criação artística. Havia em seu sangue uma curiosa mistura de elementos; o fogo da licenciosidade, a sensibilidade da imaginação, o amargor da desilusão e a cadência fria e rítmica do mar da Normandia.

Seu pai era um libertino que andava com mulheres da classe alta como da classe baixa. Sua mãe era uma sonhadora que se aquecia à chama de uma lembrança — a lembrança do seu irmão poeta cujo gênio fora ceifado por uma morte prematura. Tendo conhecido o homem inteiro em seu irmão, aprendera a compadecer-se dos retorcidos fragmentos de um homem que formavam seu marido. E não perdia a esperança de, com aqueles fragmentos, reconstituir no filho um homem inteiro.

Esse filho da sua esperança foi educado para compreender o sábio e adorar a deusa. Mas toda vez que se sentia confuso diante da infeliz união de temperamentos de que ele era o produto, dirigia-se para o mar. Toda a alegria e a brutalidade da criação se estampavam na superfície do oceano. Guy perambulava pelas grutas ao longo da praia, acompanhando de perto por dois cães e subornava os pescadores para que o levassem consigo, nas noites de luar, à pesca de cavala. Tomava parte em todos os esportes dos camponeses normandos realizados no meio daquela bruma cinzenta e ao ar frio que, soprando do mar, trazia consigo um alento vital. Dançava com as jovens aldeãs nas festas campestres enquanto gemiam as rabecas sob as madeiras e marchava com os homens que carregavam seus archotes como serpentes rubras no negrume da noite. Comia um naco de queijo e bebia um gole de cidra com qualquer amigo ou desconhecido na estalagem, fazia grandes planos com os "lobos-do-mar" sobre os rochedos e com eles observava através de seus binóculos a orla do além. "Tenho nas veias o sangue dos marinheiros. Minha maior alegria é velejar com meu barco, numa manhã de primavera, rumo a portos desconhecidos."

Sua vida foi uma fria paixão do norte. Mas sua mãe, alma carinhosa, estava resolvida a regular os ventos e a determinar a direção que o filho devia seguir. Ainda criança, mandou-o para o seminário de Yvetot. Guy, porém, não tinha a menor intenção de ser padre. Arrancou uma aduela de um tonel de vinho da adega do Padre Superior e convidou os colegas para um "drink" à custa de uma centena de missas. Cometidas mais algumas faltas, foi ele expulso... para a liberdade.

Gostava de fazer pilhérias à custa de outrem. Certa vez, disfarçado em trajes feminis, apresentou-se diante de uma solteirona inglesa.

— Então viajaste muito? — perguntou a velha solteirona durante a conversa com "a jovem" num salão. — De onde vens agora?

— Acabo de chegar de Nouméa (uma prisão francesa).

Escandalizada, a mulher continuou a conversa pouco à vontade.

— Uma jovem viajando sôzinha?

— Mas, tenho dois pagens, como pode ver. — E, arrepanhando o vestido com afetada modéstia e uma expressão sonhadora no olhar: Tenho também um dragão e um couraceiro que me protegem.

Ao ouvir estas palavras a velha solteirona, quase desmaiou.

Aos 16 anos de idade Maupassant teve sua primeira amásia. Costumava chamar a si próprio "um glutton da vida." E o pequeno mundo da Normandia ofereceu-lhe rapidamente todas as iguarias que tinha.

II

Entrou para o Liceu onde se preparava para a profissão de advogado e conseguiu obter notas "sofribéis" nos estudos. Mas chegou o ano de 1870 e a invasão prussiana através de Sedan. Maupassant entrou para a seção de abastecimento do exército francês. Não se pode dizer que era uma bela vida. Enquanto o exército

A VIDA DE GUY DE MAUPASSANT

(1850-1893)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

francês recuava, ele lia Schopenhauer, escrevia versos de amor e alimentava sonhos de vingança contra os alemães. Assim, do gelo do ódio e do fogo do amor foi tomando forma o gênio do jovem Maupassant.

E quando a luta terminou, foi para Paris em busca de trabalho. Sua arruinada família aristocrática já não podia custear-lhe o estudo das leis. Obteve um lugar de funcionário governamental no almirantado. E nenhum dos seus superiores ou colegas de trabalho adivinhou que um verdadeiro leão se tornara cativo. E o resto de Paris nada sabia dele, nem com ele se preocupava. Muita coisa boa que havia naquela cidade gigantesca estava escondida nas águas-furtadas de onde artistas e poetas transmitiam a um mundo indiferente suas visões.

Maupassant caminhava à noite, pelos bulevares, fitava os rostos frouxamente iluminados pelos lampeões de gás a ver se encontrava uma alma irmã da sua, mas inutilmente.

Então ouviu o chamado da amizade. A voz era do Sena. Pela madrugada, ao entardecer, aos domingos, a todas as horas esquecidas, ele acalmava sua grande paixão remando rio acima e rio abaixo. Aquê-lo rio Sena era como um pedaço do mar. Seu cheiro frio fazia-o esquecer a repartição poeirenta, os cafés recendendo a vinho, os abraços das mulheres de reputação duvidosa. O rio era sua mania, sua amante, seu companheiro dominador, condescendente, cheio de violentos contrastes. "Ah! rio belo, calmo, variado, fragrante e fétido, cheio de sonhos e de imundície." Sua alma amadurecia gradualmente envolta no nevoeiro, deslizando por entre os espectros dos cascos dos navios e as chaminés cuja linguagem eram os tristes e

roucos apitos na encruzilhada de três mundos — céu, terra e mar.

"Remo e me banho, banho-me e remo. Os ratos e as rãs estão acostumados a ver a lanterna do meu barco a todas as horas da noite que aparecem e me vêm dar boa-noite. Lido com o meu enorme barco como outro lidaria com uma tole, e meus amigos barqueiros de Bougival ficam francamente espantados quando eu surjo à meia-noite e peço um copo de rum."

A noite, o rio, o espírito de um grande homem... Através de suas relações de família ficou conhecendo Gustave Flaubert. O autor de Madame Bovary era um gênio boêmio que fizera experiências com a arte da mesma maneira que algumas pessoas audaciosas fazem experiências com a vida. Fôra-lhe instaurado um processo por causa de seu livro ousado e ele vivia desprezado como um navio em quarentena no qual ninguém se atreve a tocar. Mas isso não o preocupava. Ele legava à vida apenas os restos espectrais de si mesmo. E sentam-se como um rei no magnífico templo de sua arte cuja porta de acesso só ele conhecia.

Andara à procura de um discípulo perfeito e Maupassant à procura de um mestre consumado. E então as duas meias almas errantes, iguais na solidão, encontraram-se e combinaram-se numa alma única que, solitária, continuou o seu va-guear triunfante.

Sete anos a fio, aos domingos, Maupassant levava suas peças, poesias e contos para aquela "viking de ombros largos", de farta bigodeira e olhos melancólicos, e o observava enquanto o lápis azul do mestre corria pelos seus manuscritos. E à noite separavam-se, cada qual com um gracejo pesado para ocultar a dor que lhes ia no íntimo.

Aos poucos o aluno aprendeu os segredos do gênio do mestre. Era o gênio de um atirador exímio que acertava nas hipocrisias da vida com setas embebidas em ácido.

III

Muito tempo se passou antes que ele se fizesse ouvir. Sofria terríveis dores de cabeça que acalmava atirando-se de "uma tentadora ponte no meio do inverno" e vindo à tona da água gélida para gritar uma obscenidade escaldante aos que se tinham reunido para apreciar o espetáculo. Contava histórias pornográficas aos seus companheiros de repartição e sussurrava palavras de duplo sentido às senhoras que encontrava em festas. "E' o moço mais descarado de Paris", diziam todos.

O mais descarado e o mais brilhante. Contudo, apesar de todo o seu brilhantismo — ou antes, devido ao seu brilhantismo — via-se constantemente em apuros. Os "respeitáveis" parisienses evitaram sua companhia quando ele escreveu uma comédia escandalosa e a levou à cena no estúdio de um pintor desclassificado. A polícia chamava-o a contas toda vez que ele escrevia uma poesia imoral e a publicava nas colunas de uma revista desclassificada.

E as dores de cabeça não cessavam. Enquanto aumentavam de intensidade, ele passava horas ao espelho fitando os próprios olhos. Não estaria sofrendo, talvez, da fadiga excessiva causada pelos seus amores ardentes demais? Por exemplo: aquela mulher completamente desconhecida, mulher da sarjeta que, na noite passada, durante trinta minutos, entrara na sua vida e dela saíra?

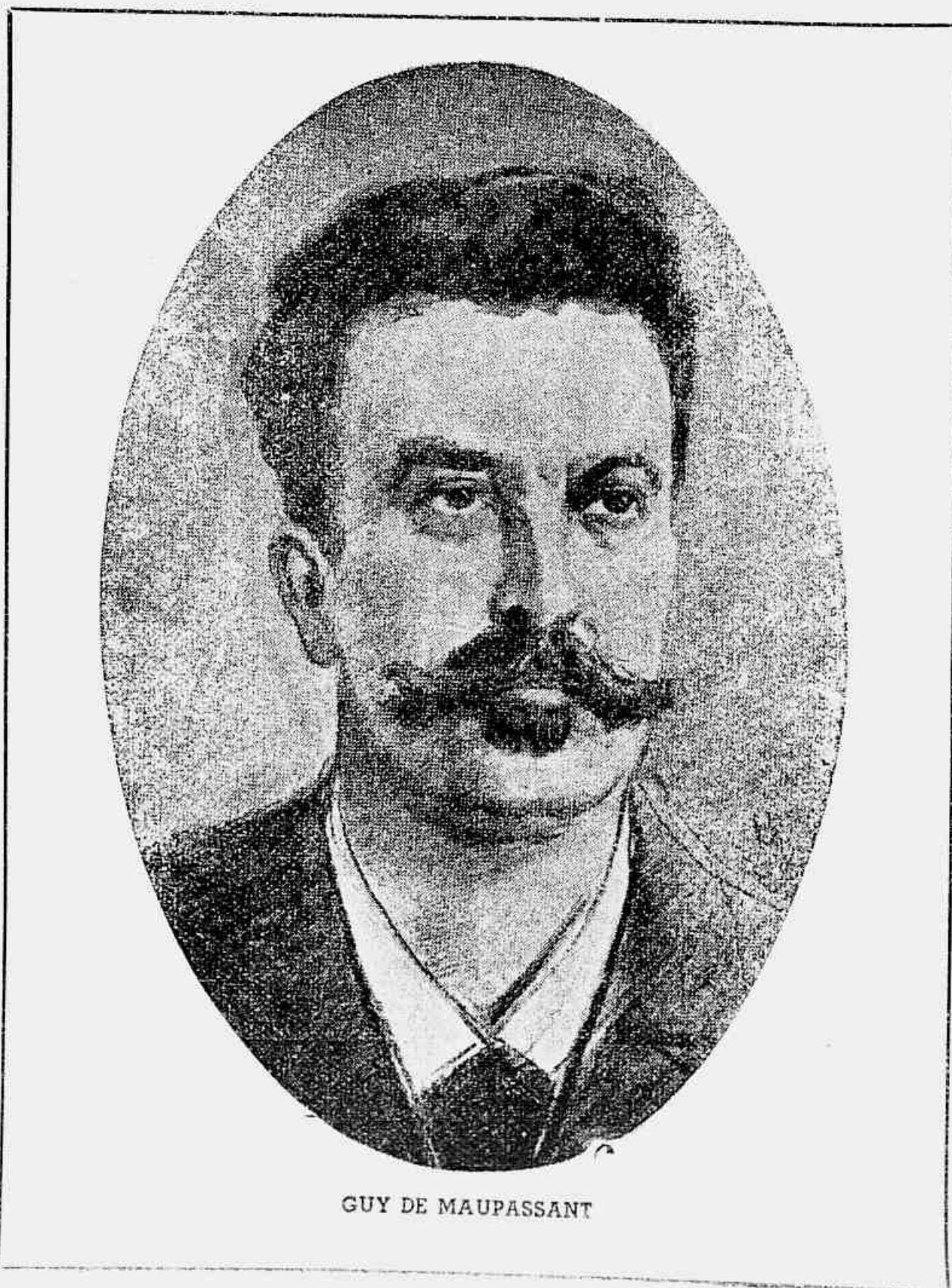
Suas dores e ansiedades aumentavam especialmente com a chegada do inverno parisiense. A sua mãe (a afeição profunda que lhe dedicava era a estrela polar de sua vida) ele escreveu: "Dezembro me amedronta. E' o mês negro, sinistro e profundo, a meia-noite do ano. Já nos deram lampeões na repartição, e, daqui a um mês estaremos acendendo as lareiras... Quando fico só, sentado à minha mesa com a minha lâmpada triste ardendo diante de mim, tenho muitas vezes tais momentos de depressão que fico sem saber para onde me voltar."

Mas no fim voltava-se sempre para suas histórias. Recolhia farrapos de contos da boca de pescadores, camponeses, atrizes, rameiras e funcionários. Uma vez, à mesa de Emile Zola, enquanto os outros convidados faziam planos astronômicos, o anfitrião discutia os princípios da nova literatura que estava fazendo. "Lembrem-se de que devemos saltar até às estrelas atirando-nos do trampolim da observação exata." E um dos convidados sugeriu que "escrevessem um livro sobre a nossa guerra com os prussianos, não como os historiadores e os políticos têm escrito sobre as guerras, mas como os demônios do inferno a conceberam e como ela tem sido executada na terra. Que destruíssem todas as ilusões e mostrassem onde está o verdadeiro heroísmo." A contribuição de Guy a êsse apelo foi a sua novela de real heroísmo — Bola de sebo.

Essa Bola de sebo era uma meretriz profissional a quem os homens amavam com pressa e desprezavam com toda a calma. Um dia, durante a guerra franco-prussiana, viajava ela de Paris para o Havre na mesma carruagem em que iam pessoas de respeito. Essas pessoas, assim que perceberam que espécie de mulher era ela, encolheram-se em seus assentos; refugando qualquer contacto com ela. Entretanto, quando viram que fôra ela a única a ter a precaução de trazer consigo uma caixa com matalotagem, esqueceram o seu desdém e serviram-se fartamente da comida que ela lhes oferecia.

Ao anoitecer detiveram-se numa estalagem para aí passarem a noite. Mas os prussianos haviam-se apossado da hospedaria e prenderam todos os passageiros. O oficial de comando declarou que não lhes restituiria a liberdade enquanto a "gordinha" não passasse a noite com ele. Indignada, ela recusou-se a obedecer a essa ordem. Mas seus companheiros de viagem, ansiosos por se verem em liberdade, tantos rogos lhe dirigiram, e ten-

(Cont. na pág. 50)



GUY DE MAUPASSANT

CONTO DE LUÍS CANABRAVA

HILÁRIO vendeu o retiro, e levou a mulher e o filho para Ouro Preto. Alugou-lhes um quartinho de terra batida, e partiu para o Itacolomi, à procura do tesouro.

Marta não gostava da nova vida, porque sentia falta do ar puro dos campos, das suas galinhas e leitões, e da horta, que sempre tinha verduras frescas. Corria os olhos pelo quarto pobre, via o filho brincando na descida da rua, e só sentia, mesmo, era vontade de chorar.

Começava a maldizer a descoberta do marido. Um dia, no retiro, a parede da despensa ameaçava ruir. Não era de se admirar, pois havia quase dois séculos que a velha casa de pedras aguentava os desgastes do tempo. Hilário pegou numa picareta e arrumou os petrechos para refazer a parede. Mal tinha iniciado, quando achou a caixinha enferrujada. Abriu-a, e lá estava o papel amarelado, com letras tão apagadas, que nem pôde ler. Largou, então, o serviço e levou a descoberta ao dr. Protásio, que tinha uma fazenda nas vizinhanças. Marta pouco ligou a isto. Ficou surpresa, quando, duas horas depois, viu o marido chegar, exultante.

— Estamos feltos, mulher. Aquilo é mapa de tesouro, coisa do tempo dos Inconfidentes. Dr. Protásio examinou com a lente, está tudo direitinho. A gente tá feito na vida!

E repetiu a história que o dr. Protásio lhe contara, a respeito de um tal José Francisco Pereira da Silva, antigo dono daquelas terras. Naquele tempo, era uma fazenda enorme, muito escravo, trabalho intenso de mineração. José Francisco simpatizara com a idéia dos Inconfidentes. Mas, talvez por medo, ou respeito à Rainha, não se animara a tomar parte ativa no movimento. Contava-se, porém, que em sigilo, na calada da noite, alguns dos que depois vieram a se tornar heróis da Conjuração, entravam furtivamente na casa-grande e confiavam segredos ao fazendeiro. Um dia, em princípios de 1789, José Francisco apareceu misteriosamente assassinado. Não seria o mapa um daqueles segredos, que o tempo guardara? Não fora o ouro destinado à luta?

Dr. Protásio interessou-se, levou Hilário à cidade para legalizar o achado, pois se tratava de terras do governo. Daí em diante, o marido não pôde pensar em outra coisa.

Depois da mudança, comprou uma barraca de lona e subiu a serra, porque o mapa indicava, em primeiro lugar, um subterrâneo ao pé do Itacolomi. Vinha à cidade muito raramente, em busca de mantimentos, e Marta fora visitá-lo poucas vezes.

Durante meses, Hilário fez excavações infrutíferas. Como uma pessoa só não bastasse para o serviço, empregou um negro.

Marta começou a descrever do tesouro e a lamentar-se. Hilário dizia:

— É só ter paciência, mulher. A gente fica pôdre de rico, para o resto da vida.

O dinheiro da venda do retiro foi-se acabando, Marta viu-se obrigada a lavar roupas e fazer doces para fora, afim de sustentar o filho e ajudar o marido.

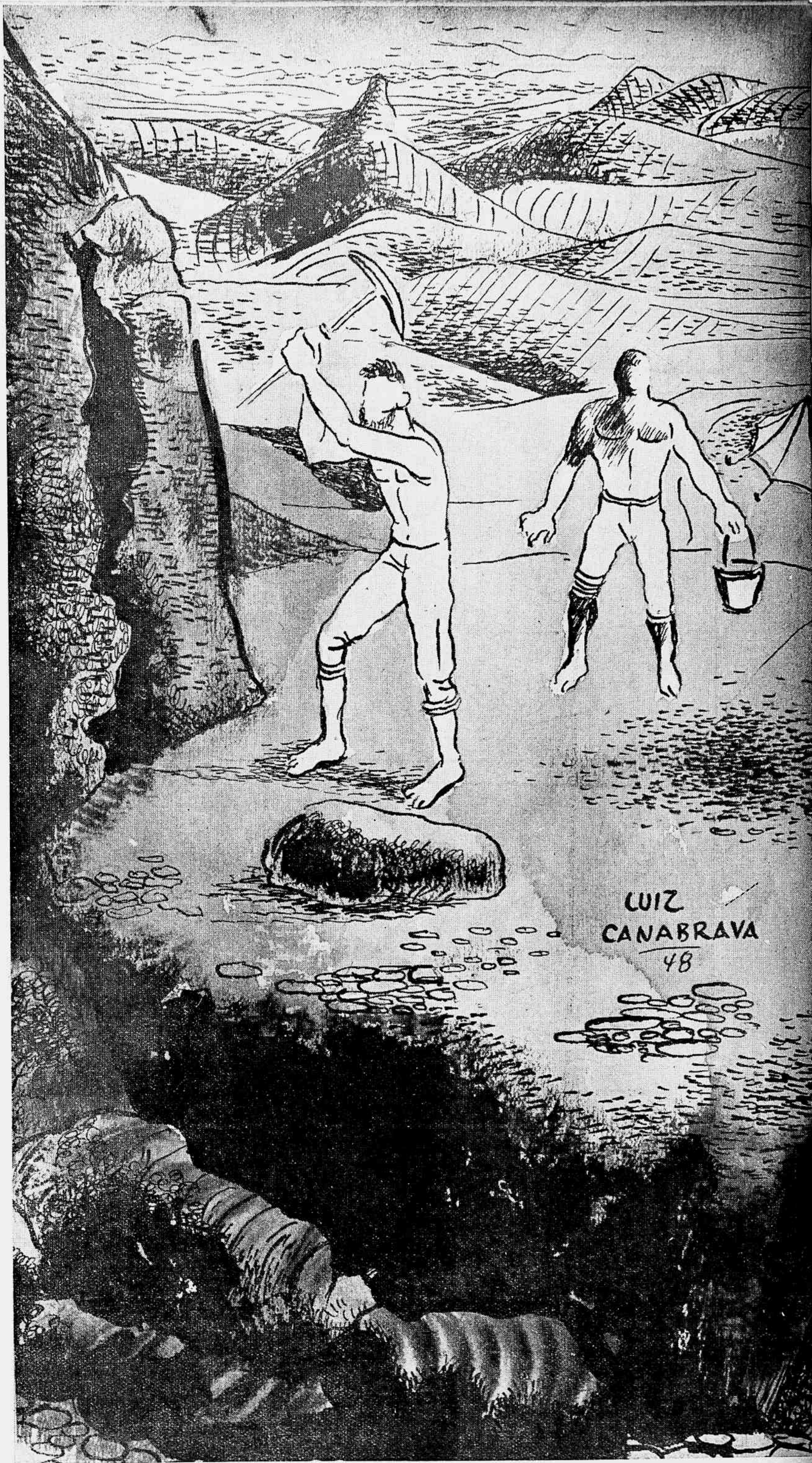
Ele ficara magro, deixara crescer a barba preta, que lhe batia no peito. Passava os dias na companhia do negro, cavando a rocha, cheio de esperança. Dormiam na barraca, e o negro cozinhava para os dois. Quando ia à cidade, chegava ao escurecer e partia de madrugada.

Marta preparava-lhe o jantar e revoltava-se, vendo o marido definhando dia a dia, mas com os olhos cheios de animação.

— Diacho de homem excomungado. Até parece que tá ficando é doido. Não sei por que a gente não continuou sossegada, no retiro!

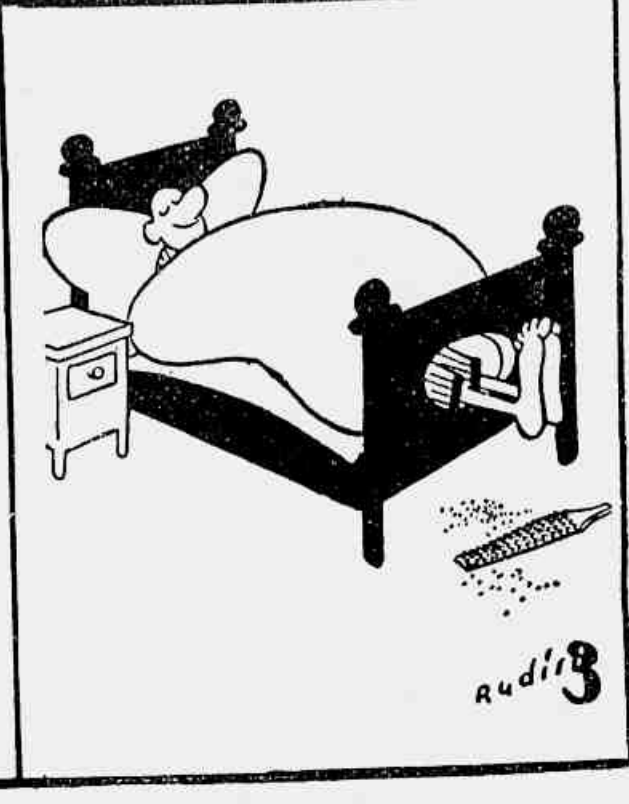
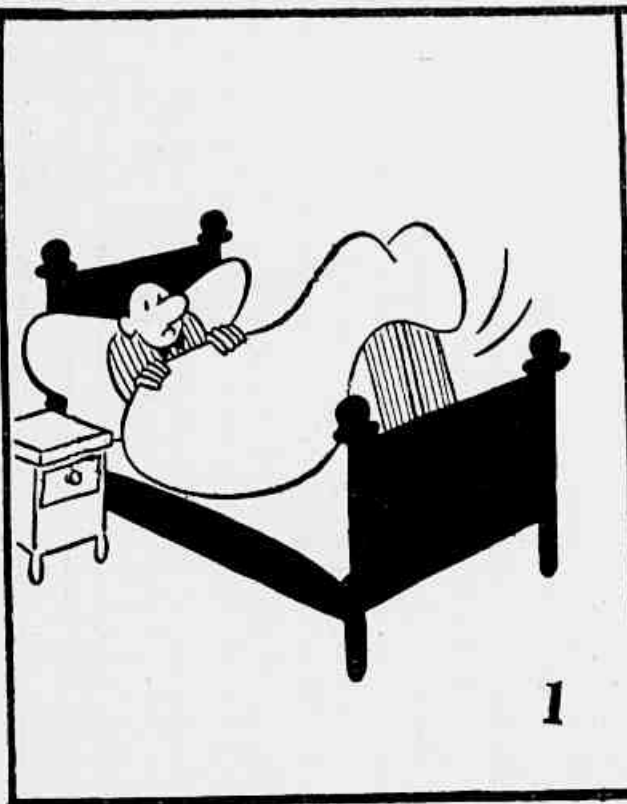
Agora, sentia-se prisioneira daquelas quatro paredes, o dia todo junto ao fogão, fazendo doces, ou no pátio comum, lavando roupa. Envelheceu muito em dois anos. Perseguiam-na pesadelos estranhos, em que via o marido à beira de

(Continua na pág. 56)

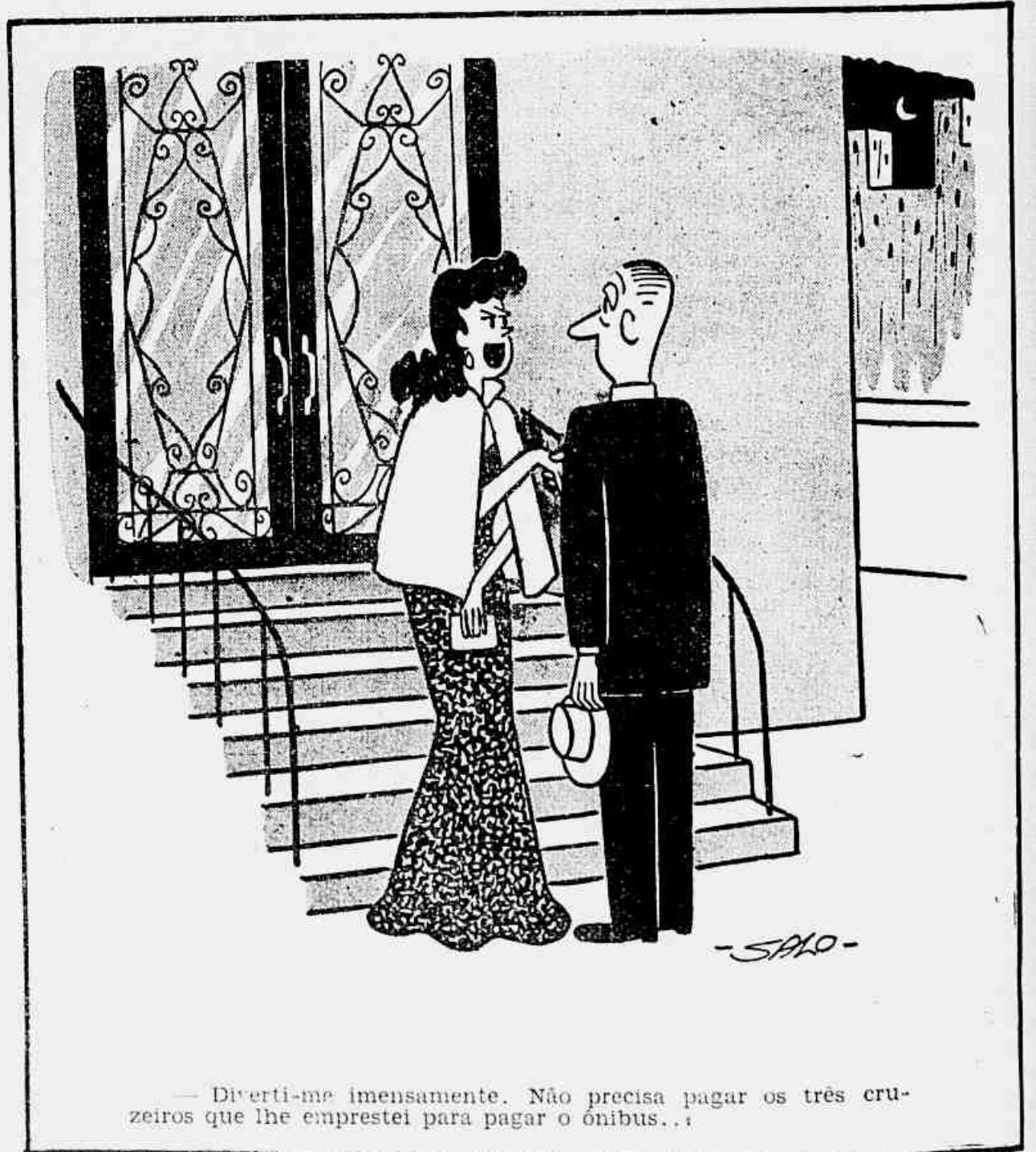


LUÍZ
CANABRAVA
48

O TESOURO DOS INCONFIDENTES



BOM HUMOR





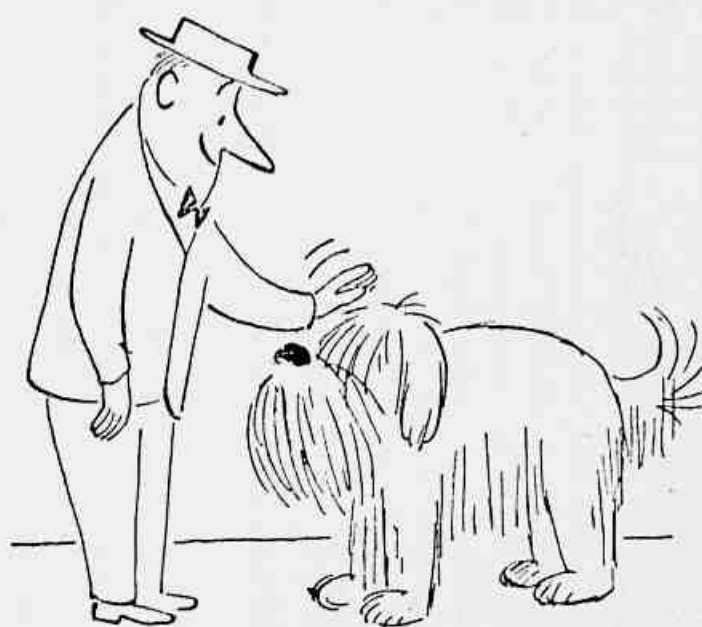
— Não estou sentida nada. Foi o fio do meu colar de pérolas que se partiu...



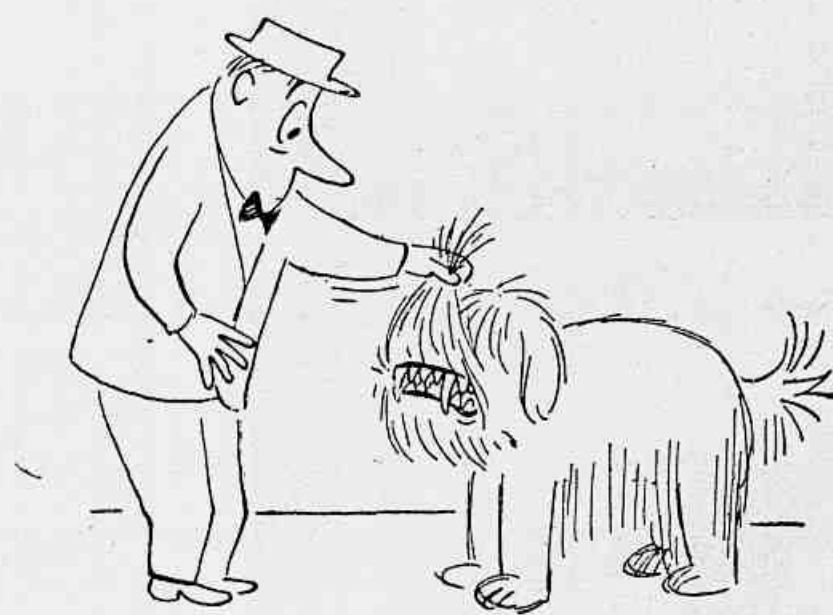
TOM HENDERSON



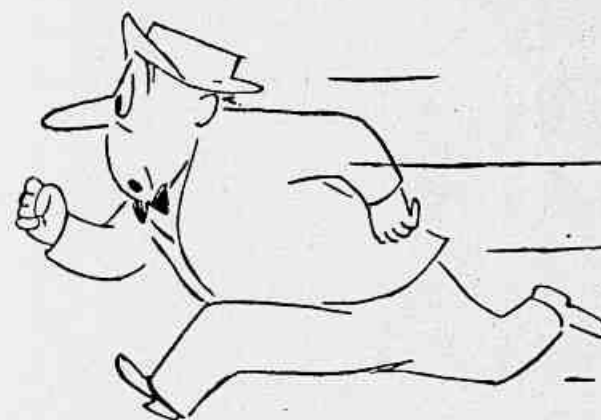
— Peça para eles andarem depressa, que eu preciso fechar a porta...



1

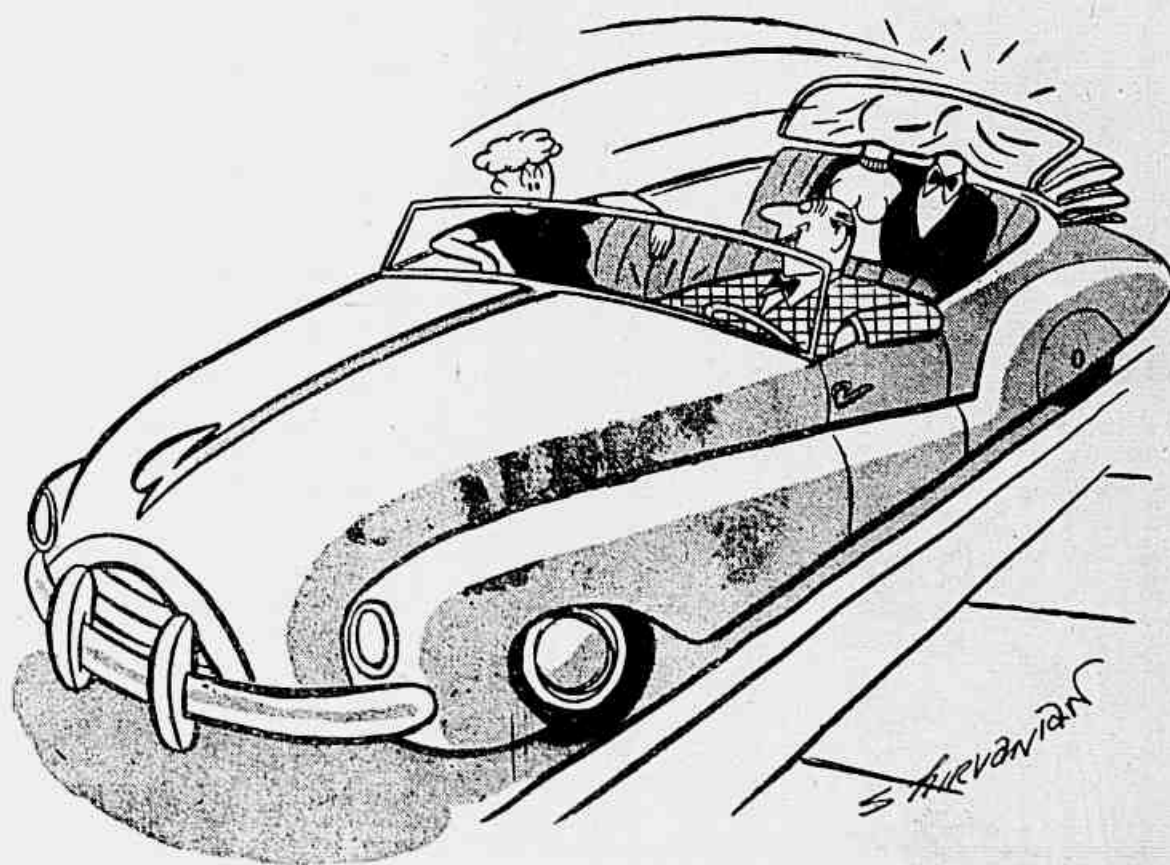


2



SYVERSON

3



— A capota é conversível... E' só apertar um botão!



À esquerda: três poses de Carmen Miranda para George König, repórter da Keystone Press Agency, nos bastidores do Palladium, em Londres; em cima: Carmen Miranda, num excelente flagrante, entre quatro dos músicos brasileiros do seu conjunto. Os dois do primeiro plano são José Carioca (Zéinho de Oliveira) e Aloysio de Oliveira, que dirigiu o extinto Bando da Lua. Na página à direita: Carmen Miranda, a embaixatriz do samba, que conquistou o público de Londres com "Tico-tico no fubá", "Mamãe, eu quero", "South American Way" outras canções do seu dinâmico repertório. "Nunca pensei encontrar tanto entusiasmo entre os ingleses. — confidenciou Carmen Miranda. — Quem disse que eles são frios pregou maior mentira do que eu em qualquer 1.º de abril!"...

CARMEN MIRANDA

CONQUISTA O PÚBLICO DE LONDRES

"TICO-TICO NO FUBÁ", "MAMÃE EU QUERO" E OUTRAS CANÇÕES DO SEU REPERTÓRIO DESPERTAM OS APLAUSOS DO PÚBLICO DO PALLADIUM

Texto e fotos de GEORGE KONIG



Da Keystone Press Agency

(Exclusividade de REVISTA DA SEMANA no Brasil)

Londres, junho — Já conhecida do público da Inglaterra através de uma porção de filmes musicais, aqui exibidos nestes últimos sete anos, — filmes dos quais não se pode dizer grande coisa, pois não tinham maior expressão artística, mas que nem por isso deixaram de agradar às massas, — Carmen Miranda veio agora empreender a conquista do público londrino. Sendo Londres a cidade do "fog" e os ingleses convencionalmente conhecidos como os mais fleugmáticos cidadãos do mundo, — fleugma que muito os ajudou nos dias trágicos da recente guerra, — Carmen Miranda confessa que estava preparada para tudo, menos para ser assediada nas ruas e nos restaurantes por pedidos de autógrafos, nem para ser chamada à cena, em altas vozes, entre exclamações de entusiasmo, no Palladium, oito, dez e mais vezes seguidas... Ainda está para ser descoberto o motivo pelo qual Carmen Miranda agrada tanto. Não se pode dizer que ela tenha uma bela voz, — seria mentira, de resto, pois sua voz é pouco ex-

tensa, pequena e não muito cultivada. Não se pode dizer que ela é uma beleza, pois os seus traços não são regulares. Não se pode dizer que ela vence pela extrema mocidade, pois ela própria confessa ter passado dos trinta anos. O que há, com certeza, é isto: ela tem uma simpatia pessoal muito grande, um magnetismo extraordinário, uma graça e um dinamismo que poucas cantoras têm, e, acima de tudo, constitui uma novidade, com seu repertório de canções brasileiras e americanas (estas imitando geralmente as brasileiras), com seus vestidos coloridos, suas saias rodadas, seus turbantes enfeitados como se fossem árvores de Natal carregadas de frutos exóticos... Seja, entretanto, por isto ou por aquilo, o fato é que a intérprete de "Copacabana", "Serenata tropical", "A date with Judy" e outros filmes acaba de empreender a conquista de Londres, sendo aplaudida todas as noites, no famoso Palladium, o maior "music-hall" da capital inglesa, por muitos milhares de espectadores. O próprio embaixador







Na página à esquerda: Carmen Miranda mostrando seus turbantes a Val Farnell, gerente do Palladium, onde agora se exhibe; em cima: Carmen Miranda diante do espelho, no seu camarim, preparando-se para se exibir aos londrinos.

★

do Brasil em Londres, sr. Moniz de Aragão, se mostrou contente com a onda de publicidade que Carmen Miranda está provocando em torno do seu país na Inglaterra e declarou que a popular cantora vale mais que uma Embaixada, sob esse ponto de vista... "Tico-tico no fubá", "Mamãe eu quero", "Ai, ai, ai!", "I love you very much", "South American Way" e outras canções são os números mais populares de Carmen Miranda. Ela veio a Londres acompanhada por seu marido, o produtor cinematográfico David Sebastian, e por um grupo de quatro músicos brasileiros. Trouxe também sua irmã Aurora, conhecida igualmente na Inglaterra através de seus filmes.

★

A direita, Carmen Miranda posando para George König, da Keystone Press Agency, numa atitude de dança, em baixo, Carmen, entre sua irmã Aurora e seu marido, o produtor David Sebastian.





BROADCAST



Elvira Pagã está saudosa do Brasil. Tendo logrado relativo sucesso nos Estados Unidos, parece agora inclinada a dar um pulo ao Rio. Virá rever os amigos, tentar uma temporada no "broadcasting" carioca e, quem sabe, se não ficará por aqui, onde as bananas não são de matéria plástica?

RADIO-MASIAS

O artista italiano Bruno Pallesi assinou contrato com as "emissoras associadas". A seu respeito disse um crítico: Pallesi é um cantor diferente dos demais cantores que até aqui temos visto, pois o seu gênero tipicamente romântico aproxima-se bastante do modo de cantar de Frank Sinatra, razão pela qual foi cognominado "o moço cantor da nova Itália". Suas audições ao microfone Tupi são às quartas e sextas-feiras, às 21 horas. ★ Carmen Miranda, presentemente cantando o samba para os ingleses, foi condenada ao pagamento de apreciável quantia, por não cumprir o contrato firmado com uma empresa norte-americana. A "Pequena Notável", ao ser notificado do fato, não perdeu o clássico bom humor, replicando que aquilo era café pequeno... ★ Celestino Silveira está novamente em Portugal. O operoso "rádio writer" foi prosseguir na série de reportagens que vem

NINGUEM ignora o valor do rádio no preparo cultural do povo. Ligado a todas as camadas sociais, seu poderoso raio de ação é o centro vital das grandes iniciativas. Nada de popular é possível fazer sem a sua utilização, uma vez que ele penetra na maioria dos lares. O êxito de qualquer realização comercial ou industrial encontra, no momento, seu fator essencial de êxito na difusão da publicidade radiofônica. Daí, compreendermos a maneira inteligente com que alguns produtos condicionam sua venda ao êxito do programa a que patrocinam. Nunca um artigo de primeira qualidade poderia impôr-se através de um "broadcast" mediocre. É que o ouvinte, ante a mediocridade alarmante de certas apresentações, fica em dúvida quanto à excelência da

mercadoria apreçada. Nem mesmo o tom convincente do locutor, ao ler o texto sobre o produto, consegue desfazer essas reservas. Isto, já não acontece com um programa de classe, como no caso de "Alice no país da música", que traz a assinatura de José Mauro. Essa apresentação da Tupi tem a força de prender a atenção do ouvinte, tal o sentido que lhe imprime o autor, no que é ajudado pelo desempenho do "cast" de rádio-teatro.

José Mauro, conquanto não erlas-se nenhuma novidade, trouxe para o microfone um programa que vinha sendo reclamado. E, para maior êxito de sua realização, conta com a ajuda musical do maestro Aldo Taranto que, diga-se de passagem, se tem mostrado à altura de suas responsabilidades. O elenco rádio-

teatral, por sua vez, não desmereceu o trabalho de José Mauro, dando-lhe o brilho necessário. A começar por Luís Tito e Nancy Wanderley, todos procuram realçar o mais recente lançamento do criador do "Chalet do Neguinho", vivendo com brilho os papéis que lhe são confiados.

"Alice no país da música" enquadra-se, perfeitamente, na lista dos nossos bons "broadcasts", dando o valor dos temas abordados. Tal como o "Colégio Musical", esse programa se recomenda aos que encontram na música, um agradável e proveitoso passatempo para o espírito. Bem redigido e bem musicado, "Alice no país da música", é uma das poucas coisas aproveitáveis no meio da banalidade geral do rádio carioca. — A. MIGUEIS

realizando para o microfone PRE-3, enquanto esta emissora reprisa as que já foram transmitidas. Como se vê, o gênero jornalístico está absorvendo a atenção dos ouvintes, a ponto das estações cariocas designarem repórteres para todos os setores do globo. ★ Ari Barroso, meus amigos, continua veredor. Não permitiu a UDN que o famoso "homem da gaitinha" abandonasse sua cadeira na Câmara Municipal, onde ele se tem havido como verdadeiro batalhador. Dessa maneira, aqueles que sufragaram seu nome nas eleições de dezenove de janeiro, continuarão a ouvi-lo discutindo os problemas da cidade. ★ A Rádio Mayrink Veiga contratou Los Panchos, famoso cartaz do "broadcasting" norte-americano. Com esses elementos ela entra no páreo das atrações internacionais, ardorosamente defendido pela Tupi e Nacional. Los Panchos, independente de atuarem ao microfone da PRA-9, animarão os "shows" de uma "boite" carioca. ★ A Rádio Mauá está transmitindo, diariamente, o programa das "emissoras dos Estados Unidos". Essas emissões são feitas em ondas curtas por um grupo de cinco estações, sendo captadas e postas na onda da PRH-8. Todo o noticiário irradiado nesse programa é redigido em nosso idioma, para maior facilidade dos ouvintes brasileiros, versando sobre os mais variados assuntos, inclusive o musical. ★ O catch-can conquistou o rádio, através da palavra de Luís Brandão. A esse locutor da Rádio Guanabara cabe descrever as lutas do violento esporte, travadas nos rings cariocas. Assim, depois do football, das corridas de automóveis e das atividades turísticas, a PRC-8 entra no páreo do catch-can. ★ Sylvia Autuori está produzindo para o microfone Tupi, a interessante "Conversa de Namorados", que reúne Rejane, Valéria, Marilena e Dagmar, "as quatro estrelinhas volantes". Além disso, a esposa de Leonidas Autuori continua a escrever novelas para o elenco da PRE-8, e a preparar uma peça para o teatro. ★ Dircinha Batista assinou contrato com a fábrica Odeon, depois de longa permanência na Continental. A Rainha do Rádio, no momento, está se apresentando, uma vez por semana, ao microfone da Tupi ban-deirante, sem prejuízo de sua atuação na PRG-3. Ainda a seu respeito, fala-se numa viagem a Argentina, atendendo a vantajoso contrato da Belgrano. ★ Nada existe de positivo em torno do ingresso de Paulo Gracindo no elenco rádio-teatral da PRE-3. Ao que sabemos, tudo não passa de onda, uma vez que a Globo está satisfeita com seu cast, não pretendendo aumentá-lo, no momento. Depois, o conhecido galã voltou suas vistas para o cinema, desinteressando-se do microfone. ★ Nota digna de menção é a que nos vem de Londres, a propósito do locutor Ramos de Carvalho. Será ele o primeiro artista brasileiro a ser televisado na capital britânica. Ramos tomará parte num programa de televisão, interpretando músicas populares do Brasil. Assim, ele revelará suas qualidades de cantor, uma vez que as de locutor são bastante conhecidas. ★ Jaime Moreira Filho prepara-se para deixar a Rádio Mayrink Veiga, a fim de ocupar seu antigo posto nas "emissoras associadas". Aliás, segundo



Dick Farney vai cantar samba. O artista brasileiro, no seu programa ao microfone da N. B. C., interpretará a música dos morros cariocas, a fim de mostrar aos ianques que além de foxes e blues, ele sabe cantar as melodias populares de sua terra de origem. No flagrante acima, Dick aparece ao lado de Nat Cole, famoso pianista do "King Cole Trio", também da N. B. C.

conversa de bastidores, esse locutor substituirá Ari Barroso nas transmissões esportivas, uma vez que este pretende dedicar-se a outros programas. Enquanto isso, Luís Mendes foi convidado por Oduvaldo Cozzi para assumir seu lugar na PRA-9, convite não aceito pelo speaker esportivo da PRE-3. Ao saber do fato, Canarinho ficou por conta do Bonifácio... ★ Fernando Jacques está em negociações com a Nacional, embora seja certa sua ida a Londres, como enviado da Rádio Globo às Olimpíadas. O redator de "Vaudeville", até o momento de fecharmos a seção, nada tinha resolvido de positivo. Também Levy Kleiman não aceitou a proposta da Rádio Continental, por achá-la insignificante.



A esquerda: Joracy Camargo. Um autor famoso no teatro e no cinema. Mas não conseguiu ir além do décimo capítulo, como novelista de rádio... A direita: Luís de Carvalho é o sujeito mais peludo do rádio brasileiro. Já tirou dois prêmios na loteria com gasparinhos que ganhou dos fãs...

SEIS COISAS QUE TALVEZ VOCÊ NÃO SAIBA...

★ Luís de Carvalho recebeu de uma fã um bilhete do sweepstake, o qual foi premiado com cinco mil cruzeiros. Uma semana depois, a mesma fã, enviou-lhe um bilhete de loteria que, por sua vez, foi contemplado com dois mil cruzeiros...

★ Erik Cerqueira, quando locutor esportivo da Transmissora, após a transmissão de um jogo internacional, foi surpreendido com uma carta de um ouvinte. Esta carta continha um cheque de dez mil cruzeiros, recompensando sua atuação...

★ Heber de Boscoli, ao tempo da Cruzeiro do Sul, criou um programa de calouros cujo prêmio era um pato. Tamanhos eram os estragos causados pelo palmípede no estúdio, que a direção artística o obrigou a desistir da iniciativa...

★ Dilú Melo, folclorista e compositora

de mérito, aos oito anos de idade compôs vibrante marcha militar, a qual passou a ser executada pela banda de uma de nossas corporações, sem que sua autora recebesse quaisquer direitos autorais...

★ O poeta Murilo Mendes considera a rádio-novela um magnífico instrumento de incultura, um incomparável método de cretinização do nosso povo. Para ele a novela deforma a mentalidade das classes inferiores da sociedade...

★ Joracy Camargo, um dos autores de maior sucesso do nosso teatro, autor da famosa peça "Deus lhe pague", filmada e representada em vários idiomas, fracassou como autor de novelas de rádio, tendo sido seu contrato rescindido pela Rádio Nacional antes de ser escrito o décimo capítulo de uma história seriada...

VIDA LITERÁRIA



Tristão de Athayde, representante do Brasil no Congresso de Intelectuais, a realizar-se na Polónia.

Hamlet e Salvador de Madariaga

Shakespeare continua assunto inesgotável, como ainda há pouco, em erudita conferência na Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa, observava Mr. West, o novo Delegado do Conselho Britânico no Brasil. Agora mesmo acaba de ser publicada em Londres, por Hollis & Carter, uma nova interpretação da mais complexa de suas obras, "On Hamlet", por Salvador de Madariaga, tendo a edição se esgotado em poucos dias, tal o interesse que despertou na Inglaterra. O grande escritor espanhol, havendo traduzido a peça para sua língua natal, analisou linha a linha, palavra a palavra, o profundo sentido dessa tragédia e o resultado foi um magnífico ensaio sobre a obra shakespeariana em geral, abordada sob um ângulo novo, capaz de seduzir os mais rigorosos "schoolars".

Affonso Schmidt e José Condé, premiados entre 517 concorrentes

Foi publicado afinal o veredito da comissão encarregada de julgar os originais do concurso de romances instituído pela revista "O Cruzeiro". Entre 517 concorrentes, a comissão, composta dos romancistas Ciro dos Anjos e Marques Rebelo e do crítico Alvaro Lins, escolheu três obras destinadas aos primeiros prêmios e três às menções honrosas. Sabe-se até agora que os autores premiados em primeiro e terceiro lugar são os escritores Affonso Schmidt, com o romance "Menino Felipe" e José Condé, com "Maria Angela". Schmidt é bem conhecido já por outros livros de contos e romances, entre os quais "Curiango" teve grande voga, quando do seu aparecimento. José Condé, autor de duas novelas, "Caminhos na sombra" dirige o melhor noticiário literário dos nossos suplementos dominicais.

Galeria estrangeira

Dentre as mais expressivas figuras literárias da Inglaterra contemporânea, encontra-se a romancista Elizabeth Bowen, que é um misto paradoxal de Jane Austen, Thomas Hardy e Henry James. Nesse sentido, a crítica de Henry Reed é bastante dignificativa: "Não se trata duma imitadora; ela tem, realmente, alguma coisa de comum com todos eles. Seu talento para a comédia social, sua visão do que é socialmente absurdo, lembram, como acontecerá sempre com um escritor inglês — Jane Austen. Ela tem o mesmo amor de Hardy pela atmosfera e pelo designio demarcado. Como James, tem a curiosidade do sobrenatural." Elizabeth Bowen nasceu em 7 de junho de 1899, em Dublin, transferindo-se logo para a Inglaterra.

Suas principais obras são: "Encounters" (contos), 1923; "The Hotel" (1927); "Friends and Relations" (1931); "To the North" (1932); "The Cat Jumps" (contos) 1934; "The House in Paris" (1935), considerado por todos os críticos como sua obra prima na ficção. Suas heroínas trespõem adolescência e são figuras que o leitor passa a estimar profundamente. Dorothea, Paulina e Henrietta são criações femininas que não esquecemos mais e para as quais teremos sempre a mais viva simpatia. Elizabeth Bowen tem hoje a mesma posição que Virginia Woolf nas letras inglesas e, em certo sentido, suas obras refletem o choque entre a ingenuidade e a maldade do mundo moderno. Sua última obra é "The Demon Lover", seleção de contos primorosos. Suas obras completas estão sendo agora lançadas pelo editor Jonathan Cape, já tendo aparecido "The Death of the Heart" e dentro em breve virá "The last September".

Debates da cultura e da paz

Outra reunião cultural que se anuncia também é o Congresso Mundial de Intelectuais que a Polónia pretende realizar no meado de Agosto, por intermédio do Comité Franco-Polonês, com a representação de homens de letras, artistas e cientistas de 21 países. O encarregado de negócios daquele país já convidou Tristão de Athayde, Alvaro Lins, Manuel Bandeira, Gilberto Freyre, Portinari, Villalobos e Oscar Niemayer, para representantes do Brasil.

Congresso Infanto-Juvenil de Escritores

Compósito de participantes de 10 a 17 anos, recrutados entre os frequentadores das Bibliotecas Central de Educação e Demonstrativa Castro Alves, do Instituto Nacional do Livro, está sendo organizado para breve, nesta capital o 3.º Congresso Infanto-Juvenil de Escritores. Trata-se duma reunião de pequenos polegaristas das letras, meninos e meninas de todas as classes e de todas as raças, alunos de todos os colégios do Rio, que desde os mais verdes anos se preocupam seriamente com a literatura, em vez de seguirem a onda dos possessores do football. O 1.º congresso realizou-se em



O coronel Antonio Felino Barroso, que acaba de completar 101 anos.

São Paulo, o 2.º em Belo Horizonte, sendo o deste ano a primeira reunião a se fazer nesta capital. Além dos seus principais animadores, a professora Ruth Vilela e o sr. Antônio Barreto Viana, o futuro congresso contará com a cooperação e a presença de Pascoal Carlos Magno, Luis Jardim, Cecília Meireles, Tasso da Silveira e Murilo Araújo, que falarão aos pequenos congressistas, discutindo com eles problemas de teatro, poesia e literatura infantil.

101 anos

O coronel Antônio Felino Barroso, pai do acadêmico cearense Gustavo Barroso, acaba de completar seu 101.º aniversário. No ano passado, por ocasião de ser comemorado o seu centenário, a REVISTA DA SEMANA teve ocasião de entrevistá-lo, tendo o repórter que o procurou assinalado com assombro a lucidez de seu espírito e a fabulosa retentiva de sua memória, que lhe permite recitar ainda, sem hesitação, qualquer canto d'"Os Lusíadas", desde que lhe seja lembrado o primeiro verso. Companheiro de Capistrano de Abreu, Rocha Lima, Araripe Júnior, Tomás Pompeu e outros nomes ilustres das letras cearenses, fez parte do chamado "movimento" de 1870, tendo sido um dos fundadores da famosa Academia Francêsa do Ceará, em 1872.

REVISTAS E SUPLEMENTOS LITERÁRIOS

As revistas literárias no Brasil têm tido em geral uma vida mais efêmera do que as sovadíssimas rosas de Malherbe. Foi-se o tempo em que uma "Revista Brasileira", de José Veríssimo, conseguia atravessar os anos, desafiada de qualquer auxílio publicitário, para viver apenas do interesse dos seus leitores. Depois dela, além da católica "A Ordem", já veterana, talvez só mesmo a "Revista do Brasil", na fase da direção de Monteiro Lobato, tivesse mantido existência regular por mais de um lustro. No mais é o que se tem visto, com as tentativas de "Clima", "Planalto", "Rumo", agora as de doutrinas mais ou menos fascistas da mesma época. Entre todas, pela alta qualidade do seu conteúdo e pela seriedade do seu programa, surgiu ultimamente, a belíssima "Provincia de São Pedro", nunca assás louvada. Tendo a prestigiosa Livraria do Globo e a direção de Moyses Vellinho, a excelente publicação gaúcha, no seu plano de "coleção, seleção, estímulo e irradiação das atividades culturais que se processam no extremo sul do país", manteve, desde o primeiro número, um admirável nível de colaboração, abrangendo também escritores de todos os quadrantes do Brasil e realizando assim uma verdadeira obra de inteligência nacional, no ensaio, no conto, na crítica, no folclore, na sociologia. Infelizmente, como tudo o que é bem entre nós dura tão pouco, há sérios receios de que também ela, que já vinha no seu número 9 (do segundo trimestre de 1947) tenha suspenso igualmente a publicação. Diante de todas essas tentativas malsucedidas, fica-se indagando qual a causa de não se poder manter regularmente uma revista literária no Brasil, mas o mal, de certo, não há de ser muito diferente daqueles que afligem o livro brasileiro. (O que parece logo predominar contra os periódicos dessa espécie, em geral de preço elevado (em confronto com as revistas ilustradas de sensacionalismo "à outrance"), são os suplementos literários. Compreende-se facilmente que o suplemento não ensaie nada, vem com o jornal, cuja leitura ninguém dispensa, como a dose de morfina do viciado. Não é menos certo que nem tudo neles seja matéria de primeira ordem, porém, neles colaboram também alguns dos nomes mais ilustres das nossas letras atuais. Ai estão, por exemplo, como nossa lei-

tura habitual dos domingos, as crônicas de Rachel de Queiroz, Rubem Braga, Ciro dos Anjos, Luis Jardim; os ensaios de Gilberto Freyre, Tristão de Athayde, Otto Maria Carpeaux, Eugênio Gomes; a prosa cheia de sutilezas de Carlos Drummond de Andrade e de Cecília Meireles, quando não é na poesia que os dois preferem brilhar; e mais as preciosas notas de Santa Rosa, Waldemar Cavalcanti e João Condé e mais tudo o que por aí vem, sempre de graça e do melhor. Por tudo isso é que me parece um ato de heroísmo, quando me chega às mãos, de minha querida província, a revista "Clá", órgão da geração cearense dos vinte e cinco anos aos trinta e poucos. Ainda agora recebo o terceiro número, o de junho, no mesmo ritmo bi-mestral dos outros e com a mesma excelência de colaboração. Muita gente boa já falou por aqui no esplêndido aspecto material e intelectual dessa revista, na seriedade dos seus trabalhos. Nela tivemos já uma pera de vanguarda de Eduardo Campos, "O demônio e a rosa", muito cerebral, é certo, ainda muito influenciada por Nelson Rodrigues, mas mostrando no autor, que é também um dos bons contistas que o Ceará já teve, um autêntico escritor de teatro, carecendo apenas de tempo para se libertar e aparecer como é mesmo, ele próprio; "Os objetos", poemas modernos, de Aluizio Medeiros, outro dos valores mais positivos de minha terra, além de poeta, crítico de seguras diretrizes; e, neste terceiro número, um longo e agudo ensaio de Braga Montenegro, analisando a personalidade e a obra de nosso conterrâneo Araripe Júnior, com aquela percucácia de que outros trabalhos seus, sobre Joyce, Guimarães Rosa, Emily Brontë e Adeline Magalhães, traziam a marca iniludível do crítico, sem falar no restante da colaboração toda de primeira água. Os que conhecem bem as intransponíveis dificuldades com que tem de lutar na província uma publicação dessa ordem, não podem regatear os mais vivos aplausos aos rapazes de "Clá", pelo seu admirável esforço e pelo contingente de cultura nacional que representa a sua revista. Mas não se esqueça também que o comércio de Fortaleza vem contribuindo para esse êxito, com uma cota de publicidade que é na verdade surpreendente para a província. — H. L.



ELIZABETH BOWEN, continuadora da Ilustre tradição das mulheres romancistas da Grã-Bretanha.

LIVROS NOVOES

JOÃO LUSO

livro raro. Poderíamos talvez dizer: como não há.

É o poema de uma viagem feita, no nosso tempo e bem modernamente, por terras antigas, a bem dizer de todos os tempos. O poeta leva imaginariamente consigo uma formosa e fina criatura nascida e, para as coisas do saber e do sentir, formada no ambiente frio da Escandinávia. No princípio do livro, a companheira do idealista sanguíneo e impetuoso, vindo dos ardores tropicais, mal compreende as suas exaltações ou os seus êxtases diante de um panorama, um templo, um palácio, uma multidão. A magnificência ou a formosura dos espetáculos que, a ele, o arrebatam, só a impressionam, a ela, no sentido estético, de objeto pictural, como a um artista que, superior, ou, antes, inferior — às emoções, analisasse as formas, estudasse as cores e cambiantes, para, tanto quanto possível, as reproduzir. Sig, a heroína destas jornadas em verso, chega a sorrir e a fazer pouco daquilo que ao homem de inspiração se afigura transcendente e sagrado. Mas aquele sangue tem que se aquecer, os nervos hão de vibrar e a alma ganhará, por assim dizer, alma nova. Que transformações, que prodígios não acabará operando a poesia do mundo?

É a poesia do mundo, em numerosas das suas criações, que o autor de *A neve ao sol* nos faz contemplar e odorar. Cicerone ao mesmo tempo admirável e familiar, ele nos dirige, através da China, a Changai e à pesca por meio dos patos denominados "adens"; à Grande Muralha, ao Templo do Céu, à capital da filosofia "de boa fé, com boa mente, em boa paz": Pequim. Com a mesma solicitude magnífica nos encaminha para o Japão, a fim de nos mostrar o templo de Buda, os cinco lagos de Fugui, o monte Fugui-Ama, os jardins de Naranos diante de Honolulu, faz-nos passar pelo Arquipélago. Na Insulândia, revela-nos a dança das Princesinhas de Bali; a suntuosidade lendária do monte artificial Burubudur; as árvores, os canais, as fontes e as claras residências da cidade-jardim: Batávia. Passando às Índias, vemos o "palácio da Saudade e templo do Amor", Tai Mahal, e a seguir vamos à praia de Ceylão, onde uma criança sem medo, sorrindo, conduz, um mastodonte. No Oceano Indico, assistimos à faina super-pitoresca dos pescadores de pérolas. No Egito, em Alexandria, deixamo-nos ficar no terraço de um café, vendo passar os tipos, as raças, a Bíblia, a História, a Lenda; entramos de passagem, muito de passagem, num estabelecimento onde se exibem cenas chamadas artísticas; subimos à pirâmide de Kheops e, imaginando-nos, mais ou menos, um Edipo de blusão-esporte e capacete de cortiça, nos sentimos interrogados pela Esfinge. Andamos encantadamente pela Itália, a França, Portugal; e, com os olhos cheios de luz e a alma nadando em grandiosidade, voltamos ao Brasil, para melhor o compreender e amar.

Com sincero pesar, deixamos de reproduzir alguma das peças que, no livro do sr. Afonso Lopes de Almeida, mais nos seduziram. Curtas e rápidas, no enléu da leitura, são extensas de mais para o espaço a ser distribuído dentro destas colunas. Limitar-nos-emos, pois, a extrair do conjunto opulentíssimo a breve página intitulada *Ceilão*:

Da longa praia pela branda areia,
As mãos às costas, entre o oceano e a orela
Do coqueiral que enrista as folhas, ela,
Olhos no azul, segnípede, vagueia.
Dançam no hotel. Abafa, a sala cheia.
Afasta-se... Calor! E eu, da janela,
A rir com alguns hóspedes: "Cautela,
Que este país de feras enxameia".
Sorri-me... E lá se vai, devaneante,
A espaiar-se à luz crepuscular...

Mas, de súbito, um grito alucinante:
"Um elefante!" E volta, os braços no ar,
A correr, desvairada — ante o elefante
Que um indiozinho nú conduz ao mar.

A NEVE AO SOL

Poema de Afonso Lopes de Almeida

Editora "A Noite"
Rio de Janeiro
1947

Refletir é sempre bom e sobretudo quando a gente espera induzir os outros a que reflitam também. O sr. Alexandre Passos, autor de algumas obras de biografia e de história, entra agora para a categoria, nem por muito numerosa menos estimável, dos Larochefoucauld e dos Maricá. Dedica-se, porém, a tal gênero nos intervalos doutros trabalhos. É um moralista sem propriamente considerar isso uma profissão ou uma situação na vida. Também a rigôr não pretende endireitar o mundo, embora as suas sentenças sejam, em geral, salutares. Diz todas estas coisas com a possível singeleza, longe de procurar o paradoxo, qualquer maneira de desconcertar o burguês. Tem bom senso e gosta de mostrar essa virtude. Faz muito bem. E ninguém que siga os seus conselhos e advertências disso se há de arrepender.

Folheemos o livro, fixando, aqui e além, algumas considerações:

A justiça chega sempre tarde, depois de fazer sofrer muito — Ser resignado é passar elegantemente pelas provações. A sociedade é a companheira que espregue e tenta, mas não guia. — Só se adquire experiência com o sofrimento próprio ou alheio. — O amigo estará onde estiver outro amigo. — Feliz de quem estiver nos píncaros da glória e não o reconhecer. — Charlatão é o inepto que, de qualquer forma, procura competir com quem sabe e, sorrateiramente, suplanta-lo ou explorá-lo. — A imortalidade é obra do tempo. Ninguém a atinge, pensando nela. — Durante a ascensão, ninguém pensa nos ventos que sopram no cume da montanha. — Triste da humanidade se o espírito não existisse para se opôr ao orgulho dos opulentos! — Onde estiver quem sempre viveu indiferente às ambições, aí estará também a felicidade. — O sarcasmo é uma pedra arremessada por um inconsciente. — A família é uma pequena pátria, enquanto unida. — O "pau-de-sebo" é o resumo da vida humana. — É de uma parcela de coragem, procedente da fé, que se fazem os heróis.

★

Um breve mas bem expressivo antelóquio, assinado pelo sr. José Carlos de Macedo Soares, começa dizendo que: "Se outro mérito não tivesse este livro, ele demonstraria, sem dúvida, quanto vale o amor filial transbordante de admiração pelo genitor ilustre e boníssimo."

Com efeito, por toda a obra se derrama aquela afeição entre familiar e religiosa, derivada de uma constante recordação. Grande cópia de documentos oficiais, indicações biográficas, registros cronológicos, estas páginas comportam; nem por isso o conjunto deixa a impressão meramente informativa, como para esclarecer dúvidas que possam existir ou servir de apoio e guia a quem precise de o consultar. A feição dominante acusa um trabalho pensado e sentido, que tanto vem do espírito quanto do coração. A sra. Moura Brasil do Amaral é uma escritora de grande sensibilidade e bem compenetrada do culto do estilo. Adora as belas frases; encanta-a o jôgo floreado das imagens. Da tarefa escrita a que se entregue, nunca poderá resultar coisa parecida com uma notícia ou um relatório. Sempre nela haverá alguma ou muita poesia.

O primeiro capítulo do presente volume parte do nascimento de José Cardoso de Moura Brasil, a 10 de fevereiro de 1846, na povoação de Caixa-só, hoje Vila de Iracema, no Ceará. Já essa página inicial se recama dos reflexos de um lirismo extasiado. E principiam os louvores ao futuro homem de ciência e grande bemfeitor, cujo nome se presta em estátuas, em batismos de ruas, em títulos de

O MUNDO E A VIDA

"Reflexões" de Alexandre Passos

Pongetti
Rio de Janeiro
1948

escolas e hospitais, sagrado pela admiração e a gratidão do país. Vemos o rapazinho, cuja excepcional inteligência já se revelava, encaminhar-se para a primeira aula, entrar para o primeiro colégio, o Seminário da capital do Ceará. Esperava-se que o adolescente se inclinasse para a religião de modo a desejar, ele próprio, adotar a carreira eclesiástica. Mas o estudante sentia, adivinhava o seu verdadeiro destino. Reagiu e persistiu até o mandarem para a Bahia, onde devia concluir os preparatórios e matricular-se (1867) na Faculdade de Medicina. Sem recursos bastantes para estudar ao abrigo de outras preocupações teve que procurar trabalho remunerado; e obteve-o, em condições bem modestas, numa tipografia. Esforçando-se sempre mais do que determinariam as exigências do curso, foi até à formatura com a tese "Tratamento cirúrgico da catarata". Assim, desde logo a oftalmologia lhe reclamava um cultivo especial e a dedicação mais convicta.

Casado e já instalado no Rio de Janeiro, tornou-se, além de senhor de uma clientela cheia de fé na sua competência e na sua solicitude, o médico de extrema bondade para com todos os necessitados que o procurassem. A fama dessa magnanimidade carinhosa originou inúmeros casos mais ou menos comovedores e outros, não poucos, verdadeiramente anedóticos. Um exemplo destes últimos: Encontrando na rua do Ouvidor um cego que pedia esmola, a ele se dirigiu Moura Brasil, para lhe perguntar se queria ficar bom. O homenzinho aceitou aquilo como esmola do céu. Foi operado no dia seguinte e, uma semana depois, a cura era completa. Passado mais um mês, e no mesmo ponto do centro da cidade, surpreendia Moura Brasil o mendigo, de olhos parados, mão estendida:

— Uma esmolinha, pelo amor de Deus, para um pobre cego!

Aproximou-se:

— Mas que é isso? Você, então, não está curado?

— Ah, meu senhor! respondeu o patifório. — Estar, estou, mas é como se não estivesse. Passei quinze anos cego, me desabituiei de trabalhar; agora quis me acostumar e não pude!

Não o diz o livro, mas devemos acreditar que Moura Brasil tenha dado a esmola.

Está claro que fatos desses nada influíram no ânimo caridoso do grande oculista. Até na chácara de sua residência, à rua Guanabara, mandou construir dois quartos para doentes mais pobres e que mais precisassem da sua assistência desvelada. As notícias relativas a essa piedade chegavam aos lugares mais remotos e obscuros, levando em si alguma coisa de transcendente, de milagroso. Por certa região sertaneja, andou um cego, ora atravessando pequenas localidades, ora palmilhando longas estradas e repetindo à porta de cada casa a mesma frase implorativa:

— Uma esmola pelo amor de Deus, para eu ir ao Rio de Janeiro pedir a minha vista ao doutor Moura Brasil!

Ao diretor glorioso, durante nove lustros, da Policlínica Geral do Rio de Janeiro, se refere longamente o livro de sua filha, também como homem de letras e agricultor. Dá os seus títulos mais notáveis: catedrático da Faculdade, membro da Academia de Medicina, presidente da Sociedade Nacional de Agricultura, presidente do Centro da Lavoura do Café do Brasil, outros cargos ainda que abnegadamente serviu e sobremaneira honrou. Todos os homens que tinham algum conhecimento da vida de Moura Brasil votavam à sua memória profundo e fervoroso respeito. Lendo a obra presente, ficá-lo-ão admirando ainda mais.

Recebemos:

Autores e Livros, n. 1 da nova fase do belo e substancial semanário que, organizado pelo sr. Múcio Leão, logrou entre escritores e artistas esplêndido êxito como suplemento d'"A Manhã" e que reaparece agora, como publicação autônoma, tendo como proprietário, diretor e redator o mesmo membro da Academia Brasileira de Letras.

NOS BASTIDORES FEMININOS

A vulgaridade é, sem dúvida, uma das maiores inimigas da mulher. Observe-se com que des-caso se costuma dizer de uma criatura que passa ou de uma criatura que se conhece; "é vulgar". E dizendo isto, não se deixa uma só nes-sa de oportunidade àquela que as-sim é apontada; parece que ela reu-ne em si todas as más qualidades que alguém possa jamais ter reunido. E no entanto, não se nasce vulgar! A mulher assim se torna por vontade própria, pelo ambiente, por uma com-pleta ausência de auto-crítica por ig-norância ou por má educação. A ver-dade é que não se perdoa à mulher o fato de ser vulgar. Muitas vezes di-zemos que "fulana tem uma beleza vulgar", isto, quer deixar bem claro, nada tem que ver com a classificação de vulgar, aplicada à própria pessoa. Uma pessoa dotada de inteligência pode fugir à vulgaridade, mesmo quando se tenha criado e educado num ambiente desfavorável. Basta, para isso, que observe com honesti-dade o que se passa ao seu redor, estude a sua própria personalidade, enontando a si mesma os seus defei-tos e se prontifique a corrigi-los. Se quando a vulgaridade vem do am-biente não é difícil combatê-la, o mes-mo infelizmente não se pode dizer da-quela que provem da ignorância. Dei-xemos, portanto, aos ignorantes, o privilégio da vulgaridade e lutemos nós, que temos um pouco de inteli-gência e uma grande vontade de me-lhorar, lutemos, insiste, afim de ven-cê-la e nos tornarmos, também nós, criaturas distintas, de maneiras só-brias e moderadas, de gestos suaves e atitudes dignas. A luta será com-pensadora. Fugir à vulgaridade é fu-gir a tudo o que de antipático e de-selegante nos possa acontecer. Como é desagradável vermos moças até bo-nitas de aparência, em cuja palestra, em cujos gestos e idéias, é revelada, a cada instante, a sua vulgaridade. E que aspecto chocante oferecem tais criaturas! Falam e agem de maneira deselegante e grosseira. Expressões baixas que traduzem sentimentos bai-xos, são o seu apanágio. Sua falta de distinção e compostura é denun-ciada ainda na maneira de trajar, em todo o seu aspecto físico. Em ge-ral, não primam pela higiene; não possuem uma sensibilidade que lhes faculte sentir as coisas belas, não têm sentimentos elevados; não têm gesto estético e muito menos artísti-co. São pessoas vazias e desagradá-veis, companhias que ninguém quer - - vendo-se em pouco tempo isoladas dentro da sua própria vulgaridade. Há os que são vulgares intencionalmente, com o único fito de chamar a atenção. Triste maneira de chamar para si a atenção alheia. Melhor seria que o fizessem de uma forma mais simpá-tica e mais distinta. Os primeiros pos-sos consistiriam em educar o espírito; incutir nele idéias sãs; procurar se interessar por qualquer forma de arte — a pintura, a literatura, a música — cuidar da sua aparência física, proporcionando-lhe, pelo menos, um aspecto higiênico. Vestir-se, pentear-se e "maquilar-se" com sobriedade e distinção; cultivar bons sentimentos; modificar a forma de expressão, aban-donar a idéia de originalidade e usar de linguagem limpa que exprima idéias também limpas; cercar-se de pessoas que, pela sua educação e pe-lo seu espírito lhes possam propor-cionar um contacto útil e proveitoso; enfim, tudo o devera ser tentado afim de se alcançar o objetivo que nos li-vre de ouvir, ao passarmos na rua, a frase terrível: "como é vulgar!".

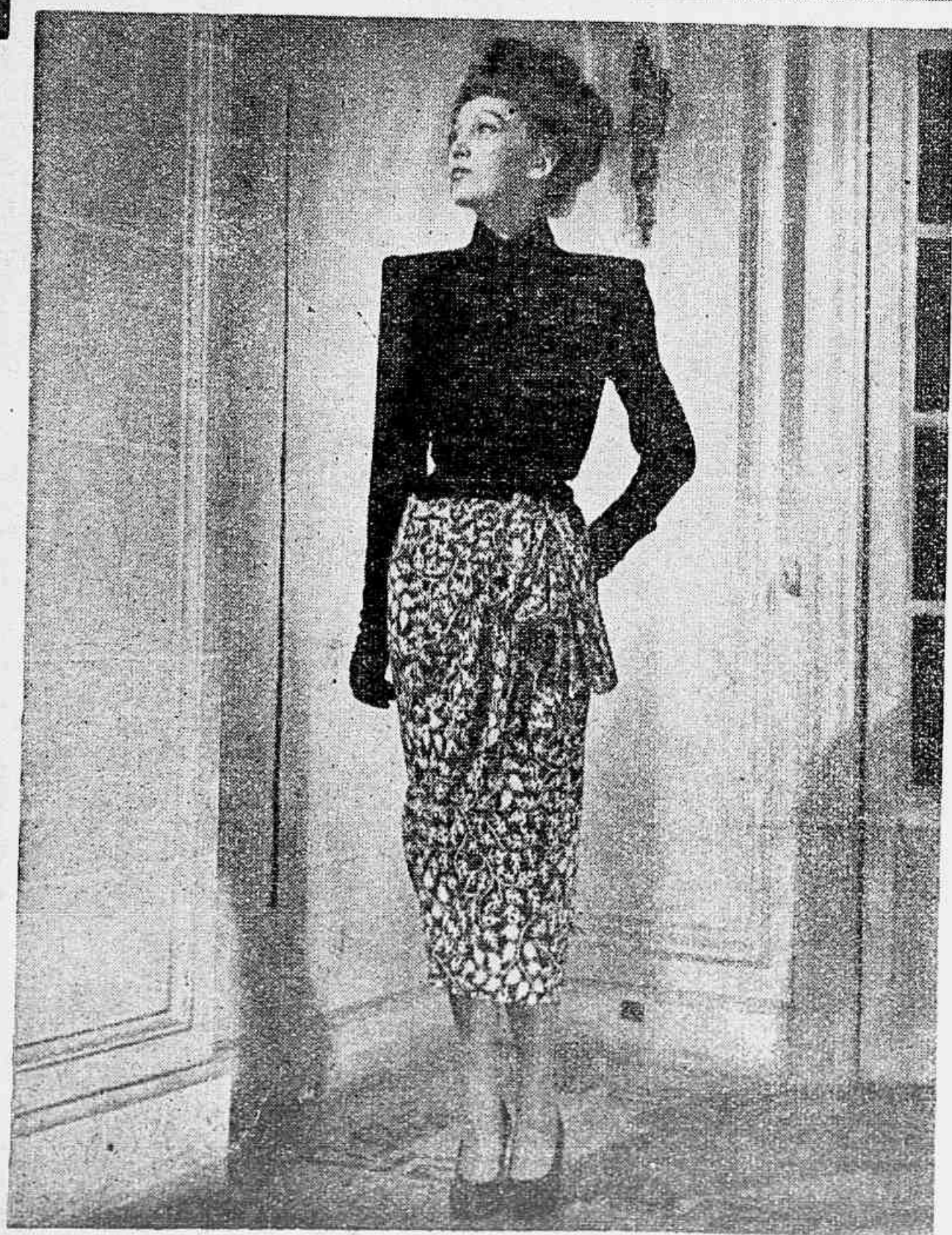
KITY

★
Elegantíssimo modelo em organdi branco, com aplicações, que Paris su-gere para a noite. Saia bem ampla, corpo justo, terminando em túnica. Fita de veludo negro, no decote e na saia.





Paris



PARIS retomou o seu pôsto; seus costureiros voltam a impor ao mundo as suas criações, e as mulheres de toda parte os obedecem cegamente, porque sabem que há em tudo o que vem de Paris um "chic", um "charme" e uma elegância indiscutíveis. Nesta página, três modelos: um de noite e dois de passeio. O primeiro é em tafetá; corpete e saia em tons contrastantes; babado de organdi plissado ao redor do decote e da cintura; ramos pintados à mão, na saia. Nos outros dois vemos, combinados, os tecidos unidos e estampados, prevalecendo o tom escuro para as blusas.



À esquerda — Casaco em lã marinho com viés branco. Em cima — Casaco em lã rosa sêco. Mangas partindo dos ombros. Bolsos enviezados.

★

Ao alto — Casaco cinza com bolsos duplos horizontais. À direita — Casaco em lã azul. Losangos pespontados formam os bolsos.

Para os dias de frio ainda por vir, apresentamos nesta página quatro modernas sugestões, que Paris nos envia.

Modelos



- 1) Modelo em lã, transpassado na frente, abotoando de lado. Saia franzida. 2) Vestido de lã com recortes pespontados. 3) Em lã fantasia, blusa transpassada. Recortes que se prolongam na saia, imitando bolsos. 4) Em seda azul marinho, blusa com recortes imitando bolero. 5) Em lã verde, com recortes pespontados em "V". 6) Vestido em quadriculado azul e branco. Pala arredondada na cintura. Gola branca. Saia com "machos".



7) Em lã azul, mangas inteiras, recortes pespontados. Saia com três pregas na frente. 8) Vestido em seda "maravilha". Pregas em toda a extensão da blusa e da saia. 9) Em seda marron com "pestanas" que se prolongam até a saia, abrindo em pregas profundas. 10) Modelo em lã. Na blusa recortes em "V", pespontados que formam as pregas da saia. 11) Em lã quadriculada verde e branco. Pala em ponta, na cintura. Panos enviezados na frente. Gola de seda branca. 12) Em lã cinza. Original recorte que forma bolsos na blusa e na saia.

Stakole

Passeio...



1 Modelo em seda rosa, saia ampla com três largas pregas de cada lado, manga três quartos, punho, gola e bolsos em seu bordado azul.

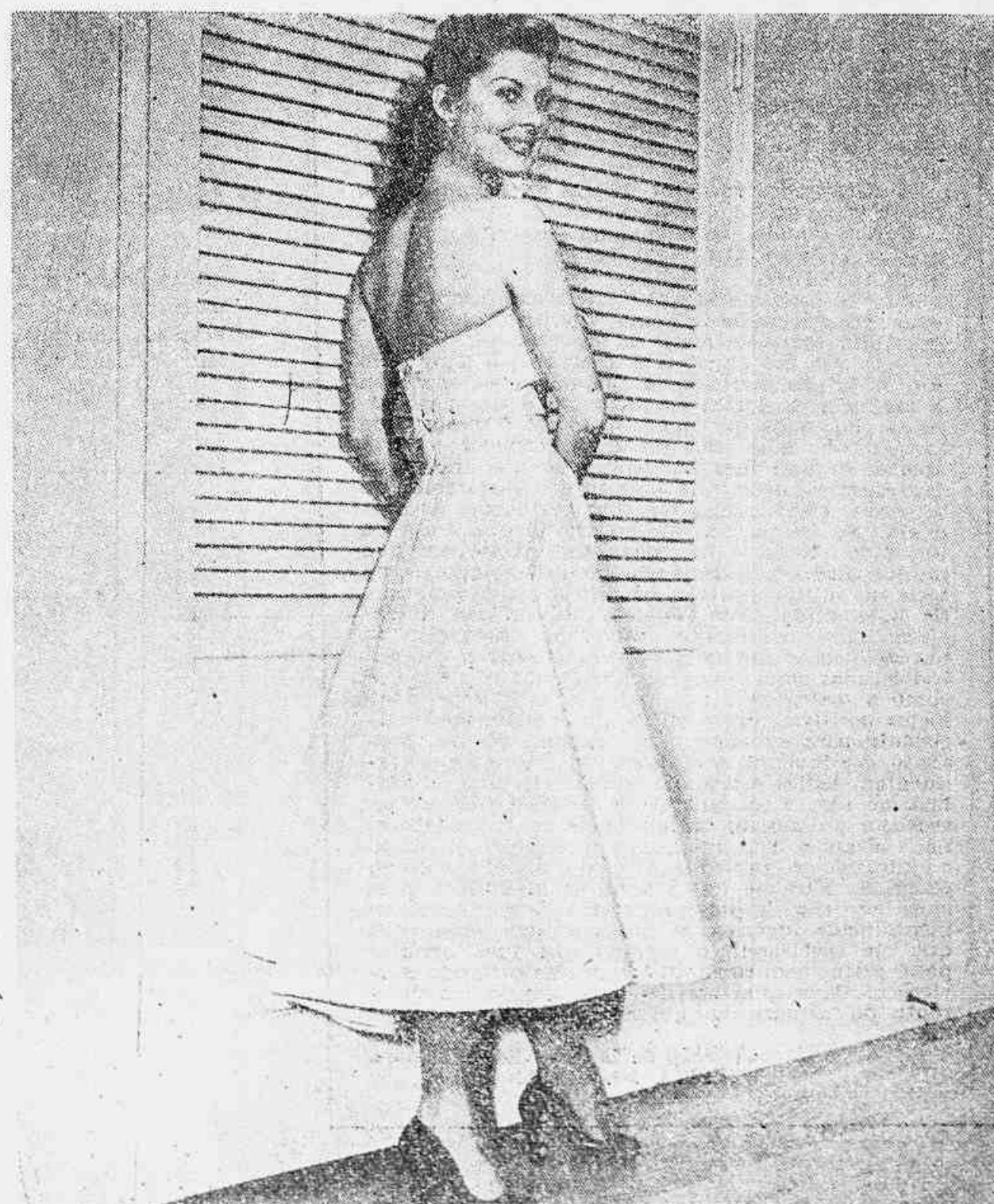
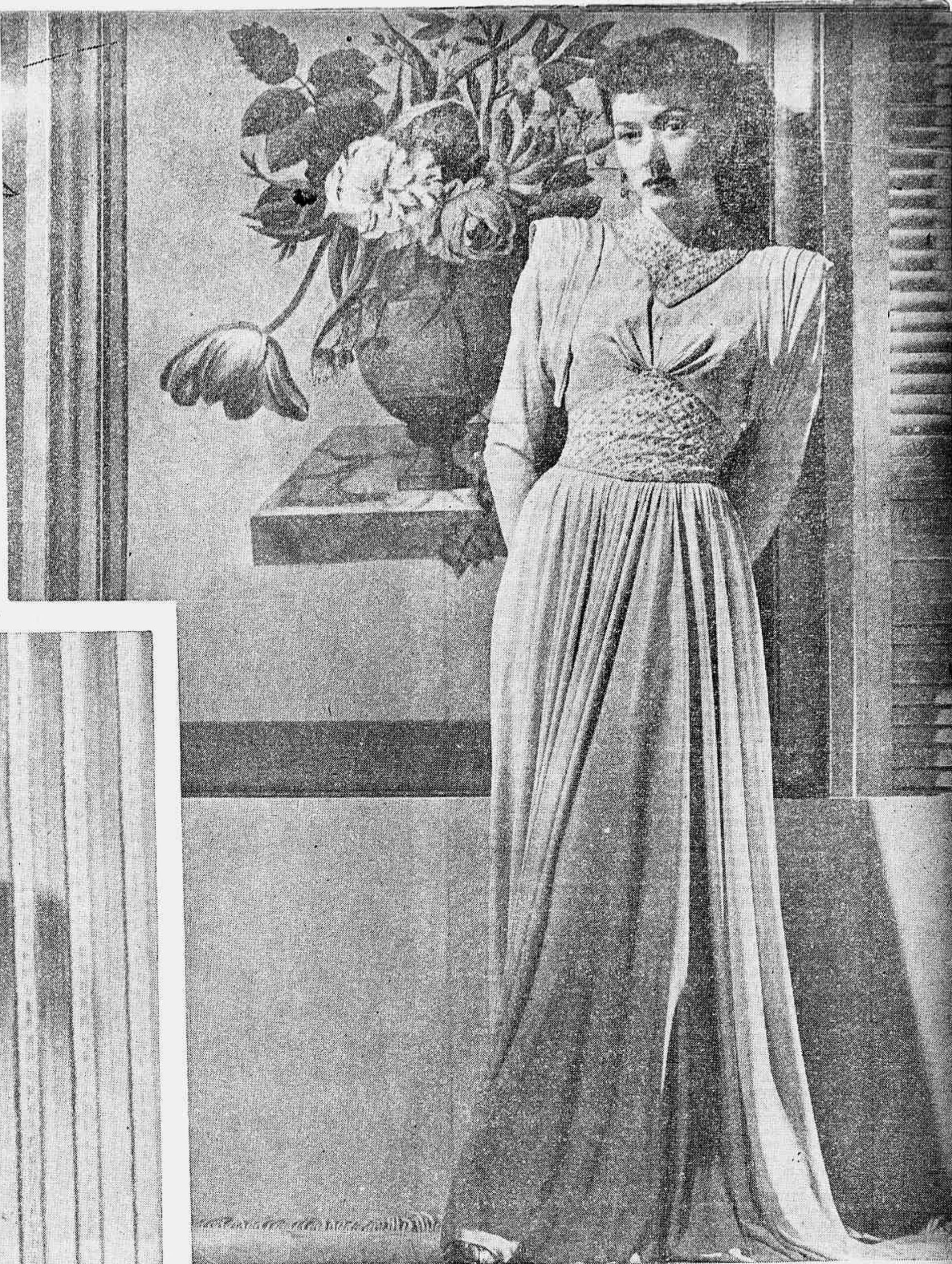
2 Em linho azul marinho, é executado este modelo, com interessante recorte, começando na blusa e terminando em prega, na saia.

3 Modelo em havana, saia ampla, justa na cintura; mangas "três-quartos". Punhos e gola em linho branco, completam este original modelo.

4 Aqui está um modelo que poderá ser talhado em fina lã cinza. Bastante elegante e prático, originais aplicações pespontadas na altura da cintura.

5 Para mocinhas é este elegante modelo em lã azul-claro. Pregas na frente da saia, carreira de botões na blusa e parte da saia. Botões na blusa.

Para tôdas as elegantes, Hollywood continua enviando-nos suas criações mais recentes, aqui vemos nesta página três lindas sugestões; à direita: Gloria Grahame, da RKO, ostenta um modelo em jersey verde claro, com gola e largo cinturão bordado em vidrilhos e pérolas. Sobre os ombros, branda drapeada. À esquerda: Em tafetá preto é o modelo de Susan Hayward; o corpete é longo e recortado. A saia muito franzida. Grande decote nas costas arrematado por renda verdadeira. Em baixo: Para as mais jovens, Pat Alphin da Universal- International sugere este modelo em cetim rosa pálido com saia "godet" acolchoada. O corpete é pespontado também formando o mesmo desenho. Tira enviezada ao redor do decote.



hollywood



DEUS A SEU GOSTO...

Harriet Beecher Stowe, a autora de "A Cabana do Pai Thomas", que tanta influência teve na abolição da escravidão nos Estados Unidos e no resto do mundo, era muito religiosa, mas se insurgia contra a severidade puritana, inexorável para com o pecado e os pecadores.

— Será possível que Deus não ame e não se compadeça dos pecadores, mesmo antes do seu arrependimento? — indagava ela. — O Deus inexorável, inflexível, todo feito de severidade, do Velho Testamento, não me convence. Prefiro Jesus, todo piedade e bondade. Oh, sim, sim... este é que é um Deus ao meu gosto...

ABERTO POR ENGANO...

Quando Maria Felicita Garcia Malibran, a famosa cantora italiana, que morreu em Manchester em plena glória e também em plena mocidade, pois contava então apenas 28 anos de idade, dava sua festa artística no Covent Garden, de Londres, em meio de muitas flores, foi atirado também ao palco um envelope, procedente de um dos seus admiradores milionários que se supunha muito galante. O público exigiu que fosse lida a mensagem que vinha no envelope. O tenor tomou-o e leu: "O Banco da Inglaterra pagará ao portador a quantia de mil libras esterlinas..." Era um cheque. Mas, nesse ponto, o tenor foi interrompido pela Malibran, que declarou:

— Senhores e senhoras, esse envelope foi aberto por engano... Trazia, na verdade, um endereço que não era o meu... Um endereço que dizia: "Aos pobres da cidade de Londres..."

E com esse rasgo, a famosa cantora recebeu uma das maiores ovações de sua vida...

LÁGRIMAS SINCERAS...

Desde criança, Harriet Beecher Stowe tinha uma grande paixão pela literatura, lendo tudo quanto lhe caía nas mãos, mesmo que não fosse coisa própria para sua pouca idade. Uma vez, descobriu um volume que continha nada mais nada menos que "O Corsário", de Lord Byron. Leu-o e releu-o, mas havia no poema frases cujo sentido permanecia obscuro ou incompreensível. Enchendo-se de coragem, perguntou a uma das suas tias, tida por mulher muito culta:

— Titia, que quer dizer esta frase?

— Minha filha, — respondeu a senhora, — essas são frases que somente Lord Byron sabe escrever e que ninguém mais, a não ser ele, sabe que sentido podem ter!

A mocinha não se esqueceu nunca desse escritor que escrevia coisas difíceis de entender. E, um dia, sabendo por alguns amigos da família que Lord Byron havia morrido, começou a chorar as mais sentidas e sinceras lágrimas...

UMA MULHER DECIDIDA

Matilde Bonaparte, filha de Jerônimo e sobrinha de Napoleão, foi pedida em casamento por seu primo, Napoleão III. Mas recusou a coroa imperial da França, dizendo:

— Prefiro a minha independência e o direito de amar a quem entender.

Depois, casou-se com o príncipe russo Demidoff. Em um dia, numa cena de ciúme, em Florença, este a esbofetou em público. Ela foi à Rússia, queixar-se e pedir a proteção do czar Nicolau I.

— Ah, princesa, — disse ele, — fez mal em casar com Demidoff. Eu desejava tanto vê-la casada com meu filho Alexandre... Não lhe perderei nunca...

— Majestade! Para que foi que se fez o divórcio? — interrompeu a queixosa.

E, dias depois, era a nora do czar...

UM MISTÉRIO QUE NÃO FICOU ESCLARECIDO...

Na "História de Minha Vida", em que incluiu suas recordações da infância e de juventude, Georges Sand tem este rasgo de sinceridade:

— O que me chocou nos devotos, em geral, não são as falhas inerentes à sua natureza, mas sim a ausência de lógica de sua vida e de suas opiniões. Por mais que neguem, fazem o mesmo que fazia minha mãe. Dos preceitos católicos, seguem apenas os que lhes convêm, mas não lhes cabe esse direito que minha mãe muito justamente se arrogava, visto nunca ter tido pretensões à ortodoxia. No tempo em que eu era devota, era-o de um modo total, e não dava um passo sem que minha timorata consciência indagasse logo se me seria permitido mover o pé direito ou o esquerdo. Se hoje ainda fôsse religiosa, talvez não tivesse forças para mostrar-me intolerante para com os outros, pois a ninguém é dado alterar a própria índole, mas seria tolerante para comigo mesma, e como a maturidade nos induz a uma espécie de lógica positiva, nunca encontraria austeridade suficiente para aplicar a mim mesma. Nunca, portanto, compreendi as mulheres mundanas que frequentam bailes e teatros, que andam com os ombros de fora e só cuidam de embelezar-se, e que recebem ao mesmo tempo todos os sacramentos, não faltando com nenhuma prescrição do culto e julgando-se perfeitamente de acordo consigo próprias. Não me refiro aqui às hipócritas, pois essas não são devotas: refiro-me às mulheres de mentalidade ingênua, as quais muitas vezes pedi que me revelassem o segredo que lhes permite pecar assim, sem escrúpulo contra as próprias convicções. Cada qual me deu uma explicação diferente, de maneira que até hoje continuo na mesma...

(Seleção de L. B. — Especial para REVISTA DA SEMANA)



"Duas-peças" em seda marinho com "pois" brancos. Saia plissé soleil, "Basque" dupla, franzida.



"Duas-peças" em lã preta. Blusa de renda branca com laços de veludo preto.



Para o inverno aqui estão as mais recentes criações da moda francesa. São modelos de grande elegância e muita originalidade, portanto... é só escolher.

Sala e colete em veludo negro. Blusa de seda verde-mar.

personalidade da SEMANA

UMA SERVA DA MÚSICA



Não foi por snobismo que Magda da Gama Oliveira citou Sartre, mas porque só nele se encontra a definição plena da personalidade diante do destino: escolher um caminho e seguir até o fim.

— Foi uma escolha consciente e definitiva; música e literatura.

Era muito menina quando olhou todos os caminhos da inteligência e disse: — "Este será o meu". E, agora,

no apogeu da carreira, única mulher no Brasil a dirigir uma estação de rádio, sente que fez bem. E só deseja prosseguir.

Esse traço da vida de Magda decorre de sua qualidade básica: caráter. Não no sentido moralista que lhe emprestou a linguagem comum, mas no sentido mais amplo de personalidade, consciência, liberdade espiritual. Ninguém mais sincera. Ninguém mais espontânea.

Foi primeiro prêmio, Medalha de Ouro, da Escola Nacional de Música. Líder da turma, a violinista adolescente foi oradora oficial durante todo o curso e representante daquela coletividade estudantil junto à Universidade.

— Como vê, ainda como estudante de música, eu já andava às voltas com a literatura.

— Nunca deu um concerto. Jamais pensou celebrar-se como intérprete.

— Não era o meu ideal. Queria conhecer música, para melhor senti-la e melhor escrever sobre ela.

Com esse sentido de responsabilidade fez crítica musical para o "Diário Carioca" e escreveu estudos e ensaios para outros jornais e revistas. Mais tarde, o rádio a seduziu. Sua obra nesse setor, onde a crítica — salvo raras exceções — se nivelava à mediocridade da maioria dos programas, foi a de uma precursora. Não era nada comum um jornalista de cultura e sensibilidade, tomar conhecimento do mundo ainda confuso dos estúdios. O "Diário de Notícias" marcou o ponto mais alto de sua carreira nesse setor; as crônicas de Mag fizeram muito barulho pela órbita das estrelas e dos compositores, e se, às vezes, desagradaram a certos astros de lanterna, contribuíram muito para a elevação do nível artístico do nosso "broadcasting".

Deixou a crítica para dirigir a Rádio Roquette Pinto, em 1946. E lá está até hoje, trabalhando, criando programas novos, procurando atrair o povo para a emissora municipal para conduzi-lo, suavemente, musicalmente, rumo a interesses mais altos. Entre as suas iniciativas, figura a criação da primeira escola brasileira de rádio-canto, cujas inscrições vão além de 200 candidatos. E o programa "Ribalta" que levou à onda da PRD-5, "Anjo Negro", "Medéia", "Hamlet", "Dama da Madrugada" e outras grandes peças; e continuará a levar bom teatro aos que não têm posses ou oportunidade para apiaudir nossos melhores conjuntos.

Teatro, aliás, é uma das paixões de Magda. E o seu ideal supremo, o fim do caminho escolhido, é ser autora. Tem pronta uma peça que há de ser, forçosamente, ótima. E um romance também, com o belo nome de "Ruas sem lama". Sua leitura predileta é a Bíblia.

— E' poesia pura. Conselho. Consólio. E música, também. Atravez das palavras, procuro recompôr a harmonia das 4.000 vozes dos cantores do Templo; e as canções dos pastores, e toda a música que foi tão importante na vida daquele povo e da qual não sobrou nem um compasso para a História.

Dos nossos compositores prefere Machado de Assis. Em Arte, tudo o que é grande, sem distinções de escolas.

— Tanto me emociona o Gregoriano como Shoenberg, Raphael como Matisse.

E' catedrática de História da Música no Conservatório do Distrito Federal e numa instituição cultural de Copacabana. De todas as suas atividades, essa tem as preferências de seu entusiasmo. E nisso mais uma vez se revela a vocação única de Magda; servir à Música, para que ela melhor sirva à humana sede de Beleza.

SARAH MARQUES



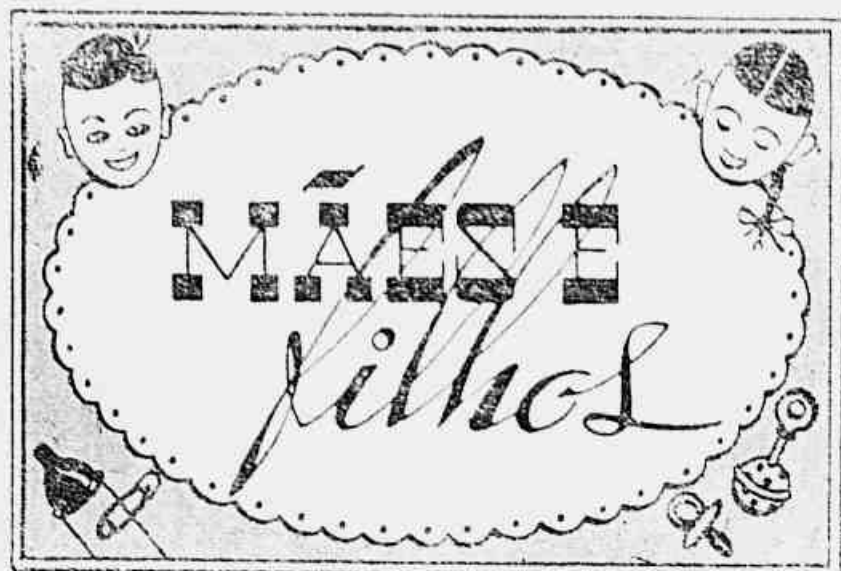
"Tailleur" em lã cinza. Saia "godet", com dois grandes bolsos laterais. Jaqueta curta.



Casaco em lã quadriculada verde e branco. Gola alta virada, na frente. Grupo de pregas atrás.



Casaco em lã creme de mangas ori-lissimas, criação de Jacques Griffe. "Duas peças" em lã negra. Casaco com "basque" franzida.



LOBATO, um amigo das crianças

Gostaria de falar em nome das crianças brasileiras, e creio que tenho algum direito para isto, porque posso falar em nome da criança que fui e que se deliciou com os livros de Monteiro Lobato. Muita coisa neles aprendi, assuntos que me pareceram maravilhosos, como a evolução das espécies e a formação do mundo, e que eram olvidadas completamente pelo ensino oficial.

Lobato sabia o segredo da arte literária infantil — criação de tipos, definidos, marcantes, sem nuances psicológicas; descobertos estes, o trabalho para o escritor seria fazê-los rodopiar pelo mundo inteiro, para frente e para trás, no tempo e no espaço. E os seus tipos cumpriram realmente a sua missão, criando um novo mundo no terreiro de dona Benta e vivendo de uma forma, que muita gente de carne e osso não consegue.

Eu gosto de todos os seus heróis, mas não sei porque, tenho cá um chamêgo especial pela pernóstica Emília; ela sempre me pareceu um desses artistas conjuvantes, que roubam o papel da "estrela" no filme ou na peça. E Emília, sem favor nenhum, eclipsava totalmente Narizinho Arrebitado, apesar da sua torneirinha de besteiras, ou, talvez, por ela mesma.

Um historiador contemporâneo ou futuro, se quiser estabelecer marcos na literatura infantil brasileira, terá de dividi-la antes e depois de Lobato; ele não representa uma experiência isolada, mas uma fase significativa de um novo gênero, que fazia quasi que inexplorado no Brasil. E ao reconhecermos isto, não podemos deixar de lembrar algo de muito melancólico e deprimente para nós mesmos, que foi a boicotagem que sofreram os seus livros nas bibliotecas de crianças; aconteceu esta coisa ridícula no tempo da ditadura: seus livros foram considerados impróprios para a petizada; e para justificar esta proibição, alegavam estranhas coisas como impatriotismo de Lobato e impropriedade dos seus livros. Estas coisas acontecem no Brasil, mas, felizmente, as crianças não tomavam conhecimento destas misérias políticas, e continuavam a ler infatigavelmente o grande autor. Eu sentia uma secreta alegria, quando observava a incessante e porfiada procura da criança pelas aventuras de Narizinho Arrebitado e Pedrinho; não adiantava que tentassem impingir à infância heróica quadriculados, feitos de última hora, "made" segundo modelo de Berlim e Itália; a íntima compreensão da criança sabia reconhecer o justo valor de uma obra.

Se nós fôssemos um povo que cultuasse mais o sentimento do que o sentimentalismo, o desaparecimento de Monteiro Lobato teria sido chorado de uma forma mais vibrante e bela; as crianças correriam para lhe dar adeus, agitando as páginas que Lobato escreveu para elas. Nem seria preciso falar-lhes, que Lobato morrerá; nada disto; porque quem se projeta além de si mesmo não morre; bastaria que se dissesse que ele fôra para outros mundos, mundos longínquos e maravilhosos como os que foram descritos nos seus livros.

Cabe, pois, aqui, nesta coluna, uma reverência a Lobato, e eu a fiz pensando em todas as crianças, porque, pessoalmente, nem o conheci; mas um escritor de quem a gente gosta é como alguém com quem privamos e de quem conhecemos as fraquezas e qualidades, está sempre perto, muito perto do coração e da saudade.

ZOLA DE LIMA

AGASALHOS MODERNOS



PIERRE BACMAN — Casaco em lã cinza, guarnição em pele marrom.



CHRISTIAN DIOR — Elegante casaco em lã cinza com guarnição em pele marrom.

Muito amplos, com uma generosidade que permite movimento ao tecido, êles modelam o busto, afinam a cintura e dão realce aos quadris... tais são os casacos creados pelos mais famosos costureiros francêses, para acompanhar a "nova linha"

JACQUES FAITH — em verde jade este elegante modelo com guarnições em peles.



As pequenas felicidades

São muitos os planos que fazemos na alvorada da vida, são inúmeros os sonhos que continuamos a acaientar pelos tempos em fora, até que a morte venha por seu ponto final frequentemente na ocasião menos esperada...

Quase sempre, planos e sonhos grandiosos, nos quais nos fantasiávamos de heróis, de santos, de super-homens. Depois, quando vamos vivendo a vida, ou quando vamos morrendo, se num instante de iluminação volvemos os olhos para trás e reconstituímos o caminho percorrido; percebemos que nada pudemos ser daquilo que desejamos. Uma enorme sensação de desconforto, de ferrete, se apodera de nós. Quanto não dariamos para regressar ao ponto de partida e começar a existência em novas bases, mais reais, mais modestas, mais humanas?

Será tarde, então. Teremos sido perdidos pela megalomania, pela ânsia de grandeza e de exagero que parece existir mesmo nas criaturas aparentemente mais modestas — modestas apenas porque ainda não tiveram uma oportunidade para expandir a idolatria do Eu. Chegam as queixas as lamentações, os desesperos, as revoltas contra "o destino implacável". No entanto, um pouco de observação da realidade e um pouco de bom senso teriam bastado para conjurá-lo.

Como? Reconhecendo, simplesmente, a verdade elemental contida num célebre verso do poeta Jules Laforgue: "Ah! que la vie est quotidienne!"

É a verdade máxima: a quotidianidade da vida. Não importam os grandes planos, os sonhos gigantescos, porque, quer êles se realizem, quer não, a vida é sempre quotidiana. Podem existir momentos esplendidos, céus de luz, como podem existir os instantes trágicos, fumegantes. Somando-os todos, porém, não atingirão nem 1/100 da vida que a vida nos fornece de ramerrão, de dia-a-dia.

Portanto, sob cálculo de exatidão matemática mais felizes serão aquelas criaturas que tiverem vivido melhor esses dias iguais, sem intempéries nem êxtases. Os planos e os sonhos, realizados ou não, terão sido vencidos numericamente pelo desastre das pequenas coisas. O miúdo vence o grande, como a gotinha de água fura a pedra. E por isso é tão difícil o miúdo, por isso não exerce sobre nós a menor sedução...

Requer muito maiores qualidades a luta de todos os dias pelas pequenas felicidades, que um grandioso gesto com que tentemos alcançar os ideais superlativos. São elas as únicas que estão realmente ao nosso alcance — uma clara manhã de sol, o sorriso de uma criança, uma palavra amiga — e no entanto nós não lhe damos o valor que merecem, voltados para o espetacular, que dura apenas segundos mas que nos incha de vaidade, como balões efêmeros.

Perdemos assim uma luta maior, mais pertinaz, porém de resultados muito mais autênticos: a luta pela alegria modesta, pela ternura simples, pela silenciosa vitória sobre a angústia de viver.

CONFIDENTE

CORRESPONDENCIA

Responderemos no próximo número a algumas consultas que nos foram enviadas. As pessoas que desejarem escrever-nos podem fazê-lo, endereçando suas cartas para a REVISTA DA SEMANA, rua Visconde de Maranguape, 15, Rio.

ROBERT PIGUET — em lá cinza chumbo, quadriculado branco, gola bem alta. Grandes botões.

CHAPÉUS



SIM, minha amiga, está muito em moda o jantar-americano; ele vem de uma terra onde não é nada fácil ter-se uma ou mais empregadas e onde o espaço também significa prático e ele tem sido adotado até mesmo por muita coisa. Realmente, nada pode haver de mais para as que podem dispor de empregados e mesmo para atender a muita gente ao mesmo tempo. Bastará que tudo seja colocado sobre uma mesa e os próprios convidados se encarreguem de se servir; pelos cantos da casa, nas varandas ou no jardim, eles formarão grupos alegres que darão à sua festa esse ambiente cordial que você quer. Nada fazer a ver, jantar gostoso e não ligue muita importância aos que dizem que só é "chic" jantar sentados ao redor de uma grande mesa. O nosso menu de hoje pode ser adaptado a esse fim.

ENCHOVAS COM OVOS

Ingredientes: 4 enchovas, 4 ovos, 2 colheres, das de chá, de salsa picadinha.

Preparação: Cozinham-se os ovos, separam-se as claras das gemas e picam-se uma e outra separadamente. Tomam-se os filés de enchova, dispõem-se no centro de um prato e rodeiam-se com uma triplice coroa de gemas, de claras e de salsa.

SANDUICHES PARA RECEPCAO

Ingredientes: Gemas cozidas, molho de maionese, pão branco e preto, manteiga fresca.

Preparação: Cortam-se os pães em fatias de oito centímetros de comprimento por três de largura e passam-se as gemas numa peneira. Em seguida fazem-se os sanduiches com três fatias de pão em três diferentes, intercalando com manteiga, molho de maionese e as gemas. Ata-se cada sanduiche com uma fitinha.

SALADA DE LAGOSTAS

Ingredientes: Lagostas em conserva, alface, ovos, azeitonas, beterrabas, molho de maionese.

Preparação: Dá-se uma ligeira fervura na lagosta, escorre-se numa peneira e deixa-se esfriar. A parte cozinhada-se os ovos até ficarem duros, descascam-se e cortam-se em rodela. Trata-se a alface, separando-se as folhas grandes das pequenas e brancas, reservam-se estas e forram-se com aquelas o fundo de uma saladeira. Sobre estas coloca-se a carne da lagosta e em seguida as rodela de ovos e as azeitonas sem caroços. Rega-se com o molho de maionese e enfeita-se com as folhas de alface que se reservaram e as beterrabas cozidas e cortadas em rodela.

MACAS GUARNECIDAS

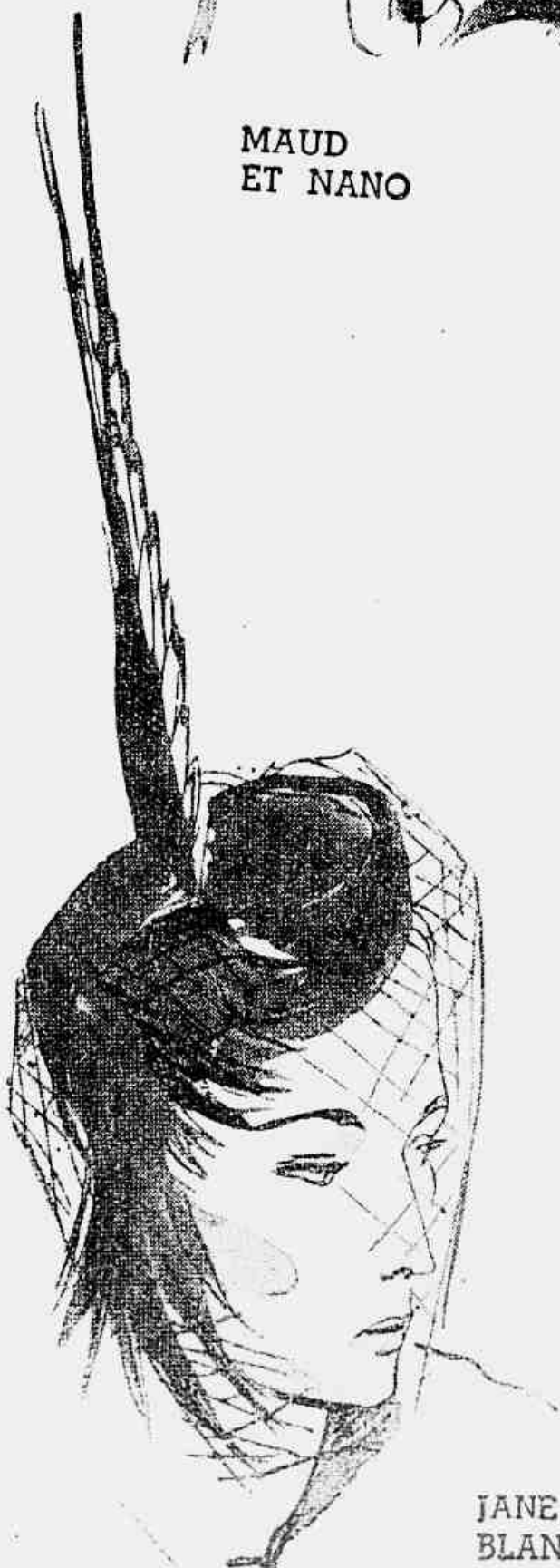
Ingredientes: 800 grs. de açúcar, 50 grs. de chocolate em pó, 6 macas, 2 claras, 1 colher, das de chá, de canela em pó.

Preparação: Descascam-se as macas. Tomam-se 200 grs. de açúcar, põem-se numa cacerola com um pouco d'água e leva-se ao fogo para fazer uma calda rala. Em seguida juntam-se-lhe as macas e cozinham-se ligeiramente. A parte, noutra cacerola, dissolve-se o chocolate numa xícara, das de chá, de água quente e adiciona-se a canela. Leva-se ao fogo e deixa-se reduzir à quarta parte. Retira-se então, e com este creme recheiam-se as macas. Colocam-se num tabuleiro e cobrem-se com as claras batidas com o açúcar restante. Leva-se ao forno brando para dourar.

SORVETE DE FRUTAS EM COMPOTA

Ingredientes: 1 lata de frutas em compota, 1 limão, açúcar.

Preparação: Despeja-se a calda da compota numa vasilha e juntam-se-lhe um pouco de água, açúcar em quantidade suficiente para ficar bem doce e o caldo de limão. Mistura-se tudo, despeja-se na sorveteira e leva-se à geladeira para congelar. A parte cortam-se as frutas em pedacinhos e colocam-se em porções no fundo das taças que serão então cobertas com o sorvete.

MAUD
ET NANOCLAUDE
St. CYRJANE
BLANCHOTSIMONE
CANGE

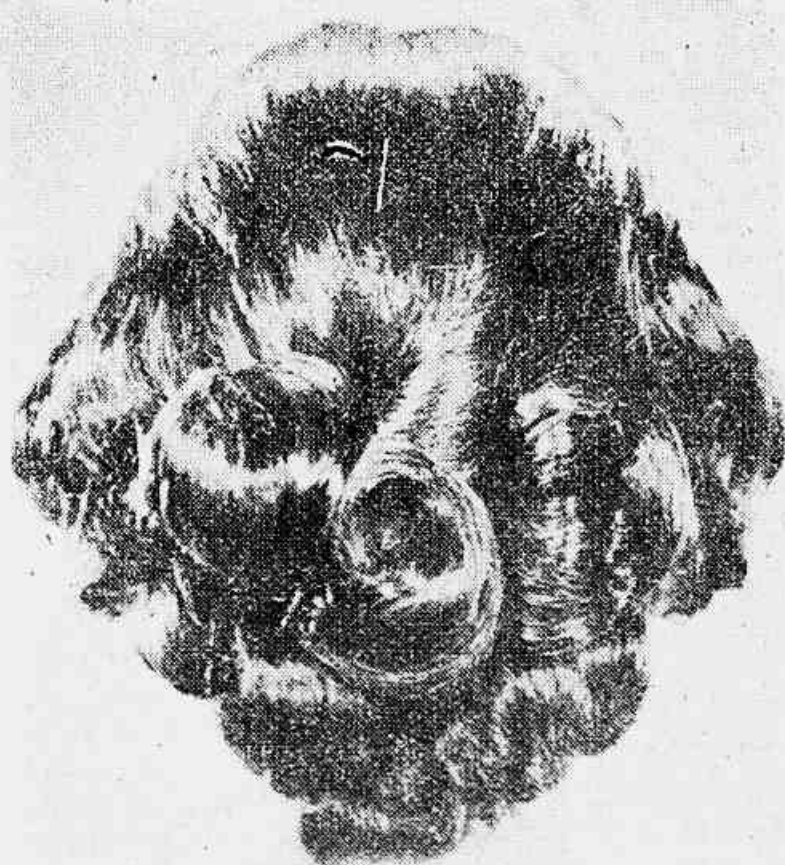
O chapéu constitui o indispensável complemento à uma "toilette" elegante. Dá maior "chic" e, quando escolhido de acordo com o tipo de sua dona, realça seus traços fisionômicos, aumentando-lhes a beleza. Nesta página oferecemos às nossas leitoras os últimos modelos dos mais famosos chapeleiros de Paris.



PARA contrastar com a silhueta antiga, as elegantes dos principais centros do mundo, adotaram os cabelos curtos. Volta-se também ao uso das "franjinhas" e "pastinhas" sobre as orelhas, como se pode ver nestas ilustrações:



Vemos ilustrando esta página três graciosas poses de Gloria Graham, jovem e linda "estrelinha" da RKO



PENTEADO MODERNO



(Noticiário compilado por E. de OLIVEIRA, especialmente para REVISTA DA SEMANA)

Realizar-se-á a 21 do corrente, às 14 horas, no auditório da A. B. I., a solenidade da posse da nova Diretoria do Aeroclube do Brasil, recentemente eleita pelo Conselho da referida entidade. São os seguintes os diretores que assumirão os destinos da entidade: Presidente, Augusto de Lima Neto; vice-presidente, capitão-tenente Jaime Leal Costa Filho; secretário, Carlos Gonçalves Botelho; sub-secretário, Jorge Figueiredo Possolo; tesoureiro, Augusto de Freitas Lopes Gonçalves; sub-tesoureiro, Luis Ferreira Guimarães, e procurador, João Nicolau Nader Gonçalves.

★ A direção geral da Aeronautica Comercial da República Argentina autorizou a Panair do Brasil a modificar o horário regular de viagens entre Buenos Aires e Rio de Janeiro.

★ A Sociedade Mista Aeropostal Argentina foi recentemente autorizada a realizar um serviço de transporte de passageiros e cargas entre Buenos Aires e Rio de Janeiro, com um voo semanal de ida e volta.

★ Um pequeno avião foi de encontro ao portal da residência da senhora Henry Phillipson, no centro de uma granja próxima da cidade de Winamac, nos Estados Unidos. Quando os vizinhos acorreram ao local do acidente, para ver o que havia acontecido, encontraram a senhora Phillipson terminando uma carta que estava fazendo a uma amiga, com as seguintes palavras: "Finalmente, tenho algo a contar. Eu estava em dificuldade porque não sabia o que lhe mandar dizer." Os dois tripulantes do pequeno avião ficaram feridos, porém, sem gravidade.

★ A Força Aérea dos Estados Unidos aprovou os pedidos de 11 empresas aéreas de transporte de carga e linhas aéreas de horários regulares, de arrendamento de determinado número de aviões de carga "C-46" de seu estoque em depósito, a razão de 300 dólares por mês por avião. Um total de 76 aviões já foram arrendados deste modo, e outros para arrendamento de 24 outros estão dependendo de aprovação. A Força Aérea tem de 400 a 500 "C-46" em depósito. A Pan American Airways está arrendando 12 desses aparelhos.

★ As linhas aéreas de bandeira estrangeira que servem Nova York terão a primeira escola de faculdades no Aeroporto Internacional de Nova York (Idlewild). As licenças para tais empresas operarem no Aeroporto La Guardia terminaram a 30 do corrente, porém, as mesmas já não tem virtualmente nenhuma conveniência ali. No novo aeroporto as empresas estrangeiras disporão de espaço de hangar moderno para as operações de manutenção.

★ A Pan American-Grace Airways recebeu o Diploma de Honra Anual de Aviação do Conselho de Segurança Inter-Americano pelo quarto ano consecutivo. Durante os quatro que a Panagra operou sem ferimento ou morte de passageiros ou tripulação, de 1944 a 1947, transportou 254.815.051 passageiros-milhas e completou 24.574.476 milhas de voo.

★ O relatório anual da American Overseas Airlines, Inc. para o ano de 1947 apresenta um prejuízo líquido, baseado nas tarifas postais temporárias de 1.773.200 dólares, descontadas todas as despesas.

★ De acordo com o relatório oficial do Conselho de Aeronáutica Civil dos Estados Unidos, a causa provável do acidente em que se perdeu o "Albino" "DC-3" da American Airlines, na baía de Bowery, Estado de Nova York, em 8 de agosto do ano passado, foi que, em seguida a uma tentativa de aterrissagem, foi tentado um processo de aproximação frustrada para uma segunda aterrissagem sem velocidade aérea suficiente para operação de monomotor.

★ O Departamento dos Correios dos Estados Unidos advertiu as nações estrangeiras para providenciarem para que a mala aérea internacional vá e nos horários mais rápidos, em vez de fazê-lo, em grande parte, nas suas próprias empréstitas nacionais. Além disso, o departamento declarou, rudemente que onde outras nações estão favorecendo indevidamente suas próprias empresas afim de construir saldos de dólares, ele "tenciona reexaminar mais cuidadosamente suas relações postais completas com tal ou tais países."

★ Foi apresentada uma lei no Senado e na Câmara dos Estados Unidos destinada a possibilitar o desenvolvimento de um avião civil de transporte e de carga, adaptável ao serviço militar auxiliar, em caso de emergência. A autoridade e responsabilidade pelo desenho, desenvolvimento, prova, montagem e construção do protótipo está confiada ao secretário da Força Aérea. As vendas de aparelhos fabricados de acordo com as especificações do desenho aprovado pela Força Aérea serão feitas a um preço que permita um lucro razoável que poderá ser prescrito pelo secretário da Força Aérea. Nenhuma das despesas do desenvolvimento, tais como de engenharia e modelagem, pagas pelo governo, serão incluídas na determinação de um preço de venda doméstico sofrível.



"INGLÊS BÁSICO E PRÁTICO"

Vocabulário Completo de Inglês Básico. Terminologia Especializada, Científica, Comercial e Militar. Regras Gramaticais Essenciais. Frases Práticas Frequentemente Usadas.



Pedidos pelo Reembolso Postal para
VICTOR JOSÉ LIMA — Rua Caruso, 4 -- Apto. 3 --
TIJUCA -- RIO DE JANEIRO
 PREÇO: Cr\$ 20,00

O SENAI EM SÃO PAULO

Oferecido pelo Sr. Roberto Mange, Diretor do Departamento Regional do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, de São Paulo, recebemos um exemplar de interessante folheto documentando as realizações do "Senai" naquele Estado. É uma síntese ilustrada, mostrando o que tem feito o mencionado serviço desde que foi instituído, em 1942, até hoje, não somente nos setores da Capital bandeirante como também nos setores do interior paulista; construções escolares, cursos vocacionais, cursos ordinários, etc. O documentário fotográfico, feito através de boas gravuras, vem acompanhado de textos curtos porém claros e convincentes; gráficos bem orientados apresentam ao leitor, de um modo evidente, os elementos estatísticos que completam os informes decorrentes das fotos e dos textos.

A vida de Guy de...

(Cont. da pág. 26)

tos argumentos lhe apresentaram que afinal ela cedeu.

Na manhã seguinte os passageiros continuaram a viagem e mais uma vez se afastaram desdenhosamente da mulher que fizera um grande sacrifício por eles. Dessa vez todos tinham trazido comida, exceto ela que, de tão nervosa, tudo esquecera. Abriam suas caixas e comiam avidamente, mas não lhe ofereciam uma isca do que comiam. As lágrimas assomaram aos olhos da coitada, e ela hes deu livre curso.

— Ela chora de vergonha — murmuravam condôidos os viajantes.

Em Bola de sebo o autor mostra sua ironia e seu menosprezo pela estupidez humana. Em várias de suas outras histórias, contudo, esse menosprezo converge em compaixão. É o que se verifica em O colar, que há quem considere o ponto mais alto a que pode chegar o conto francês.

O Colar é a tragicomédia de Madame Loisel, mulher que nascera bela e pobre, sonhara com príncipes e casou com um funcionário. Almejara palácios e viveu numa casa de comodos. "Não tinha perumes nem jóias, e eram estas as coisas que ela mais desejava, como o árabe velho suspira pelo deserto nativo."

Contudo, ela possuía uma amiga, colega do convento, que era rica. Mas nunca visitava essa amiga pois a vista daquilo que desejava e não tinha a fazia sofrer.

Uma noite seu marido chegou a casa radiante. "Tenho um convite para nós vamos a uma soirée oferecida pelo ministro da Instrução Pública e sua esposa."

— Mas eu não tenho com que ir — disse Madame Loisel.

O marido comprou-lhe um vestido, mas isso não a satisfazia.

— Não tenho jóias.

— Por que não procura sua amiga Madame Forestier, e lhe pede emprestadas as jóias?

Loisel deu um grito de alegria. — Sim, é verdade. Não tinha pensado nisso.

Foi à casa da amiga, tomou emprestado um belo colar de diamantes e, na festa, foi a mais bela entre as belas. Voltou para casa radiante. Começou a despir-se diante do espelho e, de repente, soltou um grito:

— Perdi o colar de Madame Forestier! Procuram a jóia por toda Paris, mas em vão.

— Precisamos, seja como for, devolver o colar.

Foram, ela e o marido, de joalheiro em joalheiro até que afinal encontraram um colar que se parecia com o perdido.

— Qual é o preço deste?

— Quarenta mil francos. Mas cedo-o a senhora com prejuízo — por trinta e seis mil francos.

E aí foram as visitas a toda a pressa aos amigos, aos banqueiros, aos agiotes e usurários, até que enfim, conseguiram reunir os trinta e seis mil francos.

Madame Loisel devolveu o colar e então submeteu-se à escravidão para pagar sua dívida. Dia a dia ela trabalhava, lavando, esfregando, estragando as mãos, mareando a formosura, arruinando a saúde. O marido fazia o mesmo, fazendo escriturações de casas comerciais, muitas vezes passando noites em claro a copiar documentos a 5 centimos a página.

Assim fizeram durante dez anos, quando, finalmente, conseguiram liquidar toda a dívida, inclusive os juros.

Um domingo Madame Loisel, agora uma mulher velha e cansada, andava pelos Champs Elysées. De repente avistou uma senhora, jovem, formosa, elegante, que caminhava na direção oposta. Era Madame Forestier. Madame Loisel cumprimentou-a:

— Bom dia, Jeanne.

Madame Forestier fitou-a sem a reconhecer.

— Não me conheces mais, Jeanne? Sou Matilde Loisel.

— Oh, minha pobre Matilde, como estás mudada!

— Tive muitos trabalhos nos últimos anos e todos por tua causa.

— Por minha causa? Como?

— Perdi o colar que me emprestaste, mas comprei outro igual. E passei dez anos a pagá-lo.

Profundamente emocionada, Madame Forestier tomou entre as suas as mãos asperas de Matilde Loisel. "Oh! minha pobre Matilde! Mas o meu colar era falso. Valia, no máximo, 500 francos."

IV

Durante os anos em que foram íntimos amigos, Gustave Flaubert dera a Maupassant uma fórmula triplice para o triunfo literário: "Observa, torna a observar e observa outra vez."

E eis que de repente morre Flaubert. Guy entrou na sala que visitara todos os domingos durante sete anos, e subiu as escadas que levavam ao quarto onde estava o morto. Nada era sagrado para aquele observador. Enquanto banhava o corpo e o preparava para o sepultamento, seus olhos e seu espírito estavam ocupados em recolher todos os pormenores para usá-los futuramente em seus trabalhos. Enquanto acompanhava o cortejo fúnebre, notou que por cima de uma sebe aparecia a cabeça de uma vaca e que esta mugia para alguma coisa que ela não podia compreender. A beira do túmulo observou como os desajeitados coveiros seguravam as cordas amarradas ao ataúde e como suavam com o esforço, como o calção balançava doidamente de um lado para outro e não queria entrar na cova até que vieram outros homens ajudar os primeiros. Seu coração de artista pulava descompassado diante de toda essa falta de lógica e ele fez uma prece de agradecimento por achar-se ali naquele momento e poder apanhar a futilidade e brutalidade da vida.

Era o senso do romancista, instinto tão natural como o faro de um cão de caça... Mas havia ainda o coração. As vezes punha de lado a pena e esperava e encalhava-se horas a fio até que a escuridão se esvaísse de seus olhos. Com frequência inalava éter, cujos vapores o faziam cabecear nos seus sonhos, esquecendo momentaneamente a dor. E comprava frascos de entorpecentes que consumiam todo o dinheiro que ele economizara para umas férias de verão.

Mas sob a "fuga do sofrimento" havia sempre uma nota clara de beleza pagã: "Amo o firmamento como um pássaro; as florestas, como um lobo; os rochedos, como uma gazela; a grama espessa em que o cavalo gosta de se espumar; as águas claras nas quais é tão bom nadar como um peixe. Sinto vibrar em mim algo comum a todos os animais, alguns dos instintos e dos imprecisos desejos dos animais inferiores. Como eles e não como vós, homens, eu gosto do mundo. Amo-o sem o admirar, sem poetizá-lo, sem voar até o empírico. Amo-o com um amor profundo e animal, um amor que é desprezível e, contudo, sagrado..."

Fingia — conquanto seus contos lhe desmintam as palavras — não sentir compaixão pelos homens. "Sou capaz de abrir o crânio de um poeta pela simples curiosidade de ver o que ele contém." Mas os sofrimentos misteriosos dos mudos animais horrorizavam-no, declarava ele, e acordavam todos os ternos instintos de sua alma. O uivo do lobo colhido na armadilha ecoava-lhe doidamente no coração. Seu gênio, muito superior ao do comum dos homens, estava ligado aos sentidos corpóreos de uma vida inferior — na escala da evolução — à vida do homem. Ele escreveu (ou o terá sonhado nos vapores do éter?) sobre uma velha camponesa avarenta que resolveu atrair seu cão numa cova — um cão "que nem ladrava" — para não ter que pagar os oito francos do imposto sobre os cães. Primeiro, pediu a um trabalhador que se incumbisse de fazê-lo. Mas o homem pediu 5 pence para o serviço. "Tal quantia lhe pareceu simplesmente absurda. O empregado de uma fazenda próxima ofereceu-se para fazê-lo por 2 pence e mesmo era ainda demais." Assim, foi ele mesmo até a cova e lá jogou o cão, segurando-o pelo pescoço. "A princípio ouviu uma pancada seca; depois um grito agudo, de cortar o coração, o grito doloroso de um animal ferido; seguiu-se uma série de debéis gritos de dor, um depois do outro; e por fim desesperados apelos, os

de um cão que implora, tendo o focinho voltado para a boca da cova."

Naquela noite, deitada na cama, a mulher viu o cão em sonho. Na manhã seguinte resolveu mandar retirá-lo da cova. Dirigi-se a um homem que trabalhava em escavações no barro e pediu-lhe que a ajudasse. Mas ele queria 4 francos para retirar o cão da cova. A mulher recuou espantada. "Quatro francos?" gritou com raiva. "E' demais!" Ora, ela podia ao menos tranquilizar sua consciência atirando dentro da cova um pedaço de pão para Pierrot. Mas, nesse interim, outro cão, muito maior que Pierrot, fôra também atraído à cova, e quando Madame deixou cair o pedaço de pão "pôde distinguir claramente o fragor de uma luta terrível e depois o ganir choroso de Pierrot, que fôra mordido por seu competidor mais forte. Era inútil ela especificar: "Isto é para você, Pierrot." Este, é claro, não apanhou nada.

Então Madame declarou como que para justificar-se: "Ah! também eu não posso dar comida a todos os cães que são jogados nesta cova." E quase a sufocar pensando em todos aqueles cães vivendo às suas expensas, afastou-se levando consigo o resto do pão e comendo-o pelo caminho.

As lágrimas vinham-lhe aos olhos quando falava do mudo sofrimento dos sócios de sua alma. E compôs um idílio formoso e terno a propósito do corpo já em decomposição de um burro, assediado de moscas, que jazia a três passos apenas dos verdes campos por que ele tanto suspirara — e suspirara em vão — durante toda uma vida de trabalho incessante para seu dono.

— E sobre o reino do homem, o animal menor? O destino dominava a humanidade com a mesma brutalidade, dizia Maupassant, com que a humanidade dominava burros e cães. Com alguns traços ousados de sua pena plástica, ele deu vida a toda a luta estéril dos camponeses normandos. Mas estabelecia contacto com essas pobres almas não de espírito para espírito mas de sentido para sentido, de tato para tato, de olfato para olfato. Tinha tão bom olfato como o de qualquer animal do campo. Farejava-lhes as emoções, as maneiras de viver, os instintos, até seus pensamentos. "A vida que lateja em suas páginas... parece um concerto de odores."

E, em sua maioria, odores desagradáveis. Maupassant encarava a vida pelo seu aspecto desagradável. "Ele fixa sua atenção sobre um certo ponto da vida humana, quase sempre um ponto triste, mesquinho e sórdido, pega desse ponto e o espreme até ele caretear ou sangrar".

Todavia, mesmo os mais feios de seus contos têm a temperá-los um sabor particular. Ele gostava do contacto elétrico da carne humana. Foi o Renoir da pena. Não via nenhum sutil humor nas histórias que tinha para contar, quer fossem de camponeses quer de príncipes. No entanto realizou a mais sutil das artes ao descrever a comédia do sofrimento, da estupidez e da vulgaridade. Seus contos fazem lembrar as fábulas de La Fontaine e os engenhosos contos de Boccaccio. A centelha evanescente do espírito latino foi sempre atraída pelo leste conte — conto licencioso.

Maupassant foi o mestre do conto, mas escrevia-o como quem desenvolve um assunto digno de epopéia. Escreveu vários romances que eram realmente contos. E todos os seus contos eram romances.

Seus personagens não têm alma, não têm o consolo da religião. Contudo, Maupassant é um poeta que tenta mascarar-se de misantropo. Seu pessimismo, sua precisão científica, seu estilo simples, brilhante, clássico, representam bem a jovem geração a que ele pertencia. Como os demais representantes dela, Maupassant foi um homem que sentia ter sido criado por Deus mas que como misantropo que era, se recusava a confiar nessa sua origem. Em sua vida não se orientou por nenhuma fórmula filosófica. "Existem tantas verdades quantos homens existem... Cada um de nós forma para si mesmo uma ilusão do mundo. Esta é sentimental, poética, alegre, melancólica ou impura, segundo a natureza de cada um... a ilusão da beleza, simples convenção humana... a ilusão da fealdade, simples opinião que varia... a ilusão do ignóbil, que

atrai a tantos! Os grandes artistas são aqueles que fazem a humanidade aceitar suas ilusões particulares".

Seus amigos elegantes do Faubourg Saint-Honoré, que o acolhiam sob a luz dos seus candelabros, estavam perplexos. Apesar de toda a sua elegância e fama, Maupassant não era mais que um labrego bem nutrido. E que dizer de seus olhos? Não eram eles os olhos de um homem normal. Não revelavam no dono a existência de uma alma.

E Guy de Maupassant, que se tornara o rei do riso sem alegria, mirava os próprios olhos no espelho e por sua vez ficava perplexo. Seu rosto ia-se afinando sempre como se os olhos, por uma lei própria, se alimentassem da carne. Ao barbear-se pela manhã, uma névoa interpunha-se entre ele e o espelho. Levava a mão à cabeça que lhe doía. E começou a perceber por que via tão fundo nos átomos das coisas. Ninguém suspeitava? Era porque sua própria mente estava aos poucos desfazendo-se nos átomos das coisas. Sim, cada um dos seus pensamentos estava-se dissolvendo em gotas de consciência. E cada átomo de seus pensamentos contemplava os outros átomos irmãos numa visão de brilho eufórico antes da desintegração final. E ele ia subindo a escada da arte, do gênio para o gênio ainda maior e daí para a infantilidade... e para o homem primitivo... e ainda além; e resvalava pela escada da evolução até o homem pré-histórico, o semi-homem... e ainda mais abaixo.

V

Ele não compreendia porque havia de ir morrendo de uma doença venérea contraída num momento insignificante, obscuro — uma aventura com uma sombra. Não o compreendia e o pensamento da morte o aterrorizava. "Acredito no aniquilamento definitivo de todo ser humano que morre." Quando um homem agradece uma vez com a vida, daí por diante os outros homens o tomam sempre por gracinha. Não perceberam esses milhões de leitores de livros seus que as alucinações e os fantasmas que apareciam em suas histórias foram tirados dos momentos secretos de sua própria vida. Maupassant meteu-se com livros de medicina, assediava os médicos onde quer que os encontrasse e os espremeia com perguntas sobre doenças. "Ele está recolhendo dados para um novo livro, uma sátira contra os médicos, um estudo sobre anomalias", inferiam os sábios. E quando ele anunciou calmamente aos seus convidados à mesa: "Interesso-me pela loucura. Vou descrever o processo de um homem que enlouquece aos poucos" — compreenderam-no? Suas anúncias compreenderam que ele lhes frequentava a alcova por que tinha medo de dormir sozinho?

Estava sofrendo de autoscopia. As vezes via tão nitidamente a si mesmo como se estivesse diante de um espelho. Uma tarde, ao entrar em seus aposentos, surpreendeu-se sentado numa cadeira lendo um livro que havia pôsto de lado momentos antes, ao deixar o quarto. Escreveu um conto *La Horla*, sobre um homem perseguido pelo seu sóis. E certa vez, enquanto escrevia, sentado à sua mesa, o sóis sentou-se de mansinho de frente dele e pôs-se a ditar-lhe, palavra por palavra, o que ele estava escrevendo. Tornou-se lívido, começou a gritar e fez com a mão um movimento desesperado para enxotar a aparição.

Havia em seu sangue a algidez de mundos que agonizam. Mais que nunca temia agora a aproximação do inverno. Sentava-se junto ao fogão, tiritando. Até no calor ele conservava acesas as lareiras de toda a casa. Comprou um iate, fez-se de vela sob o sol do Mediterrâneo, errou pelos areais da África. Mas tanto no frio como no calor invadiam-no calafrios enquanto tomava suas notas. Pensava nas moscas que vivem algumas horas, nos bichos que vivem alguns dias, nos homens que vivem alguns anos, nos mundos que vivem alguns séculos. Qual a diferença entre o verme e o universo? Algumas auras mais, e só...! "Agora vejo a morte tão próxima que sinto vontade de estender o braço e fazê-la recuar. Vejo-a em toda parte. Os insetos esmagados no ca-



NUPCIAS

CONSTITUIU um acontecimento social, o casamento do jornalista Luis Alípio de Barros, de A CENA MUDA, com a srta. Maria Luiza Gonçalves Cavalcanti, filha da viúva Manoel Gonçalves Cavalcanti. O casamento civil foi realizado na residência da genitora da noiva, à rua Marquês de Abrantes, 44, tendo testemunhado o ato, por parte do noivo, o jornalista Hugo Barcelos e senhora. A cerimônia religiosa teve lugar na igreja da Santíssima Trindade, à rua Senador Vergueiro. Foram padrinhos da noiva, o dr. Hélio Gazzaneo e senhora, e do noivo, o sr. Jorge Santos e senhora. Depois do ato religioso, foi oferecido na residência da genitora da noiva, um *cock-tail-party*. Nas fotos: o momento em que os nubentes cortavam o tradicional bolo, e as famílias do noivo e da noiva reunidas.





"Super-it" PARA O SEU OLHAR



com uma simples e agradável aplicação de Cilion, duas vezes por dia. Cilion dá nova beleza às pálpebras, escurece, alonga e recurva os cílios, dá brilho às sobrancelhas, impedindo ao mesmo tempo a formação de caspas e terçóis.

Prefira o TUBO GRANDE rende mais e custa relativamente, muito menos



CILION

embeleza e protege os olhos

Dr. José de Albuquerque
Membro efetivo da Sociedade de Sexologia de Paris
DOENÇAS SEXUAIS DO HOMEM
R. Rosario, 88 — Rio de Janeiro

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

minho, as folhas que caem, as cas na cabeça de um amigo partem-me o coração e gritam para mim: "Contempla-a!" Ela estraga para mim tudo que faço, tudo que vejo, tudo que como e bebo, tudo que amo; o pálido luar, o nascer do sol, o vasto oceano, os nobres rios, o doce das tardes de estio, tão bom de respirar."

E eis que, enquanto ouvia com tanto sexto sentido, notícias terríveis lhe chegaram por sobre as brisas do Mediterrâneo. O destino golpeara subitamente seu irmão mais moço, Hervé, robusto, desprevenido, sereno, com um golpe mortal sobre o espírito, como o sol fere o banhista adormecido. Enquanto os parentes o conduziam para um manicômio, ele apontou para Guy e gritou estridentemente: "Você é que está doido, sabe? Você é que é o maluco da família!"

Pouco depois Hervé achava-se no seu leito de morte, indiferente e calmo. Mas com um último apelo às suas forças, chamou o irmão como costumava fazer quando ambos eram meninos: "Vamos brincar no jardim Guy". E quando Guy acabou de enxugar suas lágrimas, aqueles olhos estavam mortos.

E então — triste ironia — veio o período de sua maior atividade literária, como se ele de repente se houvesse insinuado na tutela de deuses invisíveis. Os tóxicos que lhe infectavam o sangue extraíam dele o que de melhor havia em seu gênio antes de destruí-lo. De sua pena brotaram histórias de trópicos brilhantes e silenciosos e de belos amores humanos de excursões pelo Mediterrâneo, cujas águas se transformavam em estrelas sob a luz criadora da lua.

E seu sofrimento crescia na mesma proporção da beleza que ele criava. Mesas da biblioteca, cadeiras, lampiões, converteram-se em animais que entravam no quarto e dele saíam, desciam as escadas e iam para a rua. Milhões e bilhões de micróbios, desfilavam-lhe no sangue. Quando punha o calcanhar no soalho, sentia um empuxão. Uma vez, andando lentamente pelo campo em companhia do criado, pararam diante de um gigantesco crucifixo. "Ah! François. Ele tinha 32 anos quando foi crucificado. Eu estou-me aproximando dos quarenta e um."

Ele tornara-se o "Grande Pintor da carreta humana... Pinta sem ódio e sem amor, sem ira e sem piedade... Mostra-nos todas as almas grotescas, todos os desditosos com tamanha perfeição que nós os vemos com os nossos próprios olhos e os achamos mais reais que a própria realidade. Ele dá vida; não julga... Sua indiferença iguala a da própria natureza."

Decorreram já algumas horas após a passagem do Ano Novo. Maupassant leva um revólver à cabeça e aperta o gatilho. Mas ao descobrir que a arma está descarregada, golpeia a garganta com uma navalha e fica a olhar para aquilo com um sorriso indiferente. Quando o criado, correndo, entra no quarto a gritar, ele disse calmamente: — Estás vendo o que eu fiz, François. Cortei a garganta. É um caso de completa loucura."

O naturalista havia apenas feito uma experiência final com o animal humano. E agora estava apto a abandonar suas lições. Os médicos enfalxaram a ferida e fizeram parar o fluxo de sangue. Quando a manhã surgiu como um galgo sobre o firmamento, levaram-no para o seu mandilote na esperança de que a vista de seu iate, o Bel Ami, o fizesse voltar a si. Durante algum tempo ele fitou o barco. Seus lábios moveram-se como os de uma criança que ainda não aprendeu a falar. Não disse nada. Depois voltou-se. Estava completamente indiferente a tudo quanto o cercava. "Boiava mansamente entre a relva e os salgueiros naquela terrível corrente sem maré."

Uma despedida

(Cont. da pág. 56)

seu interesse por mim. E nossa intimidade teve um fim natural, pacífico, amigável.

Ele — Você queria acabá-la porque... Ela — Porque eu já havia resolvido dar a fotografia do inglês bonito a outra pessoa. Adeus, querido. Não fique zangado, mas o coração de qualquer homem pode ser manejado assim — com uma fotografia e um bilhete. *Notre coeur*, como diz Maupassant. Adeus.

(Pensativamente ele fica olhando para ela, enquanto ela segue pela aléia da direita e desaparece numa volta).

Música

(Cont. da pág. 53)

minima — sorrisos, cumprimentos, acenos com as mãos.

Quando ficou bem claro, que, além do que o programa prometia, não haveria mais nem uma nota, houve um murmúrio. Alguém disse, bem alto:

— Pão duro!

Pois "pão duro" Gieseking não é. Ele prodigaliza a sua arte, abundantemente e os aplausos o animam, sempre, a continuar até que, extenuado, tenha que deixar o público... até o próximo concerto.

A. B. C.

A presença de Gieseking, entre nós, é mais uma iniciativa que ficamos devendo à A. B. C. Depois de nos ter trazido o ano passado, Backhaus, a A. B. C. oferece aos seus sócios um outro pianista, que figura entre os maiores do mundo.

Vendo essa sociedade crescer em nosso meio em condições tão auspiciosas, só nos resta desejar-lhe novos sucessos no futuro. Que continue a luta, pois a gratidão dos amantes da música compensa amplamente os esforços dispendidos.

Os mesmos votos desejamos transmitir, também, nesta oportunidade, ao confrade João Batista que continua fazendo de seu Brasil Musical uma revista de excelente apresentação gráfica, com matéria variada e valiosa.



Fede-se assim dizer da ÁGUA INGLESA GRANADO que há mais de 60 anos e usada com os melhores resultados nos casos de ANEMIA, CLOROSE e CONVALESCÊNCIAS.

TÔNICA E APERITIVA

ÁGUA INGLESA

RUGÓL
O CREME
EMBELEZADOR DA PELE

Cancioneiro Internacional

VENCE O SAMBA!

O samba continua abafando em terras estrangeiras. Carmen Miranda com seus balangandans e sua "bossa", conseguiu vencer a rigidez britânica, através da graça e da malícia com que interpreta a música popular brasileira. Sucesso dos mais expressivos, a vitória de Carmen Miranda na Inglaterra, serve para demonstrar a grandiosidade, que a música do norro, quando bem escrita, não teme concorrência. Ela triunfa no seio das chamadas camadas populares e se impõe nos salões aristocráticos. Esta nossa afirmativa encontra apoio no sucesso da "garota notável" que, se venceu na América do Norte e conquistou os ingleses, foi pela maneira personallíssima com que canta o samba.

Outro carlar que se está impondo lá fora, com a nossa música popular, é Dick Farney. O vitorioso artista, depois de se impôr com as melodias americanas, voltou-se para as composições brasileiras, apresentando-as através do microfone do N. B. C., no programa "Coca-cola". Seu sucesso, nesse sentido, é bastante apreciável, embora o gênero a que se dedicou seja muito diferente.

Mas, enquanto tal acontece lá fora, aqui continuamos a importação de tangos, foxes e congêneres. Chama-se a isso, política de boa vizinhança. Será mesmo?

A. MIGUEIS

★

SOMETHING IN THE WIND

Letra de Leo Robin. — Música de Johnny Green.

Do you hear what I hear?
[There's something in the wind
Something that the moon-beams
[think we ought a know!
Do you feel as I feel? There's
[something in the wind,
Something in that the stars plan-
[ned centuries ago:
A funny little bird just sent
[word from the tree tops,
That you will be tops in my he-
[art! When do we start?
And it tells me we're gonna fall
[in love! Do love!

★

M A M A

Mamma son tanto felice
Perche ritorco da te
La mia canzone ti dice
Che il piu giorno per me
Mamma son tanto felice
Viver lontano perche.

Mamma — solo per te la mia
[canzone vola
Mamma — sarai con me tu non
[sarai piu sola

Quanto ti voglio bene
Queste parole d'amore
Che mi sospira il mio cuore
Forse non sodo no piu
Mamma — Ma la canzone mia piu
[bella sei tu

Sei tu la vita
E per la vita non ti lascio mai
[piu.

Sento la mano tu stanca
Cenca i miei riccioli dor
Sento a la voce ti manca
La nima nanna dall'or
Ogi la testa tua bianca
Io voglio stringere al cuor.
Mamma — solo per te la mia
[canzone vola

Mamma — sarai con me tu non
[sarai piu sola

Quanto ti voglio bene
Queste parole d'amore
Che mi sospira il mio cuore
Forse non sodo no piu
Mamma — Ma la canzone mia
[piu bella sei tu

Sei tu la vita
E per la vita non ti lascio mai
[piu.

MÚSICA

WALTER GIESEKING

UM PRESENTE PARA O PÚBLICO — BRAILLOWSKY TAMBÉM SABE... — "PÃO DURO" — MAIS UM SUCESSO DA A. B. C.

De Roberto Lyra Filho

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

Resultado de uma aposta de Mozart com um pianista, seu amigo, foi a obra que este declarou só poderia ser tocada por quem tivesse onze dedos nas mãos, uma vez que, ocupados os dez, restava, na pauta, uma nota rebelde a ser tocada simultaneamente. Dando-se o artista por vencido, Mozart mostrou como se resolvia, facilmente, o problema, batendo na tecla com o nariz...

A sonata de Mozart, com que Walter Giesecking se apresentou ao público carioca, certamente não apresenta tão absurdas dificuldades. Mas não é uma peça fácil. Muito pelo contrário. Recebemos, desde logo, do grande artista, que é Giesecking, a amostra de sua sensibilidade que vai buscar o que há de pessoal no estilo de cada compositor para dar-lhe a interpretação mais adequada.

No decurso do concerto de estreia, como nos demais, teríamos oportunidade de confirmar essa primeira impressão, vendo-o transmitir a precisa elegância da obra de Mozart, a profunda comoção, ora impetuosa e arrebatada, ora grave e pensativa, de Beethoven, destacar o sabor bem nacional, o ritmo difícil, das Danças de Villa Lobos, passar pela incisiva e expressiva Sonatina de Casella e criar o suave e ondulante ambiente da fantasia colorida de Debussy.

Admirável, na verdade, essa transformação que sofre o artista completo, na execução das peças mais diversas, na transmissão da mensagem musical concebida pelos mais diferentes temperamentos. A graça de um Mozart, de tão perfeito acabamento e precisão de contornos, não se confunde com a fantasia e a graça de um Debussy que dissolve tudo numa "poesia multicolor de sons", para usar a sugestiva expressão de um crítico francês.

GIESECKING E BRAILLOWSKY

Seria, até, uma crueldade, esboçar aqui um paralelo entre Giesecking e Brailowsky. Essa comparação, de resto, teria de ficar no único traço comum: são, ambos, pianistas... Entretanto, o público notou e comentou um outro traço que aproxima da figura de Giesecking de Brailowsky. Trata-se de sua generosidade em matéria de "extras".

Encerrado o concerto, os sócios da A. B. C. deixam-se ficar, tranquilamente, em suas localidades, esperando o... outro concerto. Alguns, mais entusiasmados, correm para perto do piano e pedem as peças de sua preferência. Outros, limitam-se a esperar que Giesecking volte a sentar-se e então pedem, muito confiantes: "Bis! Bis!".

E Giesecking, com um sorriso, ofegante, prepara-se para mais um milagre e extrai do instrumento, dócil, rendido, mais uma maravilhosa execução.

No dia da estreia, contei quatro "extras" e, quando sai, ainda havia alguns, insistentes, que pediam mais...

Essa generosidade em matéria de "extras", aliás, é uma das formas mais seguras de ganhar a simpatia de uma platéia. Brailowsky sabe disso...

A propósito, aliás, poderia ser lembrado o que ocorreu com Uninsky, quando este pianista apresentou o concerto de Tchaikowsky. Fina a execução, foi ele grandemente ovacionado, quando veio, juntamente com o maestro Szenkar, agradecer os aplausos. Porém, apesar dos "bravos" e "muito bens", não foi possível extrair dele nem uma palavra rápida, só para satisfazer os mais exigentes. Mas... nada. Muito grato, muito grato, dizia ele, usando de expressiva linguagem

(Cont. na pág. 52)

EVANGELINE

(Cont. da pág. 21)

novo, infalivelmente, à porta do quarto, entra e deixa-se ficar a palestrar.

Fôra ele que me levava pela primeira vez ao quarto do John:

— John, trago-te aqui um amigo meu que veio de muito longe.

— Onde? perguntara o pequeno, com os olhos febris a luzirem, pregados em mim.

— Da Europa.

— Viu a guerra? indagara logo o garoto.

— Não; a guerra estava ainda muito afastada.

— Pois olhe, a Dolores viu, esteve na guerra e tem-me contado muitas histórias das batalhas, e das revoluções e das cidades cercadas. Quando eu estiver bom, vou ver a guerra. Já combinei com a Dolores.

Assim, de entrada, o John não me atribuiu muita importância. Eu não vira a guerra... Mas depois habituou-se às minhas visitas, aos mimos que lhe oferecia, às histórias que lhe contava dos mundos em que andara perdido e que ele logo encontrava com o dedo pequenino sobre o mapa colorido. Queria sempre que eu lhe contasse histórias novas, mais histórias, de viagens e de aventuras, numa ânsia de abarcar o mundo da sua caminha estreita de doente.

Roland — como eu já o tratava — conversava demoradamente com Dolores sobre todos os factos do dia ligados ao enfermo, numa exigência de pormenor que já de pouco serviria para quem tinha o destino cruelmente traçado. Mas eu notei que ele prolongava aqueles diálogos com interesse mais do que profissional e que consagrava a Dolores uma atenção capaz de suscitar os ciúmes do John. Ela era linda, com os olhos negros, de longos e voluptuosos cílios, a tez clara, o vulto alto apertado na bata branca. A sua dicção inglesa tinha um encanto especial, feito de tons cantantes e nostálgicos. E no seu olhar de chama ardente, mas profundo, havia um misto de saudade e de alegria, de tristeza e de vivacidade, perturbante e sensual.

Observei que ele se aproximava mais de Dolores quando os pais de John não estavam presentes; nessas alturas nivelava-se inteiramente com ela, como se ambos fossem os assistentes do pequeno. Ela não desmerecia dessa confiança; mais culta do que a maioria das outras enfermeiras — pela educação literária que os pais lhe haviam podido dar — com prática de enfermagem adquirida, primeiro na guerra, e depois, ali, na paz, de inteligência viva e mais rápida do que a média norte-americana. Dolores era em tudo, e até pela graça e interesse feminis, uma parceira à altura do jogo alto do Dr. Roland Wood.

E digo que o jogo de Roland era alto porque, de fato, palavra muito acima da média, também. Ele não era só o cirurgião hábil e seguro que aos trinta anos já conquistara uma cadeira de primeiro assistente no Jefferson. Era um rapaz extraordinário, de vasta curiosidade intelectual, pouco vulgar no seu meio de extrema especialização, apaixonado pelas literaturas dramáticas e pelos dramas da vida, de olhos abertos para tudo à sua volta, o destino dos seus doentes e os resultados dos últimos torneios desportivos, as mais recentes novidades teatrais do Broadway ou os últimos livros chegados de Inglaterra. Era um dos raros americanos que, sem conhecer a Europa, a julgava com espírito de compreensão. Foi meu amigo, porque eu era europeu, porque eu era homem de letras, e porque era idêntica a nossa atitude perante o mundo; debruçava-se sobre Dolores atraído não só pelo seu encanto carnal como pelo seu interesse humano. E à noite, no terraço de Norma Davenport, era de Dolores ainda que ele me falava, como anteriormente me falara, de arte e de política ou da última operação difícil que efetuara.

Fui eu que uma noite, nesse terraço, lhe contei a história de Dolores. Porque a soubera eu primeiro do que ele? Talvez porque eu dispunha, às horas do dia, de mais tempo do que ele para permanecer no quarto do John; mas, mais do que isso, porque ela me pudera nar-

rar na língua pátria, na língua que se prestava à evocação pungente das lutas, das atrocidades, da fuga. Nunca, em inglês, sua língua de empréstimo, me teria feito idêntica narração. Eu era, como ela, um peninsular; e comigo podia adquirir a língua querida em que aprendera a falar com a mãe e a amar o noivo.

No dia seguinte àquele em que soube, por mim, que ela tinha, algures em Espanha, perdido, nos azares da guerra, o noivo a quem se prometera, Roland levou-me um livro, primeiro presente que lhe oferecia desde aquele convívio se estabelecera à beira do leito dum condenado. Eu vi-o entregar-lhe o presente, com aquele ar desprendido, quase distraído, que punha em todos os seus atos, como se de tudo estivesse ausente, ele que tão plenamente se entregava à vida, à vida alta, à vida para além do quotidiano! Entregou-lho enquanto conversava com o John:

— E' para si; deve começar a ler os nossos poetas.

Ela, surpresa, com leve enleio, desembrulhou o volume. Era a "Evangeline", de Longfellow. Eu sorri; ela não entendeu o meu sorriso. Nunca lera o poema; razão tivera o Dr. Wood em lhe oferecer o pequeno volume de poesia eterna.

Na véspera, no terraço de Rittenhouse, eu contara a Roland a história de Dolores. Nessa tarde, na varanda de cura daquele pavilhão do Jefferson, contei a Dolores, para satisfazer a curiosidade que o meu sorriso aguçara, a história de Evangeline.

Havíamos subido no elevador até ao último andar do pavilhão; ela empurrava a maca do John, para que ele visse, pelas últimas vezes, o sol, o céu, a cidade, a vida! Ele gostava tanto das idas para o terraço, eram para si uma festa tão grande! Nessa tarde fomos os três, depois de Mrs. Montgomery nos ter deixado para regressar a casa. No vasto terraço, como de costume, havia já outros doentes, com as suas nurses, com os seus livros, com as suas esperanças ou as suas condenações. O sol tombava já para o poente, embora ainda tardasse a sua agonia. O John debruçava-se da maca para ver a cidade em volta; queria abraçar tudo com o olhar amarelado. Ali esquecia os seus brinquedos; tinha aquela grande, prodigiosa brincadeira que era a cidade e eram os arranha-céus. Apesar da sua infinita ânsia, não chegava, porém, a dominar o horizonte. Por todos os lados o cercavam, nos rodeavam, a maior ou menor distância, construções idênticamente altas, formando biombo à nossa volta, biombo de gigantescas dimensões. De banda do norte o biombo transformava-se em escadaria; os prédios mais próximos eram pigmeus, junto à massa de edifícios do Jefferson; logo os do segundo plano eram mais elevados; os do terceiro já excediam a altura do hospital; os do fundo eram as maiores construções de Filadélfia e erguiam-se com a imponência de colossos, símbolos dos modernos poderes. Pelas ruas, em baixo, deslizava o formigueiro da multidão; os automóveis passavam, em longas filas, mas sem qualquer buzinar impertinente. De vez em quando, nos telhados em terraço, surgiam, transportados por potentes elevadores, os automóveis que buscavam, naquelas alturas, parques de estacionamento.

O John olhava os automóveis que assomavam, em prodígio de milagre, no cimo dos terraços, e logo, em cuidadosas evoluções, tomavam os seus lugares; observava os que saíam da fileira e eram tragados pelos elevadores que, num instante, os atiravam para o asfalto da rua. E o brinquedo monstro era o seu entretenimento preferido; contava os automóveis que subiam, os que desciam, e aquietava a contemplar fixamente aquele "mecano" que os homens haviam inventado para ele se entreter.

A medida que a tarde ia descendo e que uma tênue turvação, feita das sombras do poente e do bafo da cidade, começava a esmaecer as linhas duras dos arranha-céus, luzes, aos milhares, iam surgindo nesses panos do cenário, até que tudo à nossa volta era novamente murilha geométrica, feita de retângulos luminosos de amplas janelas, em amplas faces de edifícios monstros.

COLCHÃO DE MÓLAS
"BRASIL"

GARANTIDO POR 10 ANOS COM CERTIFICADO
VENDAS A PRAZO EM 10 PRESTAÇÕES
Exposição e informações com o Representante exclusivo
A. BLUM SOBRINHO
RUA DO CARMO 6-10.º ANDAR
Salas 1.ª e 2.ª 42-2485

SENUN
Agua absolutamente Estéril pela Ação da Prata Incorporada
★ Moringues fabricadas pelo processo esterilizante
SENUN
ESTERILISANTE

CABELLOS BRANCOS

CASPA
Queda dos Cabellos

JUVENTUDE
ALEXANDRE

O "SWEEPSTAKE" DE 1947

que coube ao bilhete n. 25842, premiado com

CINCO MILHÕES DE CRUZEIROS

ganhos pelo cavalo nacional "HELÍACO", foi vendido pela "ESQUINA DA SORTE" que, possivelmente, venderá o bilhete do

"SWEEPSTAKE" DE 1948

Era a hora mais estranha do viver da cidade: aquela em que o seu poderio material se diluía em luminosidade poética.

★ Foi a tal hora que eu contei a Dolores a história de Evangeline; narrei-a também ao John, na linguagem simples dos contos para crianças. Ambos me escutaram atentos; ele, porque a sua paixão eram as histórias; ela, porque o destêrro da heroína de Longfellow era o seu destêrro, porque o noivo de Evangeline

era o seu noivo, e porque ambas haviam ido ter a um hospital de Filadélfia. Da mesma forma que ela, Evangeline, fôra arrancada à terra, como a planta frágil ao solo que se desbrava; ela, arrancada em fuga; Evangeline, numa odiosa transferência em massa de franceses do Canadá para as colônias do sul, em tempos ainda anteriores à independência dos Estados-Unidos. Uma e outra foram separadas dos noivos, ela pela guerra, Evangeline pela cruel deportação. Os anos

havia rodado para ambas; ela, todavia, não perdera ainda a mocidade; a figurinha de francesa deportada que o poeta immortalizou, só ao cabo da vida, irmã de caridade num hospital de Filadélfia, reencontrou o noivo, velho e agonizante, num leito pobre de enfermaria.

O John achou a história triste, mas observou a similitude:

— Também a Dolores veio de longe e encontrou um noivo, pois que já lhe prometi casar com ela quando saíssemos daqui.

Se essa curiosa similitude de destinos não escapou ao pequeno, mais avultou ainda à atenção daquela a quem o livro fôra dado em gesto não ocasional. Havia semanas que aquele enleio, de que eu era testemunha, se estabelecia ntre o cirurgião e a nurse. A dádiva do poema assumia, a meus olhos, o significado poético — grato ao gosto literário de Roland — numa silenciosa declaração.

Como Evangeline, Dolores, atirada para o exílio pela inclemência das guerras e pela força dos dominadores, reencontrava o noivo num hospital de Filadélfia. Sômente, o noivo que Evangeline reencontrou não era mais o Gabriel antigo, da

sua mocidade e da sua paixão, que ela tóda a longa vida procurara. Era um mendigo esqualido, vítima também do impiedoso degrêdo e agonizante num catre de enfermaria. Da mesma forma, o noivo de Dolores não era mais o *requête* moço e ousado que dela se apartara para ir lutar. Quem era? Onde estaria?

Em sua consciência, o seu noivo ainda era aquele de quem se despedira cinco anos antes e do qual, durante êsse período todo, inútilmente esperava uma palavra, um aceno. Era êsse o seu noivo, se a guerra o não tivesse esfaído com a sua fôrça devastadora. Mas o seu coração, ressequido pelo apartamento e pela longa espera, elegia aquele que lhe trazia a nova seiva no encanto duma corte discreta e dum convívio perturbante.

Possu-a de fato Roland tódas as condições para plenamente dominar o cáldido temperamento da exilada. Pelo garbo físico, pela expressão varonil, pela posição, pela inteligência, e pela magia do seu irrequietismo e da sua insatisfação, aquele médico, misto de sábio, de artista e de boêmio, era certamente a personalidade mais forte e mais vincada que Dolores encontrara ao longo do seu caminho.

Assim ela permaneceu silenciosa e meditativa depois de escutar a história que eu lhe contei. Para além dos seus olhos nostálgicos eu lia-lhe dentro do pensamento. Duas figuras o povoavam, a distante e a próxima, a que o tempo esmaecera e a que a presença sobrelevava.

Era noite cerrada quando abandonámos o terraço; cerrada não, porque as milhentas luzes da cidade a rasgavam de alto a baixo, de longo a largo, num jogo fantástico e alucinante. O Dr. Montgomery, que chegara momentos antes, aconselhara o regresso ao quarto. Em seguida a areceu Roland. E o grupo, acompanhando a maca do John, deslocou-se para o quarto branco, onde a conversa se estabeleceu entre os homens, sem que Dolores quebrasse o seu mutismo.

★ O John piorou e não o deixaram mais voltar para o terraço; não pôde tornar a ver os automóveis à subir para os parques dos telhados e os telhados a despejarem automóveis nas ruas. Não pôde tornar a ver os bombos dos grandes edifícios e a escadaria dos arranha-céus da banda norte do Jefferson. Não pôde voltar a debruçar-se da maca para seguir o formigueiro, lá em baixo, nas ruas estreitas, de muros quase até ao céu. Não pôde mais dominar a vida do alto da sua sacada de doente. Daí em diante foi a morte que o dominou. Os seus últimos dias foram uma longa e exaustiva luta com a morte; luta que teria sido mais piedosa não prolongar; mas o pai, que era médico, receitava; e a mãe, que era simplesmente mãe, implorava; e Roland, que não tinha a coragem de deixar morrer o conde-nado, ia para o quarto dele e lutava; e Dolores, que não tinha ainda a serenidade do país de opção, com os grandes olhos rútilos de lágrimas, fazia sofrer o John com as injeções; e vinha chorar para o corredor e quase não falava a Roland. E o John sofria tanto e eu não podia mais vê-lo sofrer. E ele queixava-se de que eu o esquecera e de que já quase não ia ao quarto dele.

E um dia vieram os irmãos pequeninos para que o John os visse ainda uma vez. E o mais pequenino de todos perguntou porque estava ali o John e não voltava para casa, para junto deles. E a mãe, a disfarçar as lágrimas, disse-lhe, já no corredor, que o John não voltava para casa, porque ia para muito longe, para o céu, donde os anjos o aguardariam com brinquedos melhores ainda do que os que ele poderia ter em casa. E os irmãos do John foram para a capela pedir para que ele fizesse boa viagem. E como tinham pena de se separar do John começaram a chorar. E as *nurses* carinhosas levaram-nos de mansinho e deram-lhes bombons.

★ Durante três dias a porta do quarto do John só se abriu para deixar passar os pais, Roland e Dolores. Esta trazia sempre os olhos rasos de água. Era o seu noivo, o seu noivo-infante que estava a agonizar.

— Quando sair do hospital hei-de casar com a Dolores, dissera-se ele mais do que uma vez, na altura em que ainda tinha a



"Descubra um noivo para mim..."



Oh! Laura... Não creio!... Honestamente, você também não acredita que a cartomante possa descobrir um noivo para você... Antes, você deve descobrir sua beleza que está oculta sob um excessivo maquiagem.



Sim... Você usa o maquiagem em demasia para disfarçar as imperfeições da pele. E, assim, sua beleza torna-se artificial. O certo é corrigir as imperfeições com Leite de Colonia. E... aguarde o romance.



Foi um conselho de verdadeira amiga... Laura usou diariamente Leite de Colonia e, em breve, recebia declarações como esta: "Querida! Ontem, nos conhecemos... Hoje, estou ansioso para revê-la... Roberto".



EMBELEZADOR BÁSICO

O depoimento de milhares e milhares de jovens e senhoras, em vários inquéritos, revelou que a mulher brasileira - famosa pela sua beleza - considera o Leite de Colonia o seu embelezador básico!

Não artificialize sua beleza! CORRIJA imperfeições da pele com LEITE DE COLONIA

É um perigo! O exagerado maquiagem para disfarçar as imperfeições do rosto artificializa sua beleza! Ainda mais: prejudica a vital respiração da pele. Corrija manchas, cravos sardas, espinhas e outras erupções com Leite de Colonia. Use-o, pela manhã, numa ligeira massagem protetora. Durante o dia, para fixar o pó de arroz. E, à noite, numa última limpeza da cutis. Assim, conquistará aquela irradiante beleza natural... que os homens adoram. Leite de Colonia limpa, alveja e amacia a pele.

Leite de Colonia

O EMBELEZADOR DA MULHER

Record



Faça! Mantenha porém, seus dentes livres das anti-estéticas Manchas do Nicotina!

O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas da nicotina acumulada nos interstícios dos dentes e causadas pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslumbrante e às gengivas uma coloração natural e sadia. Não ataca o esmalte. Não contém pedra póme ou substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor de cereais.

NICOTAN

CREME DENTAL ESPECIAL PARA FUMANTES

Não permita que a prisão de ventre prejudique o seu organismo

Conserve os seus intestinos sempre limpos. Todos sabem que um grande número de moléstias tem como responsável a prisão de ventre ou constipação intestinal. As indigestões, flatulência, hemorroidas, dispepsia, vertigens, neurastenia, lassidão, insônia, perda de apetite, dor de cabeça, pontadas nas costas, palpitações, mau hálito, espinhas no rosto, úlceras na boca, apendicite, congestão hepática, etc. são manifestações do mau funcionamento do estômago, fígado e principalmente dos intestinos. As Pilulas Aloicas auxiliam os movimentos peristálticos dos intestinos, regularizando-o. Desinfetam o tubo gastro-intestinal. Expulsam os gases e des congestionam o fígado. As evacuações produzidas pelas Pilulas Aloicas não são acompanhadas de dores, ardor ou mal estar. Sua ação é branda e completa. Não se aventure ao risco de agravar uma doença já por si tão grave, usando purgantes violentos e irritantes, que ao invés de regularizar os intestinos ressecam-nos cada vez mais. Recorra sempre às Pilulas Aloicas. Elas nunca falham, por antiga ou rebelde que seja a sua moléstia.

Cartas: Cx. Postal 2453 — São Paulo



A BELEZA É OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feia quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O creme de Alface "Brilhante" permite a pele respirar ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

É um produto dos Laboratórios Al-

grina nos olhos, voz para se exprimir e alma para o sonho. Agora já nem dava por ela, pela noiva da sua infância de doente. Jazia no leito, ofegante, olhos quase sem visão, corpo feito dor. Mas nem sequer tinha forças para se rebelar contra o sofrimento. Já não se queixava. Gemia baixinho.

Entrei no seu quarto noite alta, quando ele já aquietara. Dolores colocara um crucifixo, a cruz que trouxera de Espanha e que fora a do seu desterro, sobre o peito que a dor abandonara. A mãe do John rezava. Dolores, de joelhos, soluçava junto ao leito que por tão longas semanas velara. Apanhei, de junto de si, um livro que ela deixara tombado. Era o que Roland lhe oferecera; um retrato do John, que Mrs. Montgomery dera à nurse tão dedicada, marcava, talvez por acaso, a página do verso célebre:

"All was ended now, the hope, and the fear, and the sorrow".

Ao alvorecer, já o corpo do John fora levado do hospital. O drama pequenino não ultrapassou os muros do quarto, quando muito os do andar doze do Pavilhão. De resto, o hospital tão grande, tão poderoso, colmeia gigantesca, nem deu pelo encerramento duma simples cela, nem ouviu o estertor de mais um agonizante. De manhã a porta do quarto estava fechada à chave; Dolores fora para casa repousar; os Montgomery haviam ido acompanhar o filho. Roland passou quase a correr, ainda a vestir a bata branca, porque já ia atrasado para uma aula no anfiteatro. A enfermeira-chefe deu-me os bons dias com um sorriso:

— Linda manhã, não é verdade? até apetece andar lá por fora.

Talvez o John já fruisse, fora daqueles muros, a beleza suave da manhã.

Continuei a encontrar Dolores, com certa frequência, nos corredores e nas salas do hospital. Com Roland mantive o convívio habitual em casa de Norma, onde quase todas as noites ele aparecia. E pude verificar que não esquecera a nurse, tal como Dolores não o esquecera. A morte do John havia-os separado; não se encontravam mais à cabeceira de doentes, pois que ela servia agora enfermos de outros médicos e ele tinha outras nurses a auxiliá-lo, dentre as quatrocentas que empregava o Jefferson. Mas fora naquela que o seu pensamento se fixara; fora ela, pela humanidade com que se devotara ao pequeno, pela ardente feminilidade do seu ser, pelo seu incontestável e aliciente encanto, a mulher que o marcara.

Ela, por seu lado, vivia a esconder de si própria a realidade dos seus novos sentimentos; não podia dedicar-se aos novos doentes com a emotiva devoção com que se consagrara ao John; nenhum deles se assemelhava ao garoto adorável que fora o seu primeiro doente depois de diplomada; mas nenhum deles tinha, também, a Roland como assistente. Ela não tinha que se sobressaltar mais quando ele entrava no quarto; não tinha que escutar mais as ordens simples que ele dava; não ouvia mais conversar com os colegas e brincar com o John; não tornara a receber presente algum e guardava ainda consigo, sempre, o minúsculo volume da "Evangeline", cujos versos eram o seu evangelho porque traçavam talvez o seu destino.

Quando eu pude, telegraficamente, mostrar alguns meus da Embaixada em Madrid, obter sobre o noivo de Dolores a informação que ela, pela sua posição de foragida, nunca conseguira alcançar — já a natureza desse informe não a molestou como teria acontecido antes de encontrar Roland.

O noivo não morreria na guerra nem se perdera por ela. Lutara três anos, tão longos e tão intensos que a esquecera. Ganhara medalhas e postos; casara nas Baleares, em cuja guarnição fora colocado no termo da guerra civil. Tanta coisa esta devastara, destruíra, tanta vida sacrificara, que o abandono daquele incipiente noivado a que ela, durante cinco anos, em silêncio, se quisera manter fiel, nada valia na escala por que se medem os acontecimentos. Também para Dolores não re-

presentou má nova, antes uma libertação. Aquêle elo era talvez a última coisa que a prendia à terra de Espanha. Se o noivo não quisesse, para a reconquistar, vencer a barreira que separara as duas Espanhas, era porque ela já não tinha, definitivamente, lugar na Espanha surta do sangue e da guerra. No dia seguinte a eu lhe comunicar o resultado do meu inquérito, Dolores requereu a sua naturalização norte-americana.

A noite, em casa de Norma, contei a Roland tudo o que soubera; no dia seguinte, singelamente, ele procurou Dolores no hospital e pediu-lhe para ser sua mulher. Ela aceitou-o, sem uma palavra, mas com tal felicidade — disse-me em seguida — que nem pôde articular um som. Subiu ao andar doze, a agradecer-me, e foi ao quarto onde o John morreria levar flores ao doente que o ocupava.

Projetavam casar em Dezembro, mas a classe militar a que Roland pertencia foi, antes disso, mobilizada. A ordem de se apresentar seguiu-se a colocação, como médico militar, nas Filipinas. O meu amigo teve de abandonar a noiva, o Jefferson e uma das cadeiras de professor de cirurgia que por direito de conquista lhe deveria em breve caber.

Pediu-nos, a Dolores e a mim, que o acompanhássemos, no seu carro, a Atlantic City, aonde ia despedir-se da mãe. Recordo ainda essa marcha pela planície de New Jersey, ao encontro do oceano que havia meses não via. Pela longa pista asfaltada seguia o carro, e nós, em silêncio, dentro dele. Não se encontrava vivacidade na estrada. Em compensação, perto das fábricas ou das povoações, os automóveis, às centenas, ordenados nos parques de arrumação, pareciam ser os habitantes únicos dum mundo mecanizado e estranho, em que nós e os nossos sentimentos éramos fantasmas errantes e transviados.

Roland aproveitou a ida à cidade do litoral para se despedir também de alguns colegas; enquanto ele foi dar essas voltas fiquei a passear com Dolores ao longo do "Boardwalk", a extensa avenida de madeira que vai, à beira mar, e sobre o areal ou as águas, dum extremo ao outro da cidade. Pisámos, por quase duas horas, aquele caminho infindável. Não vamos as lojas luxuosas nem os "Palaces" à nossa ilharga; vamos só, do lado oposto, o mar imenso e glauco que ela havia atravessado e eu sobrevoado até nos juntarmos ali.

Talvez ela pensasse que Roland ia cruzar um oceano ainda mais vasto e que ela permaneceria, à mesma, só, entre os dois oceanos; que naquele mundo povoado de máquinas encontrara dois seres: uma criança amorosa mas agonizante, um artista que manejava o bisturi com a mesma emotividade com que manejaria a lira; que um e outro o destino lhe arrancava; que eu próprio, quase da sua pátria, quase do seu sangue, ia partir também. Talvez pensasse nisso tudo, e na pátria que perdera e no noivo que a abandonara — e que estavam do lado de lá daquele mar infinito.

Desde que o John morrera não tornara a ver assim, tão tristes e nostálgicos, os seus olhos, que, pela natural viveza, pareciam feitos só para a alegria. Tão tristes, tão grandes e tão fundos que, quando ela olhava o mar — o mar cabia todo dentro deles!

Roland partiu na semana seguinte; tomou o "Clipper" em S. Francisco e alcançou as Filipinas antes da entrada dos Estados-Unidos na guerra. Soube mais tarde que foi aprisionado pelos japoneses na península de Batan, com os quarenta mil que resgataram em heroísmo a nódoa de Pearl Harbour.

Quando fui ao Jefferson despedir-me de alguns amigos desci a uma enfermaria térrea aonde Dolores fora colocada; acerquei-me dela preso de súbita comoção. Não pude deixar de recordar as cenas finais da "Evangeline"; eram as duma enfermaria idêntica aquela, com os doentes pobres nas enxérgas, as irmãs caridosas e o mesmo ambiente de dor que mãos balsâmicas adormecem.

Foi ali, junto à enxérga dum pobre, que me despedi dela. Ainda Roland não havia sido aprisionado pelo inimigo. Mas ela é que era já prisioneira do seu destino.

AS MULHERES LINDAS AFIRMAM:



RUGOL

facilita o tratamento da pele porque equivale a

2 CREMES NUM SÓ!

O Creme Rugol simplifica extraordinariamente o seu tratamento de beleza, por ser ao mesmo tempo um creme embelezador e de limpeza! Suaviza, clareia e nutre a pele. E serve também como excelente creme-base. Rugol é muito indicado nos casos de pele imperfeita, com espinhas, cravos, rugas ou manchas. Comece a usar hoje mesmo o Creme Rugol, que dá à cutis maravilhosa brancura, diáfano esplendor de primavera.



Quase todas as imperfeições da cutis nascem nas chamadas camadas subcutâneas, onde é necessário estimular e nutrir a pele.



Applique Rugol todas as noites, com massagens de 3 a 5 minutos.

CREME
Rugol

Mantém em segredo sua idade, porque LIMPA, CLAREIA E EMBELEZA A PELE

Publicidade para a
REVISTA DA SEMANA

em São Paulo:

Tratar com

JARBAS DE FREITAS
GALVÃO

Rua Brigadeiro Tobias, 613

2.º And. Sala 217

Fone: 8-6718

Pasta Dentifrícia S.S. WHITE

O DENTIFRÍCIO INDICADO
PARA HIGIENE E
CONSERVAÇÃO DOS DENTES

Monteiro Lobato...

(Cont. da pág. 10)

muitos aspectos da mesma plana. O romancista de "Au soleil de Satan" era ao mesmo tempo o aspero fustigador das mazelas de sua grande pátria, a grande mão que tracava na sombra dos desmanchos da França de 39 o novo signo do Mane, tecel, fares. Homem de alma calcinada e hostil, como as paisagens da Tunisia que tanto amava, o grande escritor sabia ao mesmo tempo querer-lhe com um sentido que ia até o pranto, mas também lhe fustigava sem pena os erros da hora, a ponto de fugir do seu mundo de refinamentos, para se recolher, como um proscrito de trágicos instintos de revindita, nas montanhas da nossa Minas Gerais.

O destino, que o marcara com o estigma físico, emparelhando-o ao "diabo coxo" que foi o ardente Byron adolescente, trouxe-o a estas bandas para lhe dar, talvez, com a amplidão da distância, um ressoar maior à voz oracular da "Letre aux anglais". Morrendo agora, na mesma madrugada em que se findou em S. Paulo a inquieta existência temporal de Monteiro Lobato, esse acontecimento não pode ser considerado simples coincidência cronológica: é mais que uma afirmação de símbolo, é a vibração final unissona de duas grandes consciências continentais em marcha, nesta hora de transitoriedade e de dúvida para o mundo.

O Tesouro dos Inconfidentes

(Cont. da pág. 27)

um precipício, no meio da neblina densa, que cobria o pico do Itacolomi, e passava, vagarosa, na mata do fundo dos despenhadeiros. Outras vezes, o vulto de Hilário aparecia-lhe, impreciso e alquebrado, num infundável e reluzente caminho de mica. De repente, tudo aquilo entrava em lenta ebulição, e se transformava num pastoso rio de ouro.

O filho crescia, maltratado e sujo, brincando com moleques na descida da rua, tremendo de frio nas noites de garoa. Marta chamava a atenção do marido para isto. Hilário, porém, não se importava, só tinha olhos para o tesouro.

Uma noite, ele entrou no quarto sem fazer barulho, sentou-se à mesa e tirou o chapéu.

— Vou preparar alguma coisa pra você comer — disse Marta.

— Já jantei — respondeu.

Ela notou desânimo na sua voz, e perscrutou-lhe o rosto abatido, iluminado pela luz fraca. Teve um pressentimento, puxou o filho para o regaço e perguntou:

— O que foi que aconteceu?

Hilário ficou calado, de cabeça baixa. Depois de alguns minutos, falou:

— Chegamos hoje no lugar que o mapa diz, e nada. Dr. Protásio acha melhor a gente desistir do negócio, já está pensando que aquilo é papel falso, coisa que não existe...

Marta levantou-se e esbravejou, com uma alegria feroz:

— Não falei sempre que era asneira, que a gente estava perdendo tempo nessa bobagem? Tesouro! Tesouro não cai na mão de gente pobre assim, assim, não. Agora é voltar pra trás, ir pra roça de novo, cuidar deste menino que anda abandonado feito um animal. Graças a Deus, acabou tudo!

Hilário ficou em silêncio, acariciou levemente a aba do chapéu, e ela viu, outra vez, iluminarem-se-lhe os olhos.

— Cala a boca, mulher! Então você acredita que eu estava perdendo o tempo? Deixa de tolice, eu sei o que faço! E' que a uns dois metros à direita, debaixo daquela pedra redonda, é que deve estar o troço. Lá não estão, direitinho, o subterrâneo, as duas pedras enviezadas que o mapa fala?

— Qual o que! Não me fala mais nisto, todo mundo está sabendo que é besteira, que não há tesouro, nenhuns nada! Océ tá ficando mais é doido com isto.

Ele colocou o chapéu na cabeça.

— Vá para os diabos! Inácio está lá me esperando, para amanhã a gente continuar o serviço. Um dia, daqui a tempo, você vai acreditar no que eu estou falando.

Marta viu-o sair, curvado, com as longas barbas pretas caladas no peito.

— Ele vai continuar com essa besteira para o resto da vida! — suspirou, pronta para esperar inutilmente.

Uma despedida

(Cont. da pág. 19)

perdi todo impulso para me tornar atraente para você. Por menos que eu fizesse, dizia eu para mim mesmo, lisonjeado, seu marido seria ainda sempre inferior a mim. E gradualmente comecei a despreocupar-me de minha aparência. Meu ciúme desapareceu. O amor mesmo começou a esfriar. E finalmente morreu. No entanto, se você não tivesse deixado cair aquele bilhete, estou certo de que ainda estaria loucamente apaixonado por você.

Ela — (docemente) — E você pensa que uma mulher como eu deixaria cair um bilhete no seu apartamento se não quisesse realmente deixá-lo cair?

Ele — Que é que você quer dizer?

Ela — Uma mulher que engana o marido não pode ser desculpada a respeito de bilhetes. Claro, pois se eu fosse descuidada assim meu marido já teria me apanhado há muito tempo.

Ele — Você quer dizer que deixou intencionalmente cair aquele bilhete?

Ela — Naturalmente.

Ele — (furioso) — Porque?

Ela — Você respondeu também a esta pergunta. Eu queria que você visse meu marido e gradualmente fosse esfriando — até ficar completamente frio — porque... porque detesto cenas. Quando fiquei cansada de você... deixei cair o bilhete. Em consequência, você perdeu

(Cont. na pág. 52)

PRIMEIRA MENTIRA

(Cont. da pág. 22)

começam a jorrar de seus olhos. Seus lábios tremem e é a custo que ela balbucia:

— Mamãe, me perdoe... Eu fui ao clube, sim. Só dar uma espiada. Não queria mentir, mas as minhas colegas disseram: "Não conte à sua mãe que ela não deixa. Denise. Faça como nós, sua boba, que vamos escondidas". Foram elas que me suggestionaram, juro a você, mamãe.

A pobre Denise é toda um mar de lágrimas. Parece que até sua pequenina boca vermelha chora e as gotas de pranto caem sobre a blusa branca de seu vestido.

A mãe abraça-a, penalizada.

— Não chore mais, minha filha. Acabou-se. Todos nós erramos. Sei que você não fará mais isso, nunca mais. Creio, quero crer sempre em você, meu amor.

Mas é ela quem chora agora. Chora com a cabeça castanha da filha escondida em seu peito, um choro longo, manso, sem soluços, que lhe vem mais do coração do que dos olhos.

Chora, não a desobediência da filha, mas a profunda verdade que aquela primeira mentira lhe revela: sua filha não é mais uma criancinha, está-se tornando uma mulher. Sua pequenina, sua querida pequenina, que ela quisera resguardar sempre de todas as dores, já aprende do mundo sua primeira lição. E ela sabe, com absoluta certeza, que nem sempre, dali por diante, poderá consolá-la com a facilidade de então.

O primeiro teatro...

(Cont. da pág. 25)

conforme o ângulo de vista sob o qual o disco a apresenta ao espectador. Assim, não haverá pausas entre os quadros. A mutação se fará sem ser fechada a cortina. Outro efeito proporcionado unicamente pelo "palco giratório" e do qual a encenação do "Fausto" também se aproveitará, é que os atores podem andar de uma decoração à outra, de um quadro ao outro, com toda naturalidade, em cena aberta,

enquanto o disco gira em sentido contrário, tendo a platéia a possibilidade de acompanhar os intérpretes na sua passagem por diferentes cenários. Por todas estas e outras possibilidades, o "palco giratório" representa no Brasil uma técnica teatral verdadeiramente revolucionária.

POR QUE PRECISAM AS MULHERES DE DOIS REGULADORES?

A ciência, a razão e o bom senso respondem: porque males diferentes só podem ser tratados com remédios diferentes. E os males próprios do sexo feminino são de duas naturezas diferentes; os que produzem regras abundantes e os que produzem falta ou diminuição de regras. E, portanto, eles exigem remédios diferentes. Este é o critério científico a que obedece o Regulador Xavier, fabricado em duas fórmulas diferentes:

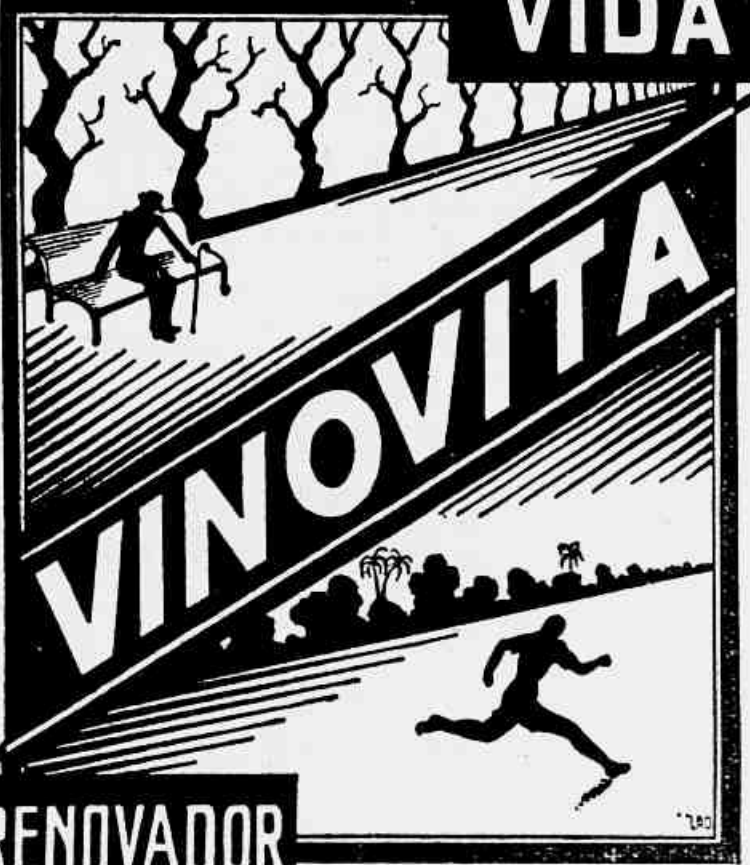
O Regulador Xavier N.º 1: para as regras abundantes, prolongadas, repetidas, hemorragias e suas consequências: dores, vertigens, insônia nervosismo, fastio, etc.

O Regulador Xavier N.º 2, para a falta de regras, regras diminuídas, atrasadas, suspensas e suas consequências: anemia, cólicas uterinas, flores brancas, insuficiência ovariana, etc.

Para o bem de sua saúde e de sua vida é necessário que as mulheres deixem o perigosíssimo costume de lançar mão do primeiro remédio que se lhes apresenta. Os seus males precisam ser tratados com toda a atenção e cuidado, pois que qualquer descuido poderá lhes trazer consequências desastrosas. Verifiquem as mulheres a natureza de seus males observando as suas regras. Saberão assim qual dos dois Reguladores Xavier lhes convém. Recorram então a ele. O Regulador Xavier lhes assegura um tratamento racional e eficiente porque é fabricado de acordo com a natureza de suas enfermidades. O Regulador Xavier é a garantia da saúde e do bem-estar das mulheres.

Contra o esgotamento
físico e mental!

VINHO
DA
VIDA



RENOVADOR
DAS
FORÇAS

Tônico poderoso

NINGUEM ESCAPA

Um folhetim-sintético-ilustrado de REVISTA DA SEMANA — Direitos adquiridos ao King Feature Syndicate.

História de FAITH BALDWIN
— Desenhos de J. SCHABELITZ



— Dê o fora, Tony, — pediu Linda.



Correu para o quarto e chorou.



Tom Yorke, brincalhão, levou-a nos braços para o carro...

Ficar sentada ali conversando com Peg, pela primeira vez desde aquele dia, era uma estranha experiência para Linda. Ficou boquiaberta quando Peg lhe perguntou por que não a "prevenira"... — Mas preveni-la de que? — perguntou, vagarosamente. — De que Rix não é leal para com ninguém, nem mesmo para com a esposa, — respondeu Peg. Neste ponto Tony se aproximou e pôs-se a falar com a intenção clara de firmar pé no terreno. — Dê o fora, sim, Tony? — pediu Linda, sorrindo. Assim que ele saiu Peg disse: — Linda, eu preciso muito falar com você... sobre Rix. Você é a única pessoa com quem posso me abrir. — Linda, se bem que intrigada,

sentiu vencer a sua curiosidade. E concordou: — Está bem, Peg. Quer aparecer lá na pensão? — Peg disse que sim, que apareceria lá. Pouco depois ela e Rix iam-se embora e Linda subia correndo para o quarto, para chorar...

Linda já estava preparadinha quando Tony bateu na porta. — Andou choramingando, estou vendo, — acusou ele assim que a viu. Ela sorriu, meio acanhada. — Tolle minha, não é? — Tony ficou sério. — Sabe de uma coisa? De qualquer maneira eles não merecem as suas lágrimas. Nenhum dos dois! — E desceram ambos para a sala de jogo.

Pouco depois do jantar a turma toda saiu, após alguma discussão quanto à distribuição do pessoal pelos três carros. Afinal ficou resolvido que Tony levaria Nelda, Tom Yorke levaria Linda e o resto do bloco iria no carro de Nelda. Yorke, brincalhão, agarrou Linda nos braços e a depositou no automóvel. E a caminho Linda ficou pensando em que Tony era um excelente rapaz e que talvez Nelda gostasse mesmo dele. Ele bem o merecia... E com certeza nada havia de maior entre Nelda e Rix, como parecera. Tony vale dez de Rix, pensou Linda; e além disso, Rix já é casado...



— Sou um homem comprometido!



Tony beijou-a no alto da cabeça.



A espera de Peg, Linda ficou ouvindo a conversa das moças...

Foi só um mês depois que Peg procurou Linda para a célebre "conversa" sobre Rix. Linda pediu que ela fosse de noite à sua pensão. Pouco depois, entrava Tony pela sala a dentro, descalçado, gesticulando muito. — Felicite-me, — disse ele. — Sou um homem comprometido. — E diante do olhar duvidoso de Linda ele se sentou na borda da mesa e explicou: — Sou sim, Linda. — Vamos anunciar na próxima semana. Uma festança. Você está convidada, desde já. — Linda então o cumprimentou. — E' Nelda, claro. — Tony abriu a boca. — Quem mais poderia ser, filha? Sou o sujeito mais sortudo deste mundo. — Tony levantou-se, chegou mais

para perto e a beijou no alto da cabeça, acrescentando: — Só desejo que as coisas corresse bem para você como correm para mim. — Aqui o olhar dele ficou quase ansioso. — Tom Yorke anda falando muito em você. Não está interessada? — Linda soltou uma exclamação. — Não tenha medo, Linda. Assim que você resolver ele se aquietará e despe aquela máscara de gavião. E' um brilhante rapaz... e olhe que tenho boas razões para ter essa certeza! — Linda sorriu. — E', de fato ele é um ótimo rapaz. Mas quando será o casório, Tony? — Ele fungou, fez uma careta. — Nelda não está com pressa. Nada antes do Natal. Ainda um milhão de anos até lá...

Tony saiu e Linda, suspirando, recomeçou a trabalhar. Ia sentir falta dele. Vê-lo ia sempre, é claro, mas agora que estava noivo a coisa seria diferente. Naquela noite Linda ficou na sala da pensão esperando por Peg. Parou ao lado de um grupo de moças que discutiam sempre as mesmas coisas: as amarguras da vida... e seus prazeres. Uma era atriz, outra modelo; uma estava desempregada desde ontem e outra devia começar a trabalhar no dia seguinte. Linda já conhecia tudo aquilo de sobra. Encaminhou-se para a porta. Talvez Peg não viesse, ficou pensando...



— Não sei como começar, — disse Peg.



— Acabo louca se não falar!



E Peg pôs-se a soluçar...



— Telefone para você, Linda!

Peg, embora a grande interessada no caso, chegou atrasada. Subiram as duas logo para o quarto de Linda. Peg atirou o chapéu em cima da cama e sentou-se ao lado da janela. Acendeu um cigarro. — Não sei como principiar, — falou, corando fortemente. Linda estava sentada na cama. — Talvez nem valha a pena dizer nada. Se quer, Peg, deixemos isso por aqui mesmo. — Não, Linda. Não há outra pessoa a quem eu possa falar. Nenhuma. Você precisa me ouvir. E' a melhor amiga... — Linda ficou calada, esperando. — É, é melhor começar de uma vez. Acabo maluca se não desabafar. Eu e Rix só fomos felizes por pouco tempo, sabe? Há outras mulheres agora. Nelda Heron, por exemplo. Ela é doente por Rix. — Linda sentiu-se

mal. — Nelda está noiva de Tony Demison, — alegou. Peg riu, um riso áspero, esquisito. — Oh, Nelda vai casar com Tony, sei muito bem. Tony é muito distinto e com o dinheiro dela eles farão figura. Mas se ela se agrada de outro homem, aproveita do mesmo jeito...

— Não acredito, — disse Linda. — Peg, por que veio aqui?

— Talvez você queira dizer a Tony... — começou Peg. Mas logo sacudiu a cabeça. — Não! Não adianta. Ele não vai acreditar. Vai pensar que você está com ciúme... — Peg deixou cair nas mãos a cabeça e começou a soluçar em desespero. E soluçando continuou: — Não tenho outro remédio, Linda. Amo-o imensamente,

apesar de ser um fraco, um traidor, um completo egoísta... — Pouco depois Linda conseguiu algo para dizer: — Creio que devo lhe agradecer, Peg. — A outra levantou a cabeça e a fitou, sem entender. — Aqui dentro, — prosseguiu Linda, batendo no peito, — eu sinto que perdi Rix por minha própria culpa... qualquer coisa que eu não tinha. Fiquei por isso desconfiada de mim mesmo. Mas já que você também o está perdendo, conciuo que a culpa não é nossa mas somente dele. Felizmente estou livre... — Peg ergueu-se para sair. — Não sei por que vim aqui. Achei que você diria alguma coisa que me fizesse bem... — Nesse instante alguém bateu na porta e logo meteu a cabeça para dentro: — Telefone para você, Linda...

NINGUEM ESCAPA

Tradução de **JORGE A. FORTES**,
especialmente para
REVISTA DA SEMANA

Este folhetim continuará
no próximo número, nestas
mesmas páginas



Tom Yorke assoviou...



— Será que não se apaixona por mim?



Estava escrito que Linda dançaria com Rix Anderson...

Peg saiu e Linda correu para o telefone. Era Nelda, convidando-a para a festa do seu noivado. — Desejo que você e Tony sejam muito felizes, — disse Linda. — Pendurando o receptor Linda pensava que, caso ele não fosse, ela com certeza ficaria sabendo por que... Na noite da festa Tom Yorke foi buscá-la. Quando a viu, assoviou... No carro ele perguntou: — Será que por acaso você não se apaixona por mim, hem? — Ela deu uma resposta zombeteira e ele acrescentou: — E' engraçado. Eu estava crente que era justamente o seu tipo. — Logo que chegaram Linda entrou no hotel e Tom ficou procurando um lugar para deixar o carro.

Quando entrou encontrou Linda conversando com Peg e Rix, no saguão. Subiram todos juntos.

Nelda os recebeu entre sorrisos, ao lado de um Tony escovado, brunido, todo feliz. O jantar foi bom e os convivas eram muitíssimos. Depois Linda dançou com Tony, ainda preocupado com ela, e asseverou-lhe que já estava o suficiente refolta da perda de Rix. — Percebi, — finalizou ela, — que esse negócio de carregar tochas não me serve. Muito calor e pouca luz. — E, naturalmente, estava escrito que dançaria com Rix naquela noite. Uma semana antes ela pensava que os braços dele em torno de seu corpo a deixariam aterrada. Agora não mais se importava. Isso ela dis-

se a si própria quando se ergueu ao convívio. Seu coração, não obstante, bateu mais célere um pouco. Depois sossegou. Linda ficou espantada ao reparar que nada sentia absolutamente... Nada, e era verdade. Rix perguntou: — Será que posso dizer que isso até parece outros tempos? — Linda achava que não parecia. — Linda, será que já me perdoou de tudo? — perguntou ele, afinal. — No sentido a que se refere nada houve a perdoar, Rix. Você não pôde deixar de gostar de outra. E está tudo acabado, afinal. Encontrá-lo de novo foi a melhor coisa que já me aconteceu...



Linda achava esquisito estar ali à mesa de Peg...



— Não se intrometa, — preveniu Rix.



— Passe bem, — disse ela, saltando.

Quando os pais de Rix estiveram de visita a Nova York Linda cumpriu a promessa de jantar com eles no apartamento de Rix. Parecia fantástico ela ali na casa de Peg. Mais estranho ainda estar sentada à mesa de Peg, entre os rostos familiares dos pais de Rix. Rix estava alegre e Peg muito loquaz. Tia Alice tentava fazer o ambiente mais natural e o velho Anderson, que ainda não perdoara o filho, não tentava coisa alguma. Antes procurava dificultar as coisas. Linda escapou cedo e Rix insistiu em levá-la em casa. Linda não gostou daquilo. Mas se se opusesse com muita

assistência daria impressão de medo. Por isso teve de aceitar o inconveniente oferecimento. No táxi Rix falou: — Foi bom você ter vindo. Facilitou muito as coisas. Quando encontrar os velhos quer fazer uma forcinha para convencê-los de que o caso é apenas de perdoar e esquecer? — A resposta foi fria: — Com todo o prazer. De mais a mais que é a pura verdade. — Ele concordou, alegando que ela em nada mais poderia utilizá-lo mesmo. Linda aspirou fundo. — Posso utilizá-lo sim, Rix, se você quiser ficar quietinho e se comportar decentemente. — Que quer dizer com isso, Linda? — E ela expli-

cou: — Eu já percebi que você e Nelda Heron estão bem, digamos, se divertindo um pouco. E a festa de Peg, para não falar em Tony. — Rix amarrotou o rosto. — Não se intrometa, — preveniu. — Tony adora Nelda e não ficaria agradecido a você. Além disso, trata-se de lamúrias de Peg é por que ela está chateada. Pouco depois Linda estava em seu quarto, pensando no aviso de Rix: "Fique de fora. Farei o que bem entender, apesar de Dennison e de minha mulher, mas nada me interessam". E Linda se deitou, pensando em Tony...



Horace Anderson foi dormir. — Ele tem medo que uma de nós...



— Tenho uma confissão a fazer!...



Linda abraçou Alice Anderson...

Na noite seguinte Linda foi visitar os pais de Rix no hotel em que estavam. Jantaram e foram para o apartamento dos Anderson, onde falaram de Benfield, dos pais de Linda e de outras coisas. Pouco depois Anderson se desculpou. Estava cansado e precisava dormir, disse ele. Nova York o deixara exausto. — Você compreende, — disse Alice, — ele receia que uma de nós diga qualquer coisa sobre a fuga de Rix com Peg. Ele aceitou a situação por falta de outro remédio. Mas não quer saber de comentários a respeito nem de perdoar o filho. — Linda respondeu: — Pois eu gostaria que ele o perdoasse. Eu já, — e Linda olhou para Alice. —

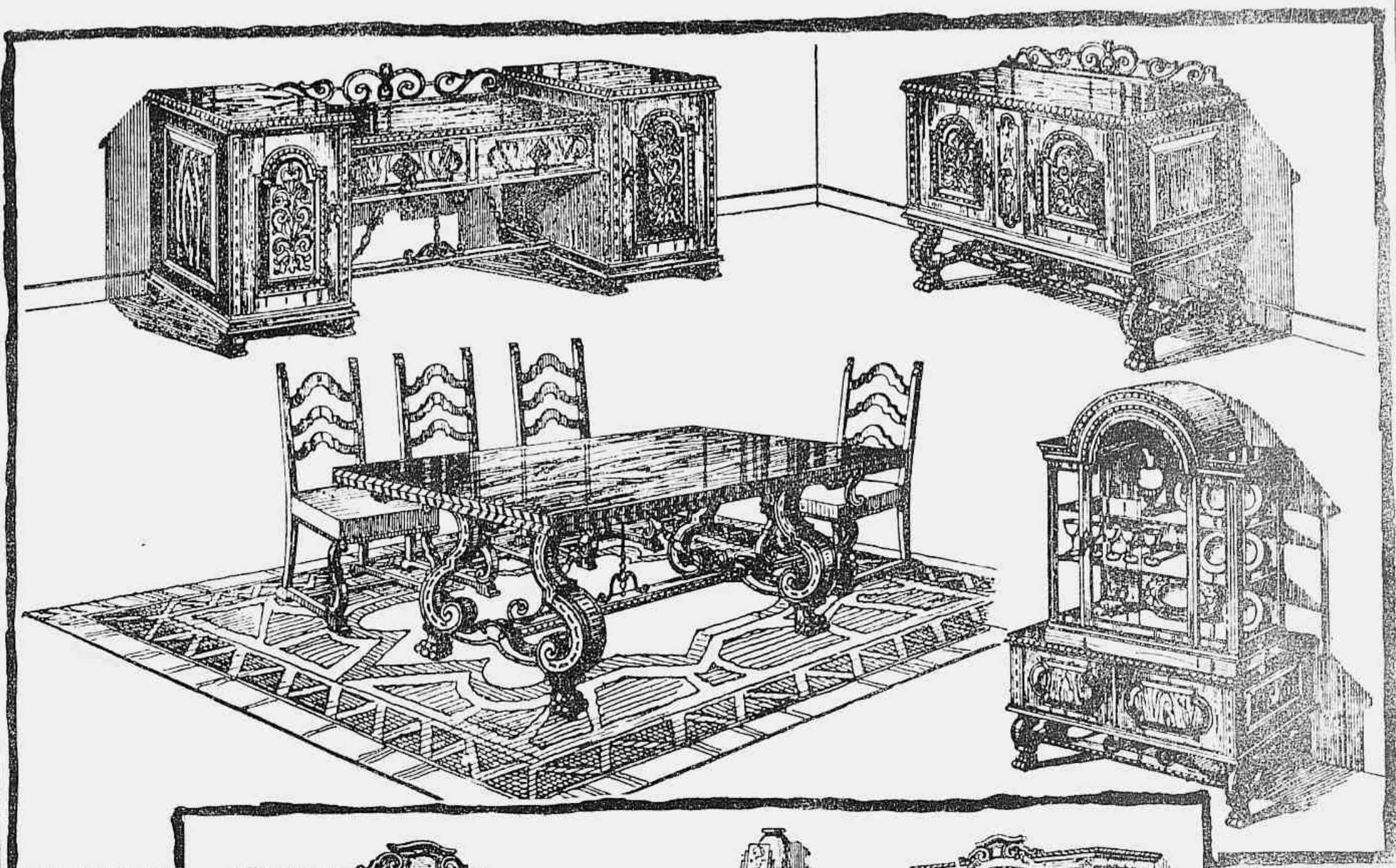
Oh, meu bem, não fique assim. Está tudo bem e mais que liquidado. Estou em ótimas condições.

— Eu queria poder acreditar nisso, Linda. Você é tão forte, tão decidida. E sei que odeia magoar os outros. — Devia haver algum modo de convencê-la, pensou Linda, de mandá-la de volta a Benfield com a consciência tranquila, o coração mais feliz. — Tenho uma confissão a fazer, tia Alice, — disse ela. — Há um outro... — Alice mostrou-se incrédula. — Não é possível... assim tão cedo! — Que reputação eu tenho, pensou Linda, que cartaz de teimosa... Primeiro Tony; agora Alice. Ela sorriu. — Mas há. Por isso você não

precisa se preocupar desta maneira. — Alice Anderson ficou contente. E no entanto Linda sabia que ainda restava alguma mágoa, que seria eterna, pelo menos. — Será... será que é alguém que eu conheço? — perguntou Alice. — Não posso dizer, — disse Linda, — porque ele ainda não sabe, embora eu já tenha anotado a minha campanha. Por enquanto é só o que posso dizer. Mas fique descansada, pois é verdade. Alice sorriu e pensou: "Você, minha querida, está ficando uma perfeita mentirosa". Linda então abraçou-a: — Olhe, tia Alice, risque-me da sua lista de preocupações...

TAPETES • NACIONAIS, • FRANCESES, • INGLESES, • AMERICANOS, • PORTUGUESES, • INDIANOS, • PERSAS (LEGÍTIMOS), ETC.

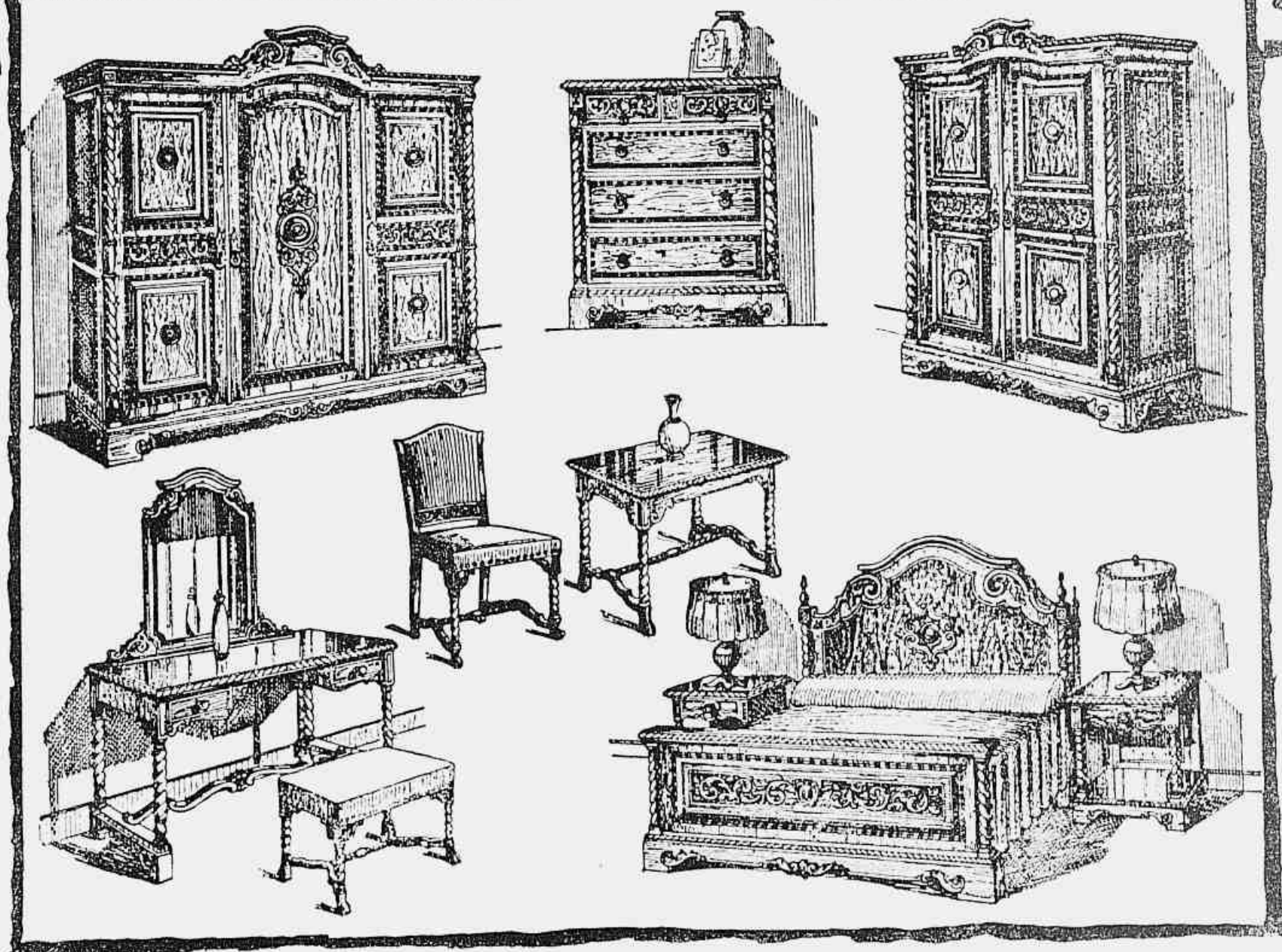
TAPETES • NACIONAIS, • FRANCESES, • INGLESES, • AMERICANOS, • PORTUGUESES, • INDIANOS, • PERSAS (LEGÍTIMOS), ETC.



SALA DE JANTAR EM ESTILO ESPANHOL

★ BUFFET
ETAGÈRE
CRISTALEIRA
MESA DE EXTENSÃO
2 POLTRONAS
6 CADEIRAS

JACARANDA MACIÇO ESCULTURADO



DORMITÓRIO COLONIAL

★ GUARDA-VESTIDOS
GUARDA-CASACAS
CAMISEIRO
CAMA DE CASAL
PENTEADEIRA
BANQUETA
2 MESINHAS
MESA DE CENTRO
2 CADEIRAS

JACARANDA MACIÇO ESCULTURADO

Mobiliários • Tapeçarias • Decorações

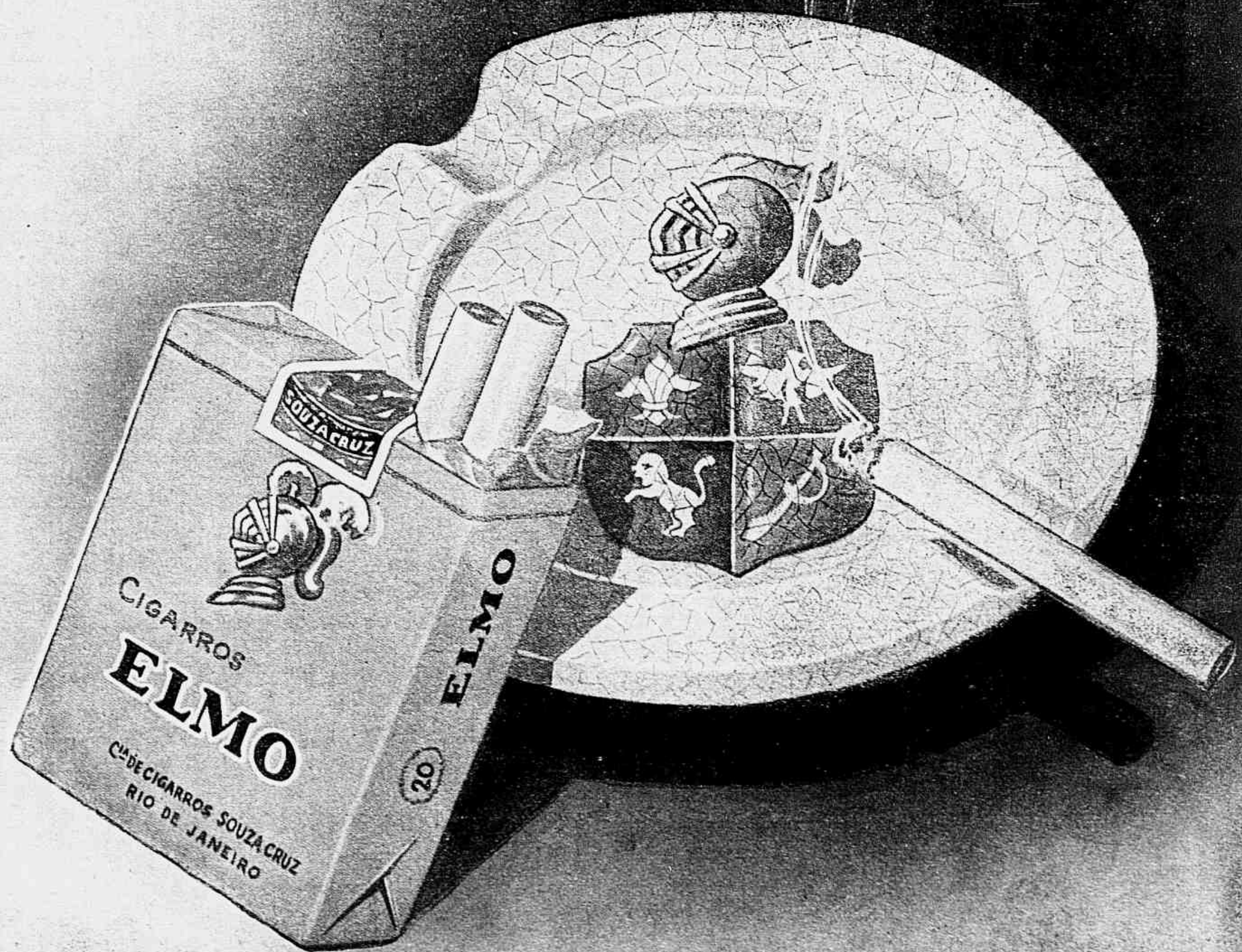
ORÇAMENTOS GRÁTIS



65 -- RUA DA CARIOCA 67 -- RIO

Himmel

CIGARROS
ELMO



CIA. DE CIGARROS *Souza Cruz*